

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP**

**Sérgio Lucas Câmara**

**PSICOLOGIA E RELIGIÃO:  
Uma análise da produção em psicologia e a orientação aos padres  
quanto à situação de morte.**

**Mestrado em Psicologia Clínica**

**São Paulo  
2017**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP**

**Sérgio Lucas Câmara**

**PSICOLOGIA E RELIGIÃO:**

**Uma análise da produção em psicologia e a orientação aos padres quanto à  
situação de morte.**

**Mestrado em Psicologia Clínica**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, pelo Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Marlise Aparecida Bassani.

**São Paulo  
2017**

Autorizo a reprodução parcial ou total deste trabalho, por processo de fotocopiadora ou eletrônico, exclusivamente para fins acadêmicos, com a devida citação bibliográfica.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local e Data: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

Dedico este trabalho a **MARIA LUCAS CÂMARA** (*in memoriam*)

Àquela que, com a própria vida,  
ensinou-me a enxergar o morrer e a morte  
com naturalidade, com dignidade e sem temor;  
como oportunidade derradeira de expressar  
simplesmente o mais nobre dos sentimentos.

Pesquisa desenvolvida com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## **Agradecimentos**

Antes de tudo e de todos, a Deus sempre!

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Marlise A. Bassani, pela convicção no exercício da sua função e por ter acreditado, acolhido e, com admirável dedicação, acompanhado todo o processo de desenvolvimento deste estudo.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Helena Pereira Franco, com quem tenho tido enriquecedora experiência de crescimento, por compartilhar seus conhecimentos, estimular a produção científica e aceitar participar deste projeto.

Ao Prof. Dr. Alex Villas Boas Oliveira Mariano pelo interesse em acompanhar essa trajetória e apresentar importantes contribuições a este estudo.

Às Professoras Dra. Maria Elizabeth Montagna e Dra. Daniele Pompei Sacardo, pela disponibilidade em participar deste projeto e incentivo à pesquisa científica e à Prof.<sup>a</sup> Dra. Ida Elizabeth Cardinalli, pelo apoio e discussões em sala de aula.

Aos colegas da pós-graduação, que formam uma equipe de apoio mútuo e compartilham importantes momentos na construção do saber, em especial Thales, Felipe e Ricardo.

Ao Pe. Dr. Tiago Gurgel do Vale, grande amigo, que incentivou os primeiros passos deste empreendimento e acompanhou todas as etapas.

Aos meus irmãos e sobrinhos, que acompanham meus projetos, demonstrando apoio e encorajamento.

Ao amigo Ricardo Sebastiani e aos colegas do Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia da Saúde – Nêmeton, pela parceria e incentivo constante.

A Vera Maria B. V. C. Pita e Ligia T. Pezzuto, pelo apoio técnico na diagramação e revisão do material e empolgação em participar deste projeto.

A todos aqueles e aquelas que atendi e atendo na clínica psicológica e na comunidade religiosa, especialmente nas situações de morte, pois muito me ensinam sobre sofrimento e esperança, respeito e dignidade, superação, serenidade, fé e a importância de saber conjugar ciência e religião no cuidado com o ser humano.

*“Nenhum de nós vive para si mesmo e nenhum de nós morre para si mesmo. Se vivemos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor.”*

(Rm, 14,7-8)

CÂMARA, S. L. **Psicologia e religião**: uma análise da produção em psicologia e a orientação aos padres quanto à situação de morte, 2017. 137p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

## RESUMO

Considerando os estudos sobre morte no campo da psicologia, a relação entre psicologia e religião e a frequente atuação dos padres católicos em situações da finitude, este estudo teve por objetivo realizar uma revisão sistemática e crítica da produção da psicologia no Brasil, que articule os temas da morte com a religião, especialmente o cristianismo católico. Foram realizadas buscas na Plataforma BVS-Psi, integrada à Scielo, no período de 2011 a 2016 e selecionados artigos publicados em periódicos Qualis/CAPES A1, A2, B1 e B2, escritos originalmente em português, publicados no Brasil, tendo pelo menos um psicólogo entre os autores. De acordo com os critérios estabelecidos foram selecionados apenas seis artigos. Desses, nenhum explorou a dimensão religiosa ou espiritual ao tratar da morte, embora o tema tenha emergido nas pesquisas. O material coletado foi submetido à análise, de acordo com três categorias: características de identificação, características metodológicas e características de conteúdo. Realizou-se também um levantamento junto aos documentos da Igreja Católica que se referem à formação e orientação aos padres, com relação à morte e ao morrer. Os resultados obtidos sobre a produção em psicologia revelam um baixo número de artigos publicados que relacionam a morte à religião e ainda, quando aparece nos artigos sobre morte/luto, o tema da religião/espiritualidade não é explorado. Da mesma forma, os artigos sobre religião/espiritualidade em psicologia não exploraram o tema da morte/luto. Entretanto, identificamos significativas possibilidades de articulação entre psicologia e religião em situação de morte. No que se refere especificamente ao catolicismo, os artigos produzidos em psicologia não revelam conhecimento sobre os três momentos organizados pelo cristianismo católico para lidar com a morte e o morrer. Por outro lado, a orientação da Igreja aos padres quanto à situação de morte revela-se mais significativa na organização dos rituais, mas sem referências aos avanços da produção em psicologia, o que evidencia a necessidade de a formação dos religiosos aproximar-se do conhecimento psicológico. No campo da psicologia, esta pesquisa expõe uma lacuna nos estudos que articulam a morte/luto com a religião/espiritualidade, especialmente quanto ao cristianismo católico, que conta com a adesão de uma considerável parcela da população brasileira. Assim, esta pesquisa sugere mais estudos exploratórios que se apropriem da importância da religião em, pelo menos, duas perspectivas: expansão do saber psicológico e atuação clínica com enlutados. A parceria entre religião e psicologia pode, portanto, beneficiar tanto a atuação dos psicólogos quanto dos padres, no atendimento à situação de morte. Apoio CNPq.

**Palavras-chave:** Morte; Religião; Rituais; Padres; Revisão Bibliográfica.

CÂMARA, S. L. **Psychology and religion**: an analysis of production in psychology and guidance to priests regarding the situation of death, 2017. 137p. Dissertation (Master degree in Clinical Psychology) - Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2017.

### **ABSTRACT**

Considering the studies on death in the field of psychology, the relationship between psychology and religion and the continuous action of Catholic priests in situations of finitude, this study had the objective of carrying out a systematic and critical review of the production of psychology in Brazil, articulating the themes of death with religion, especially the Catholic Christianity. Researches were performed on the BVS-PSi Platform, integrated to Scielo, from 2011 to 2016, and papers published in Qualis/CAPES A1, A2, B1 and B2 journals were selected, originally written in Portuguese, published in Brazil, having at least one psychologist among the authors. According to the established criteria, only six articles were selected. Of these, none of them explored the religious or spiritual dimension in dealing with death, although the theme had emerged in the researches. The collected material was submitted to analysis, according to three categories: identification characteristics, methodological characteristics and content characteristics. A survey was also made with the documents of the Catholic Church with reference to the formation and guidance to priests, regarding death and dying. The results obtained on psychology production revealed a low number of published articles which link death to religion, and even when it appears in the articles on death/mourning, the theme of religion/spirituality is not explored. Likewise, the articles on religion/spirituality in psychology did not explore the subject of death/mourning. Nevertheless, we have identified significant possibilities of articulation between psychology and religion in the situation of death. With specific reference to Catholicism, the articles produced in psychology are depleted of knowledge about the three moments organized by Catholic Christianity to deal with death and dying. On the other hand, the guidance of the Church to the priests regarding the situation of death is more significant in the organization of rituals, but without references to the advances of production in psychology, which evidences the need for the religious formation to approach the psychological knowledge. In the field of psychology, this research exposes a gap in the studies that articulate death/mourning with religion/spirituality, especially regarding the Catholic Christianity, which counts with the adhesion of a considerable portion of the Brazilian population. Therefore, this research suggests more exploratory studies that appropriate the importance of religion in, at least, two perspectives: expansion of psychological knowledge and clinical practice with mourners. The partnership between religion and psychology can therefore benefit the performance of both psychologists and priests in dealing with the situation of death. Supported by CNPq.

**Keywords:** Death; Religion; Rituals; Priests; Bibliographic Review.

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 01	Desdobramentos na associação dos descritores para buscas <i>on-line</i> no campo da Psicologia, em torno das expressões “psicologia”, “morte”, “luto”, “religião” e “espiritualidade” e outras.....	73
Tabela 02	Resultado das buscas <i>on-line</i> na plataforma BVS-Psi, a partir do desdobramento de descritores, de artigos publicados no Brasil.....	75
Tabela 03	Produção de artigos científicos na área da Psicologia, sobre morte, luto, religião e espiritualidade, rituais, Igreja Católica, catolicismo e padres, publicados no período de 2011 a 2016.....	77
Tabela 04	Artigos publicados em periódicos A1, A2 e B2, que entrelaçam as temáticas da morte/luto e religião/espiritualidade na área da Psicologia, no Brasil, no período de 2011 a 2016.....	78
Tabela 05	Identificação da formação dos autores por artigo.....	80
Tabela 06	Local de realização da pesquisa.....	81
Tabela 07	Instituição dos pesquisadores .....	82
Tabela 08	Classificação Qualis/Capes dos periódicos .....	83
Figura 01	Artigos publicados entre 2011 e 2016 .....	84
Tabela 09	Procedimentos metodológicos .....	86
Tabela 10	Análise do conteúdo: relação entre morte/luto e religião/espiritualidade e a atuação do profissional psicólogo.....	87
Tabela 11	Classificação dos documentos da ICAR/CNBB sobre a orientação aos padres – tipo e abrangência.....	94
Tabela 12	Características do conteúdo dos documentos – ICAR/CNBB.....	96
Figura 02	Síntese das publicações dos documentos da ICAR e da CNBB, das publicações por ano.....	100

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC	Catecismo da Igreja Católica;
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;
CV II	Compêndio do Vaticano II;
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana;
LELu	Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto;
MR	Missal Romano (Congregação para o Culto Divino, 2011, 15. ed.);
NP	Nossa Páscoa: Subsídios para a Celebração da Esperança (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2015 – 8ª impressão);
OT	Decreto <i>Optatam Totius</i> (Concílio Vaticano II, 1965);
PDV	Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Formação dos Sacerdotes “ <i>Pastore Dabo Vobis</i> ” (João Paulo II, 1992);
PO	Decreto <i>Presbyterorum Ordinys</i> (Concílio Vaticano II, 1965);
RC	Instrução <i>Ad Resurgendum cum Christo</i> a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação (Congregação para a Doutrina da Fé, 2016);
RFIS	Dom da Vocação Presbiteral – <i>Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis</i> (Congregação para o Clero, 2016);
SC	“Constituição Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia;
UE	Rito da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral (Congregação para o Culto Divino, 1972);

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	13
1.1 Trajetória Pessoal	16
1.2 Objetivos	21
<b>2 PSICOLOGIA, RELIGIÃO E SITUAÇÃO DE MORTE</b>	26
2.1 Capítulo 1 – Psicologia e Situação de Morte	26
2.2 Capítulo 2 – A Relação entre Psicologia e Religião	38
2.3 Capítulo 3 – Orientação aos Padres e Situação de Morte	52
<b>3 MÉTODO</b>	69
<b>4 RESULTADO E ANÁLISE</b>	75
<b>5 DISCUSSÃO</b>	102
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	117
<b>REFERÊNCIAS</b>	121
<b>ANEXOS</b>	125

## 1 INTRODUÇÃO

O olhar diferenciado sobre um fenômeno é o ponto de partida de um processo de investigação. Se a inquietação surge, é natural que o interesse aumente e o impulso para uma nova tarefa se instale. Pode se tratar de algo inédito ou de algo comum que recebe um olhar inédito. Entre os temas comuns, encontram-se aqueles que são conhecidos como tabus, sobre os quais se evita falar, mas que acabam despertando o interesse de algumas poucas pessoas, entre essas, as que se identificam com a pesquisa. Situações ou acontecimentos vividos com certa naturalidade podem ser vivenciados de forma diferente por alguém que se decide pelo longo percurso da investigação científica. Inicia-se o processo de exploração de um tema e a compreensão do porquê de tal trabalho poder contribuir não apenas para com aquele que pesquisa, mas também para com outros pesquisadores e demais pessoas que ainda não encontraram oportunidade para refletir e falar sobre o assunto.

É assim que vejo o tema da morte, um assunto tão antigo e tão comum, mas que continua tabu. “Vamos falar sobre outra coisa” é o que muita gente diz quando ela entra na conversa. “Mas por que sobre a morte?”, essa pergunta tornou-se frequente para mim e me acompanha desde quando superei a barreira de mostrar o interesse pelo assunto. Refiro-me não apenas às pessoas do meu cotidiano, mas também a alguns colegas e professores dos tempos de graduação em Psicologia. Ainda nas tímidas buscas iniciais, tentando desenhar um caminho, à medida que encontrava publicações a respeito, descobria que, apesar do estranhamento daqueles que me cercavam, muita gente já estava falando sobre a morte.

Há um considerável tempo, de lugares variados, inclusive do patamar da Psicologia, a morte muitas vezes ocupava o centro de algumas discussões. Esse tema ultrapassa os limites de uma única área do conhecimento, dentro e fora do Brasil. O antropólogo José Carlos Rodrigues publicou há mais de trinta anos, em 1983, a primeira edição de *Tabu da Morte*. A reedição dessa obra, em 2006, é um claro sinal de que o tema realmente desperta interesse. A descoberta desse vasto campo de exploração do saber, que continua crescendo, mostrou-me o espaço que eu procurava para aliar meus interesses aos de outras pessoas sobre o assunto.

Assim, permito-me mais uma vez aproximar-me do universo dos pesquisadores sobre o tema da morte, na perspectiva da interface entre psicologia e religião, ciente de que, em ambas as áreas do saber, o assunto ainda comporta várias lacunas para investigação. Ao dizer que mais uma vez me aproximo do tema, refiro-me a outros momentos em que realizei pesquisas sobre morte e luto. A primeira, quando da elaboração do trabalho de conclusão da graduação em Psicologia, em conjunto com Thaís Abastro Iglesias: *Um estudo sobre a relação do paciente oncológico adolescente com a doença e a morte*, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Ms. Regina Célia Pawlovski Mena, Universidade São Marcos, 2010. Após a graduação, participei do curso de aprimoramento com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Helena Pereira Franco (LELu-COGAE-PUC/SP), cuja monografia foi apresentada na XII Jornada da Clínica de Psicologia “Ana Maria Poppovic”, com o título: *A mudança da violeta, um estudo sobre luto não autorizado*, na PUC-SP, 2013. Recorri ainda a outros cursos e eventos relacionados ao tema da morte e luto, que culminaram com a presente pesquisa, em nível de mestrado.

Com o título *Psicologia e Religião: Uma Análise da Produção em Psicologia e a Orientação aos Padres quanto à Situação de Morte*, esta pesquisa propôs-se a conjugar conhecimentos de duas áreas distintas, Psicologia e Religião. Aqui considero importante destacar que adotei as expressões “Situação de Morte” e “Orientação aos Padres” com o intuito de dialogar com a produção da Psicologia com relação à morte, sem restringi-la apenas como um evento pontual, mas levando em conta também aquilo que a cerca. Da mesma forma, ocupei-me de investigar como os padres são orientados para lidar com a situação de morte. Sobre esses esclarecimentos, retornarei na exposição dos objetivos.

Finalizo esta introdução dizendo que concordo com o que pensa e expressa a maioria das pessoas: falar sobre a morte não é agradável, não é fácil, não é tranquilo. Falar sobre morte é falar de algo que aflige a nós mesmos, é entrar numa atmosfera delicada e repleta de fortes emoções que, de uma hora para outra, podem estar muito próximas de nós. É realmente um assunto que causa uma reação de esquivar-se para muitas pessoas, entretanto considero tratar-se de um tema que continua necessitado de reflexão, estudos, investigações e questionamentos. Isso, talvez, nos ajude a lidar cada vez melhor com a situação em si. Acredito que esta investigação pode auxiliar no enfrentamento da situação de morte, tonando-se

importante, sobretudo, para aqueles cuja realidade da morte está mais presente no cotidiano, como é o caso dos psicólogos no atendimento de pessoas enlutadas e padres que lidam frequentemente com a situação, seja em comunidades, seja em capelania hospitalar.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, após apresentar a trajetória pessoal que justifica o interesse pelos temas abordados, exporei os objetivos, bem como a composição da fundamentação teórica, em três capítulos. O objetivo geral foi realizar uma revisão sistemática da produção de artigos científicos publicados na área da Psicologia no Brasil, na plataforma BVS-Psi, nos últimos cinco anos, que articulam o tema da morte/luto com a religião, na perspectiva de identificar especialmente uma relação com o cristianismo católico. No primeiro capítulo, acompanhamos como a psicologia, que se debruça sobre tantas questões a respeito do ser humano, passa a ocupar-se sobre a morte e o sofrimento por ela causado. Para a Psicologia agregar e sistematizar os estudos sobre tanatologia, ela considerou o pioneirismo de alguns autores que se destacaram em pesquisas sobre morte e luto, sem serem psicólogos. Essas referências receberam um olhar psicológico e contribuíram para o desenvolvimento das pesquisas sobre morte e luto nesse campo do saber.

O segundo capítulo aborda a relação da Psicologia com a Religião na pós-modernidade. O distanciamento entre Religião e Ciência, fortemente caracterizado na modernidade, iniciou um processo diferente, à medida que se constatou que o modelo de desenvolvimento que valida somente o que é mensurável fez com que ocorresse, no Ocidente, um subdesenvolvimento de valores humanos, morais e intelectuais (MORIN, 2015). É nesse contexto que a ciência volta a olhar para a religião e, ainda com resistência em várias áreas e por parte de muitos pensadores, permite uma reaproximação. Essa nova relação emerge e desenvolve-se com a necessidade de clarear a compreensão sobre a religião, abrangendo conceitos sobre religiosidade, espiritualidade e mesmo sobre religião.

O terceiro capítulo teórico trata, especificamente, sobre a orientação que os padres da Igreja Católica Apostólica Romana recebem, no seu processo formativo, para lidarem com a situação de morte. Foram analisados os documentos oficiais produzidos pela Igreja, com o objetivo de identificar o que consta sobre a morte, de modo especial, a respeito da atuação dos padres. Destacaram-se, nesse capítulo,

as publicações relativas aos rituais religiosos do cristianismo católico que se relacionam com três momentos importantes da situação de morte: a enfermidade grave e proximidade da morte, o momento da morte e os primeiros dias após a morte. É comum ao cotidiano dos padres a solicitação de atendimento nessas circunstâncias e nesses casos a Igreja oferece orientações específicas.

Após a fundamentação teórica, foi realizada a busca *on-line* por publicações sobre morte, luto, religião, religiosidade e espiritualidade, na área da psicologia, cujos critérios de inclusão dos artigos estão definidos no capítulo sobre o método. O material coletado passou por uma análise e posterior discussão de acordo com os objetivos desta pesquisa. Ao final, foram registrados avanços e lacunas que sugerem novas investigações.

### **1.1 Trajetória Pessoal**

Ao longo de dezesseis anos de atuação como padre católico na Arquidiocese de São Paulo, pude me dar conta, desde o princípio, da complexidade no atendimento de algumas situações que se apresentavam ao exercício das funções de um religioso. Assim como acontece com algumas profissões, quando um padre se dispõe ao atendimento de uma pessoa que busca ajuda, não sabe exatamente o que vai encontrar pela frente, mas com certeza espera que seus conhecimentos, práticas e experiências sobre a religião e a espiritualidade possam capacitá-lo para atender à demanda. No entanto, quando se trata de enfermidades graves e morte, o impacto da situação requer uma atenção especial, requer postura e atitudes peculiares que deverão ser acompanhadas por aquilo que a religião e a espiritualidade podem oferecer naquele momento. Desse modo, espera-se que pessoas que atuam diretamente nessa realidade estejam preparadas para lidar com a situação. É lamentável, porém, perceber que nem sempre religiosos, profissionais da área da saúde e outros tenham habilidade para responder à demanda da situação. Acontece, não poucas vezes, de familiares se queixarem do comportamento tanto dos profissionais de saúde quanto dos religiosos nessas circunstâncias. Isso é o que tenho constatado em minha experiência.

Minha percepção sobre tudo isso me levou a refletir sobre como podemos e devemos agir diante de uma demanda tão específica que envolve, geralmente, intenso sofrimento humano. Pensando exclusivamente no caso dos padres, como eles são preparados para lidar com essa situação, que certamente será frequente em seu cotidiano? Olhando para minha própria trajetória, lembro que, por vezes, me senti inseguro e vivenciando uma angústia solitária diante de tal responsabilidade. Sem dúvidas, os rituais orientados pela Igreja Católica nessa situação direcionam a ação do padre, uma vez que o religioso poderia não saber exatamente o que falar ou como agir. Nesse sentido, o padre sente-se, de certa forma, protegido, amparado pelo ritual. Ao mesmo tempo, é preciso estar atento ao significado do próprio ritual para que este não seja esvaziado por ações quase que mecanizadas. Quando o significado de um ritual não aparece, surgem questionamentos, “por quês”, e o sofrimento continua na mesma intensidade.

Em todos esses anos, ouvi vários relatos de episódios doloridos pelos quais passaram pessoas que buscaram ajuda de um padre, quando se viram em situação de enfrentamento da morte. Quase sempre, a insatisfação estava relacionada à forma como o religioso atendeu ao pedido. Muitos desses relatos referem-se à impressão de distanciamento emocional por parte do padre ou uso de palavras ou atitudes pouco acolhedoras ou, ainda, comportamento inadequado. Infelizmente, eu mesmo presenciei algumas situações assim. Por outro lado, em conversas informais com colegas padres, pude constatar o quanto alguns se sentem realmente desconfortáveis nessa situação, ainda que se sintam na obrigação de fazer alguma coisa. Sem explorar as razões do desconforto, ouvi deles o desabafo de que é uma situação na qual tentam abreviar a sua participação ou delegam a atividade a outra pessoa, quando possível.

Concretamente, uma situação que envolve morte é por si mesma uma situação que remete ao sofrimento. Contudo, vivemos numa época em que as pessoas não se esforçam para lidar com o sofrimento, como se pudessem excluí-lo da trajetória da vida. Pode até ser saudável, em alguns casos, empurrar o contato com a dor para bem longe, mas nem sempre isso é possível. No caso da morte, por mais que tentemos evitá-la, sabemos que se trata de um inimigo que nos acompanha desde o momento em que nascemos, um inimigo que está próximo o

tempo todo. Porém, o fato de termos a consciência de que somos seres mortais não nos capacita automaticamente para sabermos lidar com a situação.

Por outro lado, na perspectiva da fé cristã católica, podemos falar de uma relação ambivalente da morte com a vida. Ela, a morte, pode não ser vista apenas como um inimigo, mas também como um fenômeno que dá sentido à vida no aqui e agora. A morte carrega consigo um mistério que faz parte desta vida, vislumbrando uma vida que não se acaba, a vida eterna. Assim, para o cristianismo católico, a morte insere-se numa realidade maior, na qual adquire um significado de páscoa, passagem, uma visão, inclusive, bela de significados, embora não seja fácil abordar sobre o tema da morte também na linguagem cristã. Blank (2009) afirma que uma das tarefas mais importantes para a Teologia da Morte é formar uma linguagem que o homem atual compreenda, diferente daquela que se falava no início do Século XX.

Para os padres, ao serem convocados numa situação de morte, existe o recurso da compreensão religiosa sobre o assunto. As razões teológicas dos rituais no catolicismo são, a meu ver, revestidas de uma suave beleza, carregada de significados importantes. Muitas pessoas que acompanhei e acompanho encontraram na religião um suporte importante quando enfrentaram uma situação de morte. A teologia cristã católica tem sua forma própria de compreender e falar do tema, mas devemos ter claro que não é tarefa simples mostrar como as formulações teológicas se encontram com as necessidades humanas numa situação de morte. O discurso teológico sobre ela dá-se a partir da compreensão da Páscoa de Jesus e, portanto, uma leitura e interpretação pascal podem trazer conforto às pessoas enlutadas no momento da despedida. Entretanto, devemos perceber que o fato de um padre ter conhecimento sobre a escatologia cristã não significa necessariamente que esteja apto para administrar a situação. É preciso enfrentar o desafio de conciliar a atenção às pessoas com o significado cristão da morte, ou seja, expressar solidariedade para com os sentimentos dos enlutados e explorar o sentido pascal da morte na concepção cristã católica, num momento em que, certamente, as pessoas estão mobilizadas por intensa fragilidade emocional.

Quando envolvidas em situações de morte, é natural que as pessoas vivenciem fortes emoções, e isso pode ter implicações na compreensão de um discurso ou na capacidade de racionalizar alguns conceitos e informações. A situação demanda, inegavelmente, atitudes de acolhida, solicitude sincera e postura

de respeito à dor. Essas e outras questões em torno do ser humano, das suas emoções, sofrimentos e capacidade de enfrentamento levaram-me ao interesse pela graduação em Psicologia.

Ao buscar essa formação, muitas inquietações sobre o comportamento e funcionamento psíquico humano, presentes nos atendimentos religiosos, tornaram-se mais compreensíveis. Tornou-se mais claro que tanto a psicologia quanto a religião podem ajudar o ser humano a enfrentar situações de grande sofrimento e não é diferente em relação à morte. Porém, assim como acontece no processo de formação de padres da Igreja Católica, no Brasil, a graduação em Psicologia nem sempre aborda diretamente as questões relativas à morte. Refiro-me, portanto, ao que acontece na etapa formativa, quer seja de padres, quer seja de psicólogos, conforme pude constatar em contato com colegas de ambas as áreas e, principalmente, a partir da minha experiência nos dois processos formativos. O tema da morte apareceu relacionado à Tanatologia, na Psicologia, mas não foi devidamente explorado no decorrer do curso. Já no caso da graduação em Teologia, a morte é um tema apresentado na disciplina de Escatologia, relacionada à doutrina cristã, sobre a fé na ressurreição. Dessa forma, quando abordado, o tema da morte não teve relevância na graduação em Psicologia, bem como deixou de ser explorado na perspectiva prática, durante a graduação em Teologia.

Apesar dessa lacuna nas formações pelas quais passei, tanto na atuação clínica como psicólogo, quanto no atendimento religioso em comunidades, pude perceber que a situação de morte configurava-se num desafio que exige de padres e psicólogos uma atenção mais cuidadosa. Ao enveredar por esse caminho, percebi que, no campo da psicologia, há uma considerável literatura que aborda de forma específica as situações de morte e norteia a atuação do psicólogo. No caso dos padres, em geral, a atuação reduz-se àquilo que está prescrito nos livros específicos, mais sobre os ritos relativos à pessoa morta, do que a atenção ao sofrimento dos que estão envolvidos na situação. Assim, o padre não consegue esconder sua dificuldade e deixa-a transparecer de várias formas como esquivar-se da proximidade com o corpo da pessoa falecida ou mesmo dos familiares. Cabe aqui lembrar que a tristeza não é o único sentimento vivenciado pelas pessoas em situações de morte; outros sentimentos, como a raiva, podem se fazer presentes e

são manifestados como afirma Kübler-Ross (2008), Parkes (1998) e eu mesmo pude observar claramente em vários atendimentos.

Quando solicitado, o padre acredita estar prestando um serviço que irá beneficiar de alguma forma as pessoas enlutadas e, geralmente, não imagina que pode se deparar com uma pessoa que está aparentemente revoltada, numa situação pública, como é um velório. Torna-se difícil saber agir, se não se levar em consideração que raiva e revolta também podem fazer parte dos sentimentos gerados pelo acontecimento e, portanto, não se trata de ofensa à sua pessoa ou contra a religião. Isso sinaliza a necessidade de uma melhor compreensão sobre o sofrimento humano diante da morte.

Para compreender de forma mais adequada essa situação, após graduar-me em psicologia, ingressei no Curso de Aprimoramento em Psicoterapia para Pessoas Enlutadas – Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto – LELu, vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde e ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Esse curso habilita psicólogos para uma intervenção necessária em situações de rompimento de vínculos significativos provocado pela morte, com a utilização de técnicas que incluem postura ética e crítica.

Busquei também outras formas de aproximação ao tema, como palestras e cursos. Sinto que todo esse movimento tem enriquecido a minha trajetória pessoal e busco que seja revertido na prática clínica, como psicoterapeuta, e no exercício das funções que desempenho junto a comunidades religiosas. Nas minhas duas atuações, procuro respeitar o espaço e o momento de cada uma delas. Assim como um homem pode acumular as funções de pai e professor e ter autêntica satisfação e realização no desempenho de ambas, atuando de forma apropriada em cada uma, exerço um esforço parecido no que diz respeito à atuação como psicoterapeuta, na clínica, e padre, na comunidade. Trata-se de formas distintas de atuação com elementos colaborativos entre as duas.

Meu olhar para essa convergência entre a Psicologia e a Religião encontrou eco na descoberta do Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Considerando as duas vertentes de

pesquisas que são desenvolvidas nesse Núcleo, Psicologia e Meio Ambiente e Psicologia e Religião, fui tomado pelo desejo de realizar uma pesquisa que envolvesse tanto a psicologia quanto a religião, que resultou no ingresso nesse Programa, com a presente pesquisa.

## **1.2 Objetivos**

Desde o início da época moderna, caracterizada pelo domínio da técnica, que trouxe ao pensamento científico a rigorosa exigência de métodos empíricos na construção do saber, alguns obstáculos epistemológicos são considerados para o reconhecimento da subjetividade na Psicologia Clínica (NEUBERN, 2001).

Segundo Duarte (2010), a ciência e a técnica só se interessam pelos entes em sua possibilidade de cálculo, organização, planejamento e previsibilidade, ou seja, o conhecimento deve ser fundamentado em experimentos realizados de maneira metódica e sistemática por meio da quantificação e mensuração exatas, conferidas pelo domínio de técnicas estabelecidas.

Esse autor afirma também que o exercício do poder e do controle científico calculado sobre tudo, no entanto, não garantiram ao homem mais felicidade. O pensamento técnico-científico fez com que a Teologia, por exemplo, como área de estudo, caminhasse para um lugar de pouca evidência. Historicamente, esse distanciamento está relacionado ao pensamento positivista que dominou parte da cultura europeia, sendo o pensador francês Auguste Comte (1798-1857) seu grande influenciador, segundo Silvino (2007). Comte defendia a ideia de que o conhecimento verdadeiro a ser reconhecido seria apenas o conhecimento científico. O Positivismo, enquanto corrente de pensamento filosófico, sociológico e político, rebate as ideias oriundas da religião e teologia, com o argumento de que elas não colaboraram para o desenvolvimento da humanidade. Entretanto, a preocupação com a religião e espiritualidade, aos poucos, retornou ao cenário das pesquisas. Esse retorno configura-se num processo cada vez mais visível e fortalecido, conforme comprovamos nos levantamentos de investigações científicas que

abordam temas como religião e espiritualidade, inclusive no campo da Psicologia Clínica.

Se a temática que envolve religião e espiritualidade, apesar da crescente visibilidade, ainda carece de muitas pesquisas e aceitação, o tema da morte, por sua vez, há muito já tem um lugar mais definido na pesquisa científica. É notório o avanço dos trabalhos em torno desse tema no campo da Psicologia. A complexidade dele permite a exploração de aspectos específicos relacionados ao evento da morte, inclusive devido às diversas circunstâncias percebidas quando ela acontece. As mortes por doenças, bem como aquelas que ocorrem nas guerras continuam fazendo parte da realidade atual, mas algumas peculiaridades chamam a atenção dos pesquisadores e dão origem a investigações bem mais definidas, como os estudos recentes, por exemplo, sobre suicídio (FUKUMITSU, 2014). A Organização Mundial de Saúde publicou, em setembro de 2016, a notícia de que a cada 40 segundos morre uma pessoa no mundo, devido ao suicídio<sup>1</sup>. Os dados sobre o assunto levam ao reconhecimento do suicídio como um grave problema de saúde pública, sendo a segunda principal causa de morte entre jovens com idade de 15 a 29 anos e setenta e cinco por cento dos casos ocorrem em países de baixa e média renda, segundo dados de 2012 da agência da Organização das Nações Unidas. Sobre esse assunto, é importante ressaltar que, para cada morte consumada, há um número maior de pessoas que tentam suicídio a cada ano.

Além do suicídio, outras especificidades surgem nas pesquisas sobre a morte e também sobre o luto e o leque só cresce nos últimos anos. Encontramos trabalhos sobre luto infantil, violência urbana e tantos outros assuntos que se relacionam com a morte e despertam o interesse de pesquisadores. Todas essas investigações possibilitam uma compreensão melhor sobre a morte e o luto, o que pode qualificar mais ainda a capacidade daqueles que lidam diretamente com a situação de morte.

No caso desta pesquisa, ao adotar a expressão “situação de morte”, refiro-me àquilo que a circunscribe, ou seja, elementos que remetem à morte, o que a precede e a sucede num determinado período de tempo, bem como o momento em

---

<sup>1</sup> OMS – Organização Mundial da Saúde, publicado em 12 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

que ela acontece. Trata-se de uma ampliação em torno do tema, com o propósito de facilitar a relação com a outra expressão adotada, “orientação de padres”.

Ao falar da “orientação de padres”, reporto-me ao que é posto no processo de formação inicial e permanente dos padres da Igreja Católica Apostólica Romana. Importante destacar que o termo padre, em publicações brasileiras, pode ser substituído por “clérigo”, “presbítero” ou “sacerdote” para se referir à mesma figura religiosa. Neste trabalho, adotaremos a expressão “padre” por ser, no imaginário popular brasileiro, a que mais identifica a liderança religiosa à qual se refere esta pesquisa. Ao fazer referência à orientação dos padres, abordo o que é oficialmente estabelecido pela Igreja. Dentro da estrutura organizacional da Igreja Católica Apostólica Romana, são determinadas algumas orientações adotadas como oficiais que fazem parte do ser e do agir da Igreja em qualquer país onde esteja presente. No Brasil, por exemplo, ao criar um “seminário” ou uma “casa de formação” de padres, é necessário considerar os documentos pontifícios, documentos publicados pela Congregação para o Clero, órgão da Cúria Romana responsável por analisar matérias relacionadas a padres, diáconos e supervisão e educação religiosa dos católicos. Em cada país, entretanto, é possível elaborar outros documentos sobre o mesmo assunto, de acordo com a realidade local, que estejam em consonância com os documentos pontifícios.

Portanto, durante o tempo de formação dos padres, os documentos são estudados, sendo acrescida ou não a leitura de outras publicações, a depender dos responsáveis pelo processo. Na presente pesquisa, destaco como fundamental a orientação contida nos documentos pontifícios como base para formação dos padres católicos em qualquer país. O ponto de partida são os documentos oficiais da Igreja Católica Apostólica Romana relativos à formação do clero, depois os documentos produzidos especificamente no Brasil, que tratam da mesma questão, com o objetivo de identificar, nesses documentos, a forma como o tema da morte é abordado.

Acredito que esses esclarecimentos sobre as expressões auxiliam a alinhar o pensamento do leitor com os propósitos deste trabalho. Ambas as expressões serão interligadas aqui pelo arcabouço desenvolvido pela Psicologia nos últimos anos, no que tange a trabalhos relativos à morte/luto e à religião/espiritualidade.

Alguns precursores foram especialmente importantes para destacar trabalhos que envolvem a situação de morte. São largamente reconhecidos os estudos de Philippe Ariès (1914-1984), Elizabeth Kübler-Ross (1926-2004), Colin Murray Parkes e outros. Entre esses, há os que desenvolveram suas pesquisas mais especificamente sobre a morte e os que se concentraram nos trabalhos sobre a elaboração do luto, como é o caso de Parkes, que continua oferecendo contribuições aos pesquisadores atuais.

Numa dimensão mais próxima da nossa realidade, podemos citar com segurança os dedicados trabalhos desenvolvidos por Maria Júlia Kovács e Maria Helena Pereira Franco, respectivamente sobre morte e luto. Trata-se de duas formas distintas de enviesar uma pesquisa, o que não é necessário neste trabalho, como espero que seja percebido ao longo da elaboração. Ao usar o termo “situação de morte”, pretendo não restringir o olhar a um ou outro viés (morte ou luto), mas navegar entre as contribuições que vários pesquisadores podem oferecer ao propósito deste estudo.

Feita essa consideração, destaco o interesse da Psicologia pela religião/espiritualidade, conforme mostram alguns trabalhos. É possível encontrar, já há algum tempo, importantes pesquisas que relacionam a Psicologia à Religião/Espiritualidade. Ancona-Lopez (2008) reflete sobre a religiosidade dos psicólogos. Paiva (2001), na psicologia social, refere-se a um renovado interesse pela religião. Vergote (2001) aborda a relação entre psicoterapia e religião. Amatuzzi (2008) apresenta um “esboço da teoria do desenvolvimento religioso”. Kovács (2007) fala em cuidados compartilhados entre psicologia e espiritualidade. Pargament (2007) discorre sobre a possibilidade de uma Psicoterapia Espiritualmente Integrada e afirma que as experiências religiosas e espirituais do paciente não ficam na sala de espera, mas, uma vez apresentadas pelo paciente, devem ser consideradas no processo da psicoterapia. O trabalho desses e de outros autores que abordam a religião e/ou espiritualidade mostra a necessidade de mais pesquisas que possibilitem a interlocução entre psicologia e outras áreas do saber.

Neste estudo, pretendeu-se trazer à tona a parceria entre Psicologia e Religião, tanto na construção do saber, quanto na prática exercida em ambos os territórios, contemplando os benefícios que a pesquisa pode oferecer às pessoas

que vivenciam intenso sofrimento numa situação de morte, quando há a possibilidade de uma preparação, antes do óbito.

### **1.2.1 Objetivo geral**

Realizar uma revisão sistemática e crítica da produção de artigos na área da psicologia, no Brasil, no período de 2011 a 2016, que articulam o tema da morte/luto com a religião, mais especificamente com o cristianismo católico romano.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

1 – Destacar colaborações da psicologia que possam ser utilizadas na atuação de padres para lidar com a situação da morte;

2 – Identificar nos documentos da Igreja Católica Apostólica Romana como se dá a orientação aos padres para lidar com a situação de morte;

3 – Realizar possíveis articulações entre os resultados da revisão sistemática em psicologia e as orientações da Igreja Católica, com relação à situação de morte, que subsidiem o saber e a atuação de psicólogos e padres.

## 2 PSICOLOGIA, RELIGIÃO E SITUAÇÃO DE MORTE

### 2.1 Capítulo 1 – PSICOLOGIA E SITUAÇÃO DE MORTE

É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do repouso derradeiro antes da longa viagem. (KÜBLER-ROSS)

Este capítulo tem por objetivo apresentar a forma como o tema da morte e do luto se inserem nos estudos e pesquisas em Psicologia, considerando que se trata de um assunto cercado de questionamentos e abordado por diversas áreas do conhecimento científico. Mesmo com tantas discussões, estudos, pesquisas e publicações, a morte continua sendo um tema tabu e a psicologia vem desenvolvendo várias investigações que muito auxiliam a compreender melhor a relação que o ser humano estabelece com a morte e o processo de elaboração do luto. Os avanços nessa área possibilitam também o desenvolvimento de técnicas que podem ser aplicadas na clínica psicológica, durante o processo de psicoterapia.

Por mais que, para muitas pessoas, ainda possa soar estranho o interesse pela morte, quer no cotidiano, quer nos meios científicos, a verdade é que esse assunto tabu invade nossas vidas. Às vezes, de forma às avessas, se comparada com aquela maneira que, historicamente, a humanidade estava acostumada. Se antigamente a morte chegava por uma doença ou notícia em situações mais naturais, hoje ela nos chega de forma impactante pela explosão de notícias sobre ataques terroristas, tragédias, violência urbana e tantas outras formas. Bauman (1998, p. 217) afirma que, na vida moderna, a morte foi submetida a uma divisão de trabalho, tornando-se uma preocupação de especialistas.

A morte se tornou um caso um tanto vergonhoso e embaraçante, um tanto aparentado com a pornografia, um evento a não ser discutido em público e, sobretudo, na frente das crianças. O morto e particularmente o agonizante foram retirados para além dos confins da vida diária, providos de espaços separados não acessíveis ao público e confiados ao cuidado especial de “profissionais”. A cerimônia pública elaborada e espetacular dos funerais foi substituída pelo breve e, em geral, privado sepultamento ou pela cremação do corpo, sob a eficiente supervisão de especialistas.

É bem verdade que hoje há algumas profissões que cuidam da morte, o que permite à maioria das pessoas esquivarem-se do assunto e não ser obrigada a lidar com a situação. Entretanto, não basta tentar esconder, bani-la do cotidiano, como se fosse possível eliminá-la completamente, tal qual deseja grande parte das pessoas. Desde as antigas culturas, encontramos provas de que o ser humano sempre desejou vencer a morte, mas ela continua sendo um inimigo imbatível. E ao ter consciência de não poder combatê-la, desenvolvemos formas de fragmentá-la em ameaças cada vez menores à sobrevivência.

Segundo Bauman (1998), o ser humano continua preocupado com as ameaças à vida, mas já não vê a morte por meio da imagem assustadora de um esqueleto vestido de preto trazendo uma foice na mão. Em vez de uma imagem que se compõe numa unidade, a morte e suas ameaças foram diluídas em inúmeras armadilhas e emboscadas da vida diária, como a alimentação contaminada, comida rápida e gordurosa, comportamento sexual promíscuo e sem segurança, falta de exercício físico, abuso do cigarro e outras substâncias nocivas à saúde, obesidade e tantas outras ameaças à vida que assustam as pessoas nos dias de hoje.

Devemos pensar que tudo isso, de certa forma, corresponde às diversas imagens com a qual a morte se mascara nos dias atuais. Algumas dessas ameaças até são empurradas para longe e acreditamos que conseguimos derrotá-las, quando, por exemplo, evitamos o uso de substâncias que causam dependência química. Entretanto, não conseguimos enxergar e combater todas as múltiplas imagens da morte.

Além do mais, devemos perceber que esse enfrentamento converte-se numa atividade que consome tanto tempo e energia, que não sobra sequer tempo nem energia para refletir sobre a “suposta” vaidade de tudo isso. Algumas perguntas emergem nesse cenário: até que ponto algumas atitudes estão realmente voltadas para a preservação da vida e da saúde e não apenas são tomadas por preocupação estética? Ou mesmo, até que ponto a estética é tão importante para a saúde e a vida? Certamente, encontraremos variadas respostas a essas questões, de pessoas que falam dos mais diferentes contextos sociais. E assim, na pós-modernidade, o ser humano vive uma ambivalência de comportamentos que se reflete nas questões morais, éticas, religiosas e também em relação à morte. Desejamos afastá-la para longe de nós o máximo que podemos, mas sabemos que continua por perto.

Certamente, por essa razão, estamos encontrando sempre mais estudos sobre ela e o tema perpassa várias áreas do conhecimento.

Em 2011, Barbosa *et al.* publicaram uma revisão sistemática da literatura, visando compreender como se dá a experiência da morte no seio da família. No caso dessa pesquisa, foram considerados apenas os estudos realizados na perspectiva fenomenológica de investigação, no período de 1997 a 2009. As autoras realizaram a pesquisa em duas etapas: a primeira foi quantitativa e a segunda, qualitativa. Do total de 54, restaram apenas 15 resumos que utilizaram o método fenomenológico, que foram submetidos à análise qualitativa, agrupados nas seguintes categorias temáticas: a) Experiências, significados e enfrentamento do luto e das perdas; b) A família e o paciente terminal; e c) Mortes inesperadas e seus impactos. Os resultados desse trabalho apontam a importância de subsídios para que se possa compreender, clarificar e refletir sobre como a sociedade se relaciona com a morte. Esse estudo localizou publicações em vários países, mas nas bases brasileiras, até o ano de 2006, há ausência de publicações relacionando os temas da morte, família e fenomenologia, diferente do que aconteceu com os estudos internacionais. No Brasil, de 2006 a 2009, foram publicados apenas 5 artigos, sendo que não há registro no ano de 2008.

No que se refere aos estudos realizados no Brasil, a ausência de publicação se configura numa lacuna. Acrescente-se a esse dado, a percepção de que o tema da morte entrou como secundário em duas das cinco publicações encontradas, sendo abordado em torno das discussões sobre câncer e hospitalização. A predominância do tema entre adultos mostra a carência de mais trabalhos junto a crianças e adolescentes, na abordagem fenomenológica.

Barbosa *et al.* (2011) sugerem a realização de novas pesquisas na abordagem fenomenológica que possibilitem a compreensão de como o fenômeno da morte vem sendo compreendido e significado no contexto familiar contemporâneo e que as reflexões possam devolvê-la ao seu lugar no interior da vida humana.

Outro estudo, que não faz restrição de abordagem, propôs-se a uma revisão da produção científica na área da psicologia sobre a morte (FARAJ *et al.*, 2013). Essa pesquisa incluiu apenas artigos brasileiros publicados em português, no período de 2002 a 2012. Entre as seis categorias de análise, três relacionam-se

diretamente a esta contribuição: concepções sobre a morte, família e morte e profissionais de saúde e morte. Com relação à primeira, pode-se falar de variações de acordo com o estágio de desenvolvimento do sujeito e também de um interesse em estudos teóricos que discutem sobre o entendimento de morte cerebral, a bioética no processo de morrer e as perspectivas sociais da morte. Na categoria que se refere à família, destaca-se o processo do luto, relacionado tanto à família, quanto ao paciente terminal. Os artigos dessa categoria abordaram o tratamento e o acompanhamento psicológico oferecido ao sujeito que vive a situação de perda e ressalta a importância de falar sobre a morte com familiares, amigos e pessoas próximas, assim como a necessidade de atendimento humanizado, que possibilite à família do paciente ter confiança nas instituições de saúde. No que se refere aos profissionais de saúde, os artigos analisados demonstram que aqueles que cuidam de pacientes com doenças potencialmente fatais necessitam de espaço para manifestação das angústias e, devido à dificuldade de enfrentamento do sofrimento e da morte, fazem uso de alguns mecanismos de defesa, como negação e sublimação. As dificuldades para compreender e enfrentar a morte encontradas nos profissionais de saúde refletem-se no desejado atendimento humanizado ao paciente e à família. Foi percebido que há poucos estudos sobre isso. Considerando o período de 10 anos e de acordo com os critérios dos pesquisadores, foram selecionados para análise apenas 51 artigos.

A pesquisa comprovou que as discussões sobre a morte aparecem de variadas formas, como o atendimento psicológico à família e ao paciente terminal, cuidados paliativos, doação de órgãos e luto. Além de evidenciar a importância de estudos sobre a temática da morte, a pesquisa aponta a necessidade de mais estudos (FARAJ *et al.*, 2013).

No caso desta pesquisa, cujo tema encontra-se no ponto de convergência entre psicologia e religião, importa-nos apresentar um contorno dos trabalhos realizados no campo da psicologia, que comprovam o quanto, apesar da carência de estudos, existe de uma real preocupação em avançar no assunto. Para tanto, selecionamos algumas referências importantes para quem se interessa pelo tema da morte. Apesar da restrição a autores reconhecidos pelos estudiosos da morte e do luto, cabe aqui esclarecer que, mesmo entre psicólogos, muitas dessas reflexões

são desconhecidas, conforme pude perceber ao longo desta investigação, junto a colegas que atuam em várias abordagens.

É comum encontrar, nas publicações sobre a morte, referências a três autores que destaco neste trabalho, por apresentarem contribuições de extrema relevância para a compreensão sobre a morte e o luto. Ao se voltar para esses pesquisadores, a psicologia vem desenvolvendo importantes reflexões que, além de ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a situação de morte, também possibilitam o desenvolvimento de novas técnicas de intervenção no trabalho da psicoterapia.

Por essa razão, e com todo respeito a tantos outros pesquisadores nessa área, aponto elementos do pensamento dessas três referências para adentrarmos nas pesquisas específicas da psicologia, com relação à morte e ao luto. Refiro-me ao historiador francês Philippe Ariès, à médica suíça Elizabeth Kübler-Ross e ao psiquiatra inglês Colin Murray Parkes.

Ariès presenteou a humanidade com um legado impressionante sobre várias situações da vida humana. Entre suas publicações e, de acordo com o nosso interesse neste trabalho, destacam-se principalmente duas obras. Algumas de suas ideias apresentam-se nos parágrafos que se seguem.

É facilmente perceptível que as pesquisas sobre a morte e o morrer apresentadas por Ariès estejam em consonância com aquilo que Bauman aponta em suas considerações sobre a morte. Ariès empenhou-se em olhar para os costumes relacionados à morte, fazendo uma retrospectiva, cujas conclusões comprovam uma mudança de comportamento, de acordo com a época. Ele refere-se a uma atitude mais antiga que via a morte ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída. De acordo com Ariès (2001, p. 27), ela era domada, esperada, estava naturalmente presente no cotidiano das pessoas, de maneira que não havia espaço para um sentimento de repugnância ou horror.

Não tinham pressa em morrer, mas quando viam chegar a hora, sem precipitação nem atraso, como devia ser, morriam os cristãos. Mas outros indivíduos, não cristãos, morriam de modo igualmente simples. Sabendo do fim próximo, o moribundo tomava suas providências. E tudo vai ser feito simplesmente.

Essa atitude de familiaridade diante da morte prolongou-se até meados do século XIX, quando ocorre uma revolução brutal no comportamento humano diante

dela. Deixa de ser um evento familiar e passa a ser vergonhosa e objeto de interdição, a ponto de as pessoas que cercavam o doente tentarem ocultar dele próprio a gravidade do seu estado. A mentira seria, em princípio, para poupar o enfermo, mas depois se observou que, na verdade, estava surgindo uma intolerância com a morte do outro, ou seja, aqueles que cercavam o doente evitavam as fortes emoções e insuportáveis perturbações causadas pela agonia e simples presença da morte em plena vida. De domada, ela passou a interdita, mas os ritos da morte continuaram, porém, procurou-se esvaziá-los da sua carga dramática. Ocorre um deslocamento do lugar em que ela acontece: a pessoa não morre mais em casa, cercada dos seus, mas sim no hospital e sozinha. No hospital, a morte não é acompanhada com a mesma cerimônia ritualística que o próprio doente presidia em casa, junto aos seus parentes e amigos. Ela tornou-se um fenômeno técnico, declarada por decisão de um médico e da equipe do hospital. Antes, era natural que o ser humano sentisse e expressasse sua proximidade, pois a morte era quase sempre anunciada.

Segundo Ariès (1998), a partir do século XX, acontece uma extraordinária inversão de sentimentos e ideias sobre ela. A sociedade da felicidade e do bem-estar não quer admitir lugar para o sofrimento, a tristeza e a morte. Surge, entre os enlutados, o pensamento de que se sentem consolados pelo fato de o doente não saber que estava morrendo. Provavelmente, o doente sabia muito bem que isso estava acontecendo com ele, mas não lhe era dado espaço para falar sobre o assunto e ele comportava-se como se não soubesse de nada. A morte tornou-se invertida no século XX, um pacto de silêncio cercava a situação, embora o sofrimento estivesse tão presente quanto no tempo em que ela era anunciada.

Com a saída dos doentes graves de casa para a internação, o hospital tornou-se um espaço de frequente contato com a morte. Sensível à situação dos pacientes gravemente enfermos, a médica Elisabeth Kübler-Ross iniciou um trabalho com esses enfermos a fim de compreender melhor as necessidades deles. Mais que isso, ela pôde perceber que conseguiria aprender muitas coisas com os pacientes. Descobriu que muitos deles tinham condições de tolerar a verdade sobre sua situação e que, portanto, a dúvida não seria contar ou não contar sobre o diagnóstico e sim sobre “como dividiria com o paciente a informação” (KÜBLER-ROSS, 2008). Essa médica afirma que, ainda que não se fale claramente ao

paciente sobre seu estado, ele tomará conhecimento de algum modo e pode até perder a confiança no médico, que não lhe contou a verdade. A partir, portanto, da notícia do diagnóstico, ela descreve o que aprendeu com os pacientes portadores de enfermidade grave, no sentido de usar alguns mecanismos para lidar com a doença incurável.

Kübler-Ross (2008, p. 117) descreveu cinco estágios relativos ao processo de morrer: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. Sobre o último estágio, a aceitação, ela diz que a pessoa passa a contemplar a proximidade do fim com certo grau de tranquila expectativa, pois já estará cansada e bastante fraca, sentindo necessidade de cochilar e dormir com frequência. Segundo ela, “É uma necessidade gradual e crescente de aumentar as horas de sono, como um recém-nascido, mas em sentido inverso. Não é desânimo resignado e sem esperança”.

A aceitação não deve ser confundida com um estágio de felicidade, é como se a luta tivesse chegado ao fim e a pessoa sentisse necessidade de repouso antes de realizar uma longa viagem. À medida que o paciente diminui o interesse pelas coisas, a família precisa de ajuda, compreensão e apoio. Mas nem todos os pacientes agem dessa forma; há aqueles que lutam até o fim, eles se fixam na esperança e resistem ao estágio da aceitação.

Apesar da relevância desse trabalho, é importante lembrar que nem todos os profissionais do hospital concordaram com a sua realização. A autora refere-se a colegas médicos que não aceitavam que os pacientes fossem entrevistados; alguns reagiram com implicância e demonstravam, de forma velada ou pública, hostilidade à ideia. Mesmo quando o paciente manifestava interesse em participar do seminário por ela conduzido, alguns médicos não gostavam.

O trabalho de Kübler-Ross, é importante destacar, põe em evidência uma tendência que está na contramão daquilo que se parece com a morte domada, dita por Ariès: a sociedade que não suporta sequer os sinais da morte e tenta agir como se ela não existisse. Uma atitude que não apenas priva o doente de se expressar naturalmente sobre sua situação, como também não considera que a dificuldade de aceitação pode ter consequências no processo de elaboração do luto para as pessoas mais próximas do falecido.

Franco (2016) destaca a importância de dar voz ao paciente e à família, quando aquele se encontra em situação de morte. Essa autora refere-se ao pioneirismo de Kübler-Ross, que mostrou a necessidade de os profissionais da saúde ouvi-los. É preciso reconhecer que todos nós aprendemos com aqueles que estão morrendo, exatamente durante o real, concreto e sofrido processo de morrer. Ainda que as fases desse processo, elencadas por Kübler-Ross, tenham sido alvo de discussões, essa médica merece nossa admiração e respeito. Mais que a definição das fases do morrer, tanto os pacientes quanto suas famílias comunicam muitas coisas que não podem ser desprezadas, o que propõe uma mudança de postura no aprendizado e na atitude dos médicos. Por extensão, podemos pensar também em psicólogos e padres.

Os trabalhos de Ariès e Kübler-Ross expõem com clareza as diferentes formas de enfrentar a morte e as relaciona com a época e a cultura, o que nos permite um olhar mais atento que desperte iniciativas no sentido de oferecer mais alívio e conforto à pessoa que está morrendo, bem como àqueles que estão próximos ao paciente terminal, considerando, principalmente, os adoecimentos graves e de longa duração. Nesses casos, o morrer é complexo, dolorido para quem está indo e para os que ficam. Diante dessa situação, não ajuda negar a morte, fazer de conta que o doente vai se recuperar. É importante que não apenas a pessoa que está doente, como também aquelas que a acompanham, saibam o que está acontecendo.

Ao tratar de uma situação de morte, devemos considerar o paciente terminal e também aquelas pessoas que estão significativamente vinculadas a ele. Logo, não é só o doente terminal que precisa de especial atenção, os enlutados também carecem de compreensão e apoio. A situação de morte exige que a atenção aos enlutados possa ir além dos momentos próximos da morte, porque luto é um processo. Como diz Parkes (2009, p. 23), “Luto não é um conjunto de sintomas que tem início depois de uma perda e, depois, gradualmente se desvanece. Envolve uma sucessão de quadros clínicos que se mesclam e se substituem.”.

Assim como podemos compreender o morrer por meio de estágios, também em relação ao luto é possível falar de fases, que ajudam na compreensão da dor e da elaboração: torpor, procura, desorganização e desespero e organização, conforme aponta Parkes (2009, p. 24):

O entorpecimento, que é a primeira fase, dá lugar à saudade ou procura pelo outro, e estes dão lugar à desorganização e ao desespero, e é só depois da fase de desorganização que se dá a recuperação. Assim sendo, em qualquer uma das fases, a pessoa pode apresentar um dos quatro diferentes aspectos.

Embora haja um padrão comum que pode ser observado nas características do luto, que o justificam como um processo psicológico único, Parkes (2009) demonstra uma preocupação de não cair no risco de querer simplificar um assunto complexo. Nesse sentido, não devemos pensar nas “fases do luto” como se fossem uma sequência determinada pela qual toda pessoa enlutada deve passar para se recuperar da perda. Além disso, é importante lembrar que esse processo é individual e conta com variados determinantes. Numa família, por exemplo, os irmãos elaboram de forma individual o luto pela morte do pai; não se pode dizer que os filhos elaboram seu luto da mesma maneira, cada um tinha um vínculo pessoal e questões específicas com o pai falecido que implicarão no processo individual de elaboração do luto.

Segundo Franco (2010), alguns pesquisadores apresentam diferentes maneiras de pensar o processo de luto. A compreensão sobre o vínculo do enlutado com a pessoa falecida tem sido uma forma que eu, particularmente, utilizo no trabalho de psicoterapia com pessoas que precisam de ajuda para elaborar a perda de um ente querido. Nesses casos, uso como referencial a Teoria do Apego (BOWLBY, 2004). Na minha atuação clínica, destaco ainda o Modelo do Processo Dual, a partir do qual é possível acompanhar o processo de elaboração do luto (STROEBE; SCHUT, 2010).

O modelo do processo dual considera que o trabalho de luto compreende dois movimentos: um voltado para a perda e outro voltado para a restauração. Ao falar de um movimento direcionado para a restauração, não se ignora a perda, mas considera-se a necessidade de realizar ajustamentos na própria vida, como consequência da morte. São importantes os momentos nos quais se permitem as expressões de dor pela morte, mas são igualmente importantes os momentos de olhar para o que deve continuar na própria vida depois da perda.

O luto é uma experiência complexa, as lembranças do falecido fazem emergir sentimentos importantes que não devem ser desprezados ou rejeitados, pois o contato com esses sentimentos pode permitir ao enlutado elaborar a perda de uma

forma mais saudável. Não se trata de intensificar as lembranças e vivenciar fortemente os sentimentos tristes relativos à perda, mas é necessário permitir o contato com a dor, com o sofrimento, mantendo o olhar voltado às outras demandas da vida. Não que se façam as duas coisas simultaneamente, mas que haja momentos para ambas. Deixar que as lembranças, a dor, o contato com a perda possa emergir é fundamental, afinal aconteceu um fato extraordinário, que tem um peso grande na vida do enlutado e não é bom que esse sofrimento seja negado, rejeitado ou minimizado. Porém, é igualmente importante que o enlutado também se permita olhar para o que está à sua frente agora, sem a pessoa falecida, e o que é necessário fazer. Trata-se de uma oscilação que compreende os dois movimentos, uma hora o pêndulo segue para o lado da perda: as lembranças do falecido são fortes e provocam dor; outra hora o pêndulo se volta para as coisas que precisam ser feitas: a lembrança do falecido não desaparece, mas é diminuída, abrindo espaço para que se consiga energia para dar conta das demandas do momento.

O enfrentamento orientado para a perda faz parte do trabalho de luto e inclui a busca pela pessoa perdida, ou seja, refere-se à perda propriamente dita, tornando-se uma expressão de dor, de sofrimento decorrente da perda. O enfrentamento orientado para a restauração conduz a uma reorganização da vida, envolve a implementação de mudanças na vida a partir da perda, busca e realização de novas atividades e também de novas relações. Devemos lembrar que não se trata de fases distintas vivenciadas em tempos totalmente separados, mas, sim, de um movimento dinâmico e regulatório vivido no processo do luto, por meio da oscilação, ou seja, o enlutado alterna a vivência do luto entre o enfrentamento voltado para a perda e o enfrentamento voltado para a restauração, conforme aponta Franco (2010, p. 35):

Propõe uma revisão nas concepções teóricas sobre o processo do luto ao identificar dois tipos de estressores – orientados para a perda e para a restauração – e ao considerar a existência de um processo dinâmico e regulador do enfrentamento, pela oscilação por meio da qual o enlutado pode às vezes confrontar, às vezes evitar as diferentes tarefas do luto. Esse modelo propõe que o enfrentamento adaptativo é composto de confrontação/evitação da perda, juntamente com necessidades de restauração.

A autora afirma ainda que a maneira de elaboração do luto apresentada no Modelo do Processo Dual encontra fundamento não apenas na pesquisa, mas, também, na prática clínica.

No início do processo de luto, o enfrentamento orientado para a perda costuma ser predominante e, após um período, de acordo com os recursos e a trajetória de cada pessoa, gradativamente o enfrentamento orientado para a restauração passa a predominar, sem que desapareça por completo a orientação para a perda, pois é essa que contribui para a manutenção simbólica do vínculo com o ente querido falecido.

As concepções sobre luto e as formas de enfrentamento e elaboração atualmente são utilizadas e trazem significativos benefícios à atuação de muitos profissionais da área da saúde, principalmente para os psicólogos. Certamente, esse conhecimento pode ser de grande utilidade para os religiosos que desempenham um papel importante com familiares enlutados em suas comunidades. Não se trata de incentivar os padres a aplicarem as técnicas desenvolvidas na psicologia, mas sim de levá-los a ampliar e aprofundar o conhecimento sobre uma situação com a qual constantemente se deparam. Um melhor entendimento da situação pode evitar comportamentos equivocados ou inadequados quando do atendimento numa situação de morte, uma vez que vários fatores passam a ser considerados, além da finalidade de conduzir um ritual religioso fúnebre. Parkes (1998, p. 214), ao se referir aos tipos de ajuda que podem ser oferecidos à pessoa enlutada, cita os religiosos:

Os religiosos são, é claro, uma fonte tradicional de apoio para o enlutado e aqueles que se houverem comprometido com a comunidade religiosa geralmente encontram uma boa fonte de apoio espiritual e social (...) Muitos religiosos são capazes de oferecer apoio sem pressionar a pessoa a “voltar à vida”. Também nesse aspecto, ao escolher um religioso com quem se aconselhar, é conveniente buscar informações sobre os que forem recomendados, pois tudo dependerá do interesse e do treinamento que tiveram.

O caminho de entrelaçamento entre a psicologia e a religião não é simples, cada uma tem seu objeto próprio de interesse. Isso deve ficar claro antes de qualquer tentativa, mas é possível que a morte, o morrer, o luto, a situação de morte em si possa colaborar na união de ambas, em função do cuidado com as pessoas que passam por sofrimentos relacionados à morte.

Aqui cabe lembrar o notável esforço da psicologia nas últimas décadas para desenvolver estudos, reflexões e possibilidades de intervenção junto a pessoas que se encontram em situação de morte. Conforme apontam Sebastiani e Di Biaggi (2016), psicólogos recebem pedidos de atendimento quando pacientes, familiares e

membros das equipes de saúde são mobilizados por sentimentos e sensações perturbadoras. Esses autores referem-se à atuação dos psicólogos na Unidade de Terapia Intensiva, cujas condições estressantes levam à experiência de intenso impacto emocional. Nessas condições, esses autores lembram a ocorrência do óbito do paciente durante a visita dos familiares ou imediatamente após a visita.

Sebastiani e Di Biaggi (2016) falam da Psicoterapia Breve de Emergência, como um método para intervenção psicológica nessas situações, considerando que a ameaça à vida incorre no perigo iminente de desestabilização emocional e a atuação do psicólogo tem a intenção de obter um grau de alívio o mais rápido possível. Um dos objetivos dessa intervenção é utilizar técnicas psicológicas que ampliem a conscientização do paciente diante do ambiente estressor, levando em conta os recursos internos dos quais ele dispõe.

A psicologia, portanto, vem apresentando um movimento crescente de interesse pela temática da morte, cujas perspectivas refletem-se em expandir as possibilidades de atuação tanto dos psicólogos quanto de outros profissionais da área da saúde. É preciso que outros atores do cenário atual que também lidam com a situação de morte reconheçam o valor desses estudos e relacionem tais avanços às suas práticas específicas, como é o caso das lideranças religiosas, em geral, e especificamente dos padres católicos que contam com orientações específicas para atuação diante da morte.

## 2.2 Capítulo 2 – A RELAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA E A RELIGIÃO

Atender às questões da religiosidade na clínica psicológica exige a difícil tarefa de se colocar diante da poesia e do mistério sem deixar de respeitar as exigências da ciência e o uso competente da técnica, tarefa na qual avançam alguns autores quando se aproximam da forma de conhecimento que não as exclusivamente racionais. (ANCONA-LOPEZ).

O objetivo deste capítulo é expor como a religião, rejeitada durante muito tempo por diversas correntes das ciências naturais, relaciona-se com a psicologia e torna-se um assunto de crescente interesse nas últimas décadas, no Brasil e em outros países, tanto para a sociologia, filosofia, quanto para a psicologia, conforme podemos encontrar no trabalho de muitos autores (BAUMAN, 1998; ZILLES, 1998; PAIVA, 2001 VALLE, 2008; PARGAMENT, 2007; ANCONA-LOPEZ, 2008; MORIN, 2015). Nosso percurso compreende, antes de relacionar a psicologia à religião, um panorama de como o fenômeno da religião é visto nos tempos atuais, uma vez que, na transição da modernidade para a pós-modernidade, existem aspectos relativos à religião que merecem nosso interesse. Abordaremos depois a questão conceitual em torno da religião, espiritualidade e religiosidade.

Iniciamos, portanto, compartilhando uma proposta de Bauman (1998), que se refere à religião na pós-modernidade a partir de uma comparação com a modernidade. Esse autor põe em evidência interessantes aspectos, a começar pela forma como a religião foi banida pela razão científica. O espírito moderno era crítico e caracterizado pela tentativa de definir conceitos. O espírito pós-moderno, ao contrário, reconhece sua fraqueza, é mais tolerante e concede licença à religião. Para o pensamento preocupado em elaborar definições, a não possibilidade de definir o fenômeno religioso é algo que causa aflição. Bauman (1998) propõe que é importante perceber que a preocupação com a definição é precedida de algumas questões. Talvez tenhamos que nos perguntar primeiro se os tempos atuais são mais ou menos religiosos que antes. E se a religiosidade estaria em declínio, redistribuição ou renascimento. Refletir sobre essas questões, no pensamento de Bauman, ajuda a seguir na busca de definições quanto à religião.

Diante desses questionamentos, há duas possíveis definições: uma que coloca a religião nos traços da existência humana e outra, contrária à primeira, que

deseja tornar a religiosidade algo mensurável, de tendência estatística. Essas duas posições não estão isentas de críticas; a primeira elabora uma conclusão precipitada e a segunda conduz à composição de um inventário de coisas religiosas como algo que possa ser submetido à precisão de um perito contador. Diante dessa situação, Bauman (1998) percebe o espírito pós-moderno não tão preocupado em cercar o mundo com parâmetros categóricos exatos e divisões bem delineadas, como se pretendia antes. Ele afirma que não houve apenas uma quebra na rigidez, como também aponta que já não ficamos tão escandalizados com aquilo que extravasa a fronteira das definições. Ainda segundo esse autor, o interesse em saber como os mecanismos sociais funcionam é mais predominante do que definir claramente algo, um pensamento que também se refere ao fenômeno da religião. A partir desse raciocínio, Bauman (1998) diz que religião não é, portanto, uma coletânea de afirmações sobre Deus, mas sim a consciência da insuficiência humana, e a religiosidade é gerada pela condição existencial do ser humano. Outros autores também expõem seu pensamento sobre a religião, deixando-nos perceber que se trata de um fenômeno que não está mais tão distante das investigações científicas, uma vez que diz respeito diretamente à existência humana.

Ancona-Lopez (2008) fala que a religião é um fenômeno com múltiplas dimensões, composto de crenças, ritos, personagens e símbolos. Esse composto expressa uma certa compreensão do sentido da vida e estrutura princípios e valores, que propõem modos de vida tanto para um indivíduo quanto para a comunidade religiosa. AMATUZZI (2008) afirma que a religião faz parte das experiências humanas e lembra que todos os povos têm em sua história a religião. Esse autor afirma também que as inquietações humanas podem estar ligadas à religiosidade, sem a autoconsciência de que são religiosas. Desse modo, o ser humano é tomado por um sentido de busca, que não se satisfaz nos sentidos imediatos encontrados.

Para Savio e Bruscajin (2008), antes mesmo do desenvolvimento da psicologia clínica, havia uma preocupação com a condição humana, a natureza do sofrimento e como resolver os problemas da vida. Essa preocupação era assumida pelos religiosos, pois, ao longo da história, a religião tem sido uma força poderosa que norteia valores da família e da sociedade, ditando a moral e as normas de comportamento.

Ainda assim, a insistência em parâmetros bem delineados e definidos está fortemente presente no cotidiano dos pesquisadores, conforme assinala Pompeia e Sapienza (2011, p. 126):

Em nossa época, porém, tudo em princípio é produzível. Hoje tudo o que faz parte da realidade é visto ou como produção ou como matéria-prima para a produção, tudo se enquadra nesse esquema, e o que não se enquadra não é digno de ser pensado. Não há espaço para o que não se encaixa no pensamento calculador. Não há espaço para o mistério, para o sagrado; tudo, em princípio, está ao alcance da razão e da vontade.

Morin (2015, p. 30) também tece uma crítica ao modelo de desenvolvimento pautado nas coisas mensuráveis:

O cálculo ignora não apenas as atividades não monetarizadas como as produções domésticas e/ou de subsistência, os serviços mútuos, o uso dos bens comuns, a parte gratuita da existência, mas também e, sobretudo, o que não pode ser calculado nem medido, como a alegria, o amor, o sofrimento, a dignidade, dito de outra forma, o próprio tecido da vida.

Segundo Morin (2015), o desenvolvimento projeta-se como solução, porém as sociedades ocidentais vivem uma crise exatamente devido ao desenvolvimento que produziu um subdesenvolvimento intelectual, psíquico e moral.

Por mais que ainda predomine na atualidade a insistência de validar apenas aquilo que é empiricamente comprovado, as pesquisas apontam sempre mais para a necessidade de considerar o aspecto subjetivo das coisas em si mesmas, bem como o fenômeno religioso e seu impacto na vida humana, uma vez que nem tudo o que é comprovado dá conta da complexidade da nossa existência, conforme aponta Savio e Bruscajin (2008, p. 21):

A crença em um mundo estável, objetivo e simples já não dava mais conta dos questionamentos de muitos profissionais da saúde mental. A mudança paradigmática deu-se, sobretudo, no fato de a ciência moderna não conseguir se sustentar no empirismo e na objetividade que até então eram suficientes para apoiar seu arcabouço teórico.

Como se pode perceber, há uma clara predominância do tecnicismo em contraposição ao pensamento mais reflexivo e apto para dialogar com outras formas de construção do conhecimento. Logo, pensar a religião, bem como tudo o que a ela se refere, torna-se um desafio, principalmente, em nosso tempo.

Nesse cenário, Bauman (1998), além de se referir à condição existencial humana e à consciência de insuficiência, aponta ainda um obstáculo que se interpõe na reflexão sobre religião na pós-modernidade que é a questão da vida eterna. Mas ele próprio levanta uma dúvida quanto a isso porque, na verdade, a vida após a morte não pertence à categoria de coisas com as quais a modernidade se preocupa, uma vez que não faz parte daquilo que se pode compreender num processo racional. Se a questão da vida após a morte não está dentro dos parâmetros da lógica e é, ao mesmo tempo, o ponto forte da religião, então pouca utilidade seria conferida à religião. No entanto, mesmo apontando essa situação, Bauman (1998), lembrando o sociólogo francês Alain Touraine, faz referência a algumas utilidades da religião, entre as quais destacamos a “apreensão do destino, da existência e da morte humana”. Mas esses temas já carregam em si mesmos a necessidade de uma reflexão profunda e a questão torna-se mais complexa quando se pode observar que os grupos religiosos com maior número de adeptos ocuparam-se com outras funções e não com os mistérios da existência e da morte. Dito de forma mais objetiva, o medo da morte e o sonho da vida eterna tornaram-se ideias contraproducentes para o discurso religioso. A modernidade repeliu fortemente a preocupação religiosa com a vida após a morte e concentrou-se na vida “aqui e agora”. Repelir a preocupação com a vida após a morte, no entanto, não significa abolir a preocupação com a morte. O ser humano tem consciência da sua mortalidade e, para lidar com o impacto que isso causa em sua vida, distanciou-se do significado religioso da morte.

Morin (2015) aponta que a perda da fé religiosa num mundo além da morte, bem como a ausência de crença na sobrevivência de um espírito individualizado suscitaram o terror do aniquilamento e a angústia da morte. O lugar de sua presença passou a ser o hospital e foi expulsa dos domicílios; o morto é transportado a uma casa funerária, colocado num caixão, enfeitado e maquiado, passando a ostentar uma máscara de vivo. Isso, no entanto, não atenua a dor dos familiares e das pessoas mais próximas do falecido (MORIN, 2015). Ainda segundo esse autor, nos enterros laicos, não há ritual nem cerimonial, o que impede que se diga um adeus sagrado ao falecido. Morin (2015) afirma que precisamos ressuscitar os rituais e cerimoniais da morte. Mas para que esse resgate aconteça, é interessante delinear

algumas estratégias utilizadas para distanciar o significado religioso da morte, segundo Bauman (1998):

- 1) A morte tornou-se uma preocupação especializada, algo vergonhoso, embaraçoso, que não deve ser discutido em público, muito menos na frente das crianças. Foram criados espaços separados para a pessoa que está morrendo e para o morto. Esses espaços não são acessíveis ao público, mas confiados aos cuidados de alguns profissionais.
- 2) A consciência de que a morte é algo total e imbatível foi quebrada, fragmentada em ameaças menores à sobrevivência. Em vez de uma ameaça na totalidade, percebemos ameaças menores que são combatidas, algumas derrotadas e outras apenas afastadas para longe. Elas dizem respeito à consciência do mal que faz à vida humana coisas como a comida rápida e gordurosa, o consumo de álcool e nicotina, a obesidade e a vida sedentária. Mas o combate a essas “pequenas” ameaças é contínuo e ou repetitivo, torna-se uma atividade que consome tanta energia, que não sobra tempo para pensar no que é ou não vaidade.
- 3) A morte está relacionada a situações opostas, uma privada e outra escancarada. A morte da pessoa próxima e querida é um acontecimento privado, quase secreto. Num condomínio, por exemplo, a morte de um residente pode ocorrer sem muito impacto na vida dos demais, exceto para a família ou algumas pessoas muito próximas. No mesmo condomínio, todos os residentes podem acompanhar diversas mortes humanas como uma ocorrência diária, um espetáculo visto na televisão ou notícia via internet. A notícia invade a privacidade da casa, prende a atenção de muitas pessoas, principalmente quando se refere a cenas de violência, tragédias, desastres, ataques terroristas etc.

Diante dessas estratégias, entretanto, cabe refletir em que medida elas realmente conseguem êxito quanto ao esforço humano de distanciar-se do significado religioso da morte. Esta pode ter se tornado algo vergonhoso, delegado a especialistas, mas continua sendo um problema existencial, carregado de muitos significados, inclusive os religiosos. A desconstrução de totalidade da ameaça

aparentemente não precisa da religião como enfrentamento, mas, mesmo nas pequenas ameaças, quando essas se tornam importantes, as pessoas muitas vezes recorrem à religião, como recurso para lidar com a consciência da finitude humana e com aquilo que põe em risco a vida. Assim, apesar das estratégias, podemos afirmar que, para muitas pessoas, a situação de morte permanece ligada a algum aspecto relacionado à religião e isso se expressa de diversas maneiras, desde uma simples oração até a organização de um ritual mais elaborado, como acontece tradicionalmente para os cristãos católicos. O próprio Bauman (1998) afirma que o resultado total da reação à realidade da morte, na forma moderna, levou a um significativo enfraquecimento da concepção de vida como “vida para a morte”.

Em consonância com o pensamento de Morin e Bauman sobre posturas de distanciamento da religião, outros autores também enxergam essa situação. Vergote (2001) afirma que as pessoas, nos tempos atuais, podem se colocar fora da religião, tratando-se de uma simples convicção ou de uma atitude metodológica. Pensar na autoexclusão metodológica implica na possibilidade de uma investigação científica que olha para a religião de forma objetiva, na qual o investigador se coloca fora da religião e a considera apenas como objeto de seus estudos. Esse autor, ao refletir sobre as atitudes de colocar-se fora da religião, conduz seu leitor a uma reflexão sobre a necessidade da religião. Sobre isso, ele apresenta duas reflexões em relação à psicologia.

Vergote (2001) observa que, do ponto de vista da psicologia social, há um considerável aumento da criminalidade, da violência e da imoralidade que coincide com o declínio da religião. Ele diz também que mesmo os não crentes reconhecem que há uma relação entre esses dois fenômenos. Ainda nessa relação social, que envolve a psicologia, se olharmos para a questão ambiental que hoje se configura numa das grandes preocupações ao redor do planeta, encontraremos pesquisas que apontam para a relação entre espiritualidade e meio ambiente. Bassani (2009), a partir da psicologia ambiental, comenta a Avaliação Ecossistêmica do Milênio e observa que, em áreas onde ocorreu uma diminuição da espiritualidade, cresceu a devastação e degradação do ambiente. A necessidade, portanto, da religião/espiritualidade para a psicologia social e psicologia ambiental vem se revelando cada vez mais como importante e apresenta várias possibilidades de investigação científica.

Já do ponto de vista da psicologia clínica, Vergote (2001) refere-se à antiga relação da religião com a cura de doenças, quer físicas, quer psíquicas. A proximidade da psicologia com a religião em torno da cura psíquica é uma proposta suscetível de posições contrárias por parte de psicólogos clínicos e psiquiatras. Há os que consideram a religião perigosa e nociva à saúde mental e argumentam sobre os riscos dos delírios religiosos, a culpabilização da sexualidade e o encorajamento de experiências suspeitas e perigosas como visões e aparições. De fato, caso não haja uma delimitação de território, conteúdos de fundo psíquico e religioso mesclam-se de tal forma que pode dificultar, e muito, não apenas o trabalho da psicologia clínica, como também o da assistência religiosa, caso o paciente se utilize desse recurso.

Ao referir-se, no entanto, aos psicólogos e psiquiatras que consideram a religião necessária à saúde mental, Vergote (2001) não deixa de apontar o risco de o profissional enxergar as doenças psicológicas como doenças da alma, ou “doenças religiosas”, em sua raiz, cuja cura envolveria uma operação conjunta entre psicologia e religião. Nesse caso, a necessidade da religião para a saúde mental estaria baseada nas convicções religiosas do profissional, o que pode comprometer a cientificidade da psicologia, além de incorrer em implicações éticas.

Vergote (2001) refere-se ainda a outra possibilidade de considerar a necessidade da religião para a psicologia clínica. A relação entre ambas baseia-se no olhar moderno que fragmenta a existência humana em esferas distintas, como economia, família, religião e ciência. Segundo esse autor, essa maneira de ver o ser humano é desumanizadora e provoca depressão. Contra isso, a necessidade da religião para a psicologia clínica ajuda na restauração do ser humano em sua unidade e a terapia deve buscar uma visão global dele.

Sobre a necessidade da religião para a psicologia clínica, Vergote (2001) afirma que a religião sempre foi e é benéfica para o ser humano, mesmo que tenhamos conhecimento verdadeiro de que alguns responsáveis religiosos tenham por vezes abusado de sua capacidade de influência e isso tenha conduzido a experiência religiosa a algo nocivo à saúde mental. Nesse sentido, é fundamental observar cuidadosamente não apenas a prática religiosa do paciente, como também as posturas das lideranças e membros de um grupo religioso para que se possa

dizer o quanto a experiência religiosa é ou não necessária ao trabalho da psicologia clínica.

Para Vergote (2001), existem duas tendências sobre a necessidade clínica da religião e essas se encontram muitas vezes na prática. Por um lado, as lideranças religiosas, ao responderem aos pedidos de ajuda religiosa ou psicológica, fazem-no com a convicção de que mesmo o pedido de ajuda psicológica é, na verdade, igualmente religioso, ainda que a pessoa que o peça não tenha essa consciência. Por outro lado, os psicólogos clínicos que combinam o atendimento psicológico com a ajuda religiosa fazem-no por acreditarem que, no sofrimento psíquico, subjaz, implicitamente, uma necessidade de natureza religiosa. Se assim o é, a relação entre psicologia e religião, na prática clínica, não precisa ser descartada, mas considerada a partir daquilo que pode beneficiar as pessoas que recorrem à clínica psicológica e possuem um referencial religioso.

Nessas breves reflexões sobre a proximidade entre psicologia e religião, certamente, o leitor observou que outros termos ligados à religião apareceram no pensamento dos autores citados. Isso mostra que a relação entre ambas tem se desenvolvido e se transformado, inclusive no que se refere à formulação de conceitos em torno da religião. Mesmo no uso corriqueiro, muitas pessoas demonstram dúvidas na apropriação dos termos e fazem confusão quando querem se referir à religião, espiritualidade e religiosidade. De fato, não é tão simples chegar às definições, principalmente no campo das investigações científicas, que possuem diferentes olhares para um mesmo fenômeno. Isso significa dizer que a preocupação conceitual sobre esses três termos faz parte dos estudos de diversas áreas, como a teologia, filosofia, sociologia, antropologia e, claro, psicologia, conforme abordaremos.

No que se refere à psicologia científica, Valle (2005) acena para uma importante inserção da espiritualidade, religiosidade e religião. Ele afirma que, na psicologia, espiritualidade é um termo de adoção recente, ao passo que os conceitos de religião e religiosidade são antigos. Entretanto, a adoção de um termo, nesse campo, pode não estar claramente ligada a uma rigorosa definição conceitual. Em minha experiência pessoal, observo que muitas pessoas optam por usar a palavra “espiritualidade” para não se identificarem com uma única religião, sem que haja necessidade de um conhecimento mais profundo das diferenças conceituais. Sobre

isso, Paiva (2008) expõe o pensamento de um atento observador da psicologia da religião norte-americana, David Wulff: “Vários psicólogos, que continuam religiosos tradicionais, adotaram a retórica da espiritualidade, porque o termo ‘espiritualidade’ soa menos sectário e mais científico do que ‘religião’.” (PAIVA, 2008, p.35). Como bem se pode observar, essas informações evidenciam as dificuldades conceituais.

Para Bauman (1998), em consonância com o que já foi dito sobre seu pensamento, religião é algo ligado à existência humana, que por sua vez pode ser entendida na perspectiva escatológica, mas o progresso da medicina, que se ampara na lógica e na racionalidade, olha para os fatos da vida, não numa perspectiva puramente existencial, mas sim como fatos naturais e, portanto, que não necessitam de rumações escatológicas. Afastando-se um pouco dessa tendência ao rigor das definições, conforme propõe Bauman (1998), nos tempos atuais contamos com especialistas em identificar problemas e com autores de livros de autoafirmação, e ainda com pessoas mais preocupadas com o aconselhamento do que com as definições sobre religião.

Os homens e mulheres pós-modernos precisam de aconselhamento. A incerteza do estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso, a procura sempre crescente de especialistas em identidade. (BAUMAN, 1998, p. 222).

Segundo Bauman (1998), as pressões culturais pós-modernas intensificam a busca por experiências máximas e, ao mesmo tempo, desligaram-se dos interesses e preocupações propensos à religião. Para esse autor, a pós-modernidade reconcilia seus seguidores com uma vida organizada em torno do dever de um consumo ávido e permanente, embora nunca definitivamente satisfatório. Com isso, afirma ele que há uma forma especificamente moderna de religião, que nasce das contradições da vida pós-moderna e revela a insuficiência do homem de ter o destino humano sob seu controle. Ele chama essa forma de fundamentalismo.

No entanto, é importante considerar outras ideias e posicionamentos sobre a religião. Uma definição que a relaciona com o fundamentalismo é interessante na perspectiva mais ampla da sociologia ou de outras ciências. No que se refere à área da saúde, porém, devemos ampliar nosso olhar e considerar outras formas de compreensão sobre religião, espiritualidade e religiosidade, principalmente aquelas apresentadas por autores da área da psicologia:

A espiritualidade, no sentido de busca de autonomia, de construção pessoal da relação com a totalidade, de respeito à singularidade do indivíduo, de abertura e de experimentação do novo, de recusa da rigidez, do autoritarismo e da alienação, é um bem desejável e condizente com o aprimoramento humano. (PAIVA, 2008, p. 43).

Sobre religião, esse mesmo autor faz a seguinte consideração:

Religião tem indicado historicamente a relação com o transcendente e, em nossa cultura ocidental, dentro da qual nasceu a psicologia da religião, com um transcendente pessoal, referido como “Deus”. Seria retornar a um período histórico em que não havia psicologia da religião desconsiderar e desrespeitar o sentido social da palavra “religião” e passar a designar com esse nome o que a linguagem não reconhece como religião. (PAIVA, 2008, p. 44).

No que se refere a posições contrastantes dos psicólogos na escolha dos termos, Paiva afirma:

Os adeptos contemporâneos da psicologia da espiritualidade o que menos querem é serem tomados por psicólogos da religião. Pelo contrário, são os psicólogos da religião que procuram alargar o conceito da sua disciplina de modo que incorpore formas de espiritualidade que não se definem como religiosas, e podem ser plenamente humanas (...) Defendo, pois, que se mantenham em separado, do ponto de vista da definição e, por consequência, do ponto de vista da prática profissional, essas duas legítimas e necessárias psicologias. (PAIVA, 2008, p. 44).

Cabe aqui esclarecer que as reflexões acima sobre “psicologia da espiritualidade” e “psicologia da religião” são apresentadas por um pesquisador psicólogo que fala do lugar da psicologia da religião e que demonstra importante abertura para dialogar com outras concepções.

Outra reflexão que destacamos são as considerações apontadas por Valle (2005). Sobre religião, ele refere-se à consciência humana de sua finitude e de pertença a algo maior, sendo a religião intermediária para dar significado último ao mundo. É aquilo que possibilita a re-ligação. É algo com significados maiores que os definidos pelas ciências sociais que compreendem a religião como um conjunto de práticas, símbolos, crenças que viabilizam a relação do ser humano com o sagrado em diferentes épocas e culturas.

Para esboçar uma definição de espiritualidade, Valle (2005) opta por começar pela via da negação. Dizer o que não é espiritualidade é uma forma de limpar o terreno. Nessa linha de pensamento, esse autor afirma que espiritualidade não é oposição ao que é material ou corpóreo, não é um estado da alma que só é atingido

quando se foge do mundo, também não se deve identificar espiritualidade com religiosidade e, ainda, que nem toda espiritualidade é saudável. Embora, historicamente, a espiritualidade tenha se expressado, quase sempre, por meio de experiências religiosas, é preciso reconhecer a possibilidade de experiências de intenso sentido espiritual que não se identificam com o que é religioso. A partir da negação, Valle faz as seguintes afirmações:

Espiritualidade é algo encarnado no contexto real da vida de cada pessoa e de cada época. Ela expressa o sentido profundo do que se vive de fato. O silêncio reflexivo e a atitude contemplativa, sem os quais a espiritualidade não pode vicejar, são experimentados é na totalidade das circunstâncias temporais e espaciais do viver humano. O espiritual, assim entendido, assume o corpo e permite que o homem ultrapasse o nível biológico e emocional de suas vivências, também das mais elevadas e sublimes. (VALLE, 2008, p. 101).

Espiritualidade é algo tão básico e elementar como a necessidade de desenvolver a autoconsciência ou estabelecer relações saudáveis com os demais seres humanos. Ela consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir (VALLE, 2008, p. 104).

Valle (2005) apresenta também algumas considerações sobre religiosidade, ao afirmar que ela, a religiosidade, é o que faz o ser humano tocar o limite, com uma característica de solidão.

Na religiosidade se dá uma explicitação, uma culminação e uma síntese, só possível porque existe no ser humano uma consciência e um self em condições de dar sentido ao que percebe em si, nos outros e no mundo. **A religiosidade põe em jogo todos os níveis da consciência humana, em especial uma intenção específica de referência a uma realidade maior**, invisível e numinosa, da qual depende a opção fundante do ser e do viver. (VALLE, 2008, p. 94, grifo nosso).

Segundo Valle (2008), a religiosidade relaciona-se com a percepção do ser humano de ser-no-mundo, ou seja, a pessoa torna-se religiosa somente quando se encontra com o outro, não um outro qualquer, mas o Outro que no cristianismo se refere a Deus. Para esse autor, a religiosidade refere-se à experiência individualizada do transcendente e deve ser distinguida da religião, que é sua matriz instituída. Ele afirma ainda que as funções psicológicas e socioculturais da religião e da religiosidade não são idênticas, mas se completam. Para Valle (2008), é importante evitar a identificação da espiritualidade com a religiosidade, pois mesmo que, historicamente, a espiritualidade tenha se expressado em linguagens e

vivências de cunho espiritual, deve-se ter claro que essa não é a única forma de ela se expressar. Além do mais, devemos reconhecer que existem experiências de profundo sentido espiritual que não se identificam com o “religioso”. Paradoxalmente, há pessoas muito religiosas, mas que podem não ter horizontes espirituais válidos, ao passo que uma pessoa que se diz atea pode ser uma pessoa espiritualmente rica.

Outro detalhe importante acerca da religiosidade é que ela não se reduz a apenas uma educação dentro de tradições religiosas, mas envolve uma decisão, conforme nos aponta Corrêa (2013). Esse autor afirma que a pessoa religiosa é aquela capaz de assumir o risco de ir além do chão firme dos seus pés, ao encontro do tu transcendente e que a religiosidade é algo potencial e pessoal, pois está atrelada à dimensão mais íntima do ser humano.

Finalmente, em meio a esse complexo campo de definição, consideramos que não só há uma justificável aproximação entre psicologia e religião, religiosidade e espiritualidade, como também podemos considerar as diferenças conceituais na perspectiva de complementariedade entre os termos religião, espiritualidade e religiosidade.

A espiritualidade, sem a linguagem religiosa, mantém o sujeito imerso nas experiências não ditas, não compartilhadas, imerso na subjetividade. A religião, desconectada da espiritualidade, transforma-se em um conjunto de regras institucionalizadas, uma camisa de força que termina por sufocar o sentimento que lhe deu origem. (ANCONA-LOPEZ, 2008, p. 157).

Valle (2008) aponta que o psicólogo, consciente do seu lugar e do seu papel, pode aproximar-se da religiosidade ou da religião, com seu repertório científico de instrumentos teóricos e metodológicos, que o auxiliam na sondagem das motivações, sentimentos, desejos e atitudes expressos no comportamento religioso do paciente, mesmo tendo consciência de que se trata de algo complexo. Quanto à espiritualidade, é preciso estar atento ao que é aparente e ao que realmente conduz a um amadurecimento. Não se pode negar que um comportamento aparentemente nobre, carregado de espiritualidade, pode ser, na verdade, apenas uma máscara, que não edifica a pessoa como ser humano maduro, logo não é uma espiritualidade autêntica.

Paiva *et al.* (2009) apresentou uma pesquisa sobre a Psicologia da Religião no Brasil. O trabalho realizado por ele lembra que essa Psicologia no País já passou dos cinquenta anos, tendo como marco inicial o artigo intitulado Um ensaio de exame psicológico de seminaristas (BENKÖ, 1956). Essa pesquisa teve como base os artigos publicados em periódicos de psicologia, principalmente no Brasil, no período de 1956 a 2005. Dentro desses cinquenta anos, o maior número de publicações deu-se entre 2001 e 2005. A pesquisa encontrou 125 artigos publicados em periódicos e livros. Ela aponta uma grande diversidade de temas na produção da Psicologia da Religião ao longo das cinco décadas, sendo que, nos últimos quinze anos do período determinado, são apresentados temas cujo interesse é pelas relações entre psicologia, saúde e religião, acrescentando-se a esse o interesse pela experiência religiosa, na perspectiva dos processos psíquicos da vivência religiosa, a partir do catolicismo tradicional até as religiões minoritárias, como a umbanda, o candomblé, o budismo e as religiões japonesas. É necessário destacar que essa importante publicação não faz nenhuma referência direta a artigos na área da Psicologia da Religião no Brasil que apresente interesse pelo tema da morte.

Os autores afirmam uma considerável ausência de assuntos contemporâneos importantes na Psicologia da Religião, entre os quais cita o lugar da experiência religiosa na sociedade pós-moderna e a religião na atividade profissional do psicólogo.

Percebo, na minha experiência com psicologia clínica, que muitos colegas não discutem sobre essa interface, porém os estudos comprovam a possibilidade de parceria entre religião, religiosidade e espiritualidade com a psicologia, de forma cuidadosa, em várias situações da vida humana e não precisa ser diferente quando se refere à situação de morte. Pesquisadores que se debruçam sobre a temática da morte, como apresentado até aqui, estão demonstrando a possibilidade e importância da relação com a religião, religiosidade e espiritualidade (KOVÁCS, 2007). Espiritualidade, religiosidade e religião, de fato, podem ajudar no enfrentamento da situação de morte. Quando o sofrimento é acolhido e cuidado, certamente as condições para suportá-lo tornam-se melhores. Ajudar a pessoa que está sofrendo pelo impacto da perda e que tem religiosidade/espiritualidade é uma tarefa que pode ser assumida não apenas no campo da religião, mas também no da psicologia.

Neste capítulo, foram apresentadas reflexões sobre a proximidade entre psicologia e religião, mas é preciso considerar a diversidade de religiões da contemporaneidade. Zilles (1998), filósofo e teólogo, em sua obra sobre religiões, crenças e credences, enumera mais de sessenta títulos de igrejas, religiões e crenças.

A diversidade de expressões religiosas está largamente presente no cenário sociocultural brasileiro e todo trabalho científico que se refere à religião no Brasil deve considerar essa realidade. Porém, no foco do presente estudo, encontra-se o cristianismo católico, que conta com uma considerável adesão no Brasil, conforme demonstram os dados divulgados pelo IBGE.

Considerando o acima exposto e o interesse desta investigação, no próximo capítulo, trataremos da relação entre o catolicismo e a situação de morte, mais especificamente no que se refere à orientação dada aos padres para que possam lidar com essa situação.

### 2.3 Capítulo 3 – ORIENTAÇÃO AOS PADRES E SITUAÇÃO DE MORTE

Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno e brilhe para ele a vossa luz.  
(Ritual das Exéquias)

No capítulo anterior, trabalhamos a relação entre psicologia e religião, expondo várias considerações que norteiam a proximidade entre ambas, a partir da psicologia. Quais seriam, por outro lado, as possibilidades que a religião, especificamente o Catolicismo, concede à psicologia para que as duas possam trabalhar em conjunto? Nossa intenção de resposta a essa questão dar-se-á em torno de uma situação específica, que é a situação de morte. Nosso percurso compreende olhar para a forma como a Igreja Católica trata a situação de morte, a começar pela orientação oferecida aos padres, seguida dos ritos fúnebres. O objetivo é evidenciar possíveis convergências entre a Psicologia e o Catolicismo, no cuidado com pessoas que estão vivenciando a experiência de morte. Incluiremos uma referência ao sacramento da Unção dos Enfermos, por se tratar, em muitos casos, de uma situação iminente de morte.

A referência à formação dos padres será apresentada devido ao importante papel que ele exerce numa situação de morte, a começar pelo diagnóstico de uma enfermidade grave, quando a pessoa busca acolhimento e aconselhamento na experiência religiosa. Diante disso, expomos um breve quadro da formação que os padres recebem para lidar com a situação, antes, durante e após o falecimento. Enfatizamos que, por se tratar de uma pesquisa na área da Psicologia, o interesse gira em torno da prática do padre, embora não desconsideremos a relevância da compreensão teológica.

No que se refere à formação dos padres, a Igreja Católica organiza as diretrizes sobre a vida e atuação dos padres durante o processo formativo, que corresponde ao período de reclusão em seminários. No Brasil, esse período, que varia em torno de oito anos, os estudos ocupam importante espaço, mas conta também com atividades intensas em comunidades religiosas, casas para idosos, hospitais e outros. Interessa-nos destacar as orientações que capacitam os padres para administrar especificamente as situações relacionadas à morte. Nesse sentido, ressaltamos que a grade curricular da graduação em Teologia inclui a disciplina de

Escatologia, que expõe o pensamento da Igreja Católica sobre a doutrina da ressurreição.

Faz parte do costume católico solicitar a presença de um padre quando uma pessoa encontra-se gravemente enferma ou está agonizando. Se a situação ocorre num hospital, pode ser que alguém da equipe multidisciplinar recomende que a família procure um religioso, mas nem sempre essa recomendação acontece. A situação de morte no ambiente do hospital comporta, por parte dos profissionais de saúde, a meu ver, atitudes ambivalentes: há os que recomendam e facilitam a assistência religiosa e há também os que não se mostram muito acolhedores à presença de um religioso e demonstram isso pelo tom de voz, olhar e expressões faciais, conforme pude comprovar em alguns atendimentos que realizei. Devemos, no entanto, considerar o exposto na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no título II, capítulo I, sobre os direitos e deveres individuais e coletivos, parágrafo 5º: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.” (Inciso VI); “É assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva.” (Inciso VII);

Assim, para os religiosos que atuam diretamente em comunidades, em paróquias e, principalmente, em hospitais, a solicitação para atender agonizantes é algo muito frequente. Na verdade, esse é, geralmente, o primeiro momento em que o religioso é convocado, pois caso a pessoa venha a falecer, com frequência ele será solicitado em outros dois momentos, o do velório, para o qual existe um ritual específico e, depois, para a celebração da missa de sétimo dia.

A questão a ser levantada, de acordo com os objetivos deste trabalho, refere-se à forma como os padres são orientados para lidar com essa situação em torno da morte e o que o atendimento por eles prestado significa para aqueles que os procuram. Lembremo-nos que a situação de morte envolve a pessoa gravemente enferma, a pessoa falecida e os familiares que acompanham o processo de adoecimento e morte, além de outras pessoas. O padre está, portanto, diante de uma situação que abrange vários momentos e também vários personagens.

Para cercar essa questão, comecemos por refletir sobre a formação que é oferecida aos padres para lidar com a situação de morte, como acontece com outros agentes da sociedade, cujo cotidiano implica num contato direto e intenso com a realidade da morte. Por exemplo, profissionais da área da saúde têm se preocupado cada vez mais com a preparação para lidar com a situação de morte, mas também em outras áreas o assunto tem despertado interesse, conforme nos aponta Kovács (2016). Realmente, a situação de morte desperta, conforme apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, um interesse mais amplo que o circunscrito à área da saúde, e é importante que isso se estenda ao Catolicismo, na preparação dos padres. Não, necessariamente, devemos ter padres especialistas em morte, até porque toda a comunidade religiosa é convidada a acompanhar a situação, juntamente com o padre. Entretanto, conforme mostram os documentos consultados, o assunto não é tratado na perspectiva da ação pastoral.

Nosso recorte inicia-se com o Concílio Vaticano II, um evento que produziu significativas mudanças no agir da Igreja. Serão basicamente três critérios na primeira parte deste capítulo: critério temporal, que se limita ao que foi produzido durante e após o Concílio; o segundo critério refere-se à seleção de material bibliográfico, que diz respeito aos documentos pontifícios, ou seja, documentos produzidos oficialmente pela Igreja Católica, que norteiam a atuação dos membros da Igreja em qualquer país, mesmo considerando as particularidades de cada povo e de cada cultura. O terceiro critério refere-se à seleção de documentos direcionados à formação dos padres, aqueles que abordam diretamente o processo formativo e a atuação dos ministros ordenados. O objetivo é percorrer esses documentos e identificar o que eles dizem a respeito da atuação dos padres em situação de morte.

Apresentamos a seguir uma relação dos documentos selecionados, *a priori*. Alguns conservam expressões em latim no título, língua oficial da Igreja Católica, mesmo nas traduções realizadas em diversos países. Possivelmente, nesses documentos podemos encontrar referências a outros que não estão na seleção, mas caso sejam citados, serão devidamente identificados.

– Decreto *Presbyterorum Ordinis* – (PO / Concílio Vaticano II, 1965);

– Decreto *Optatam Totius* – (OT / Concílio Vaticano II, 1965);

- Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Formação dos Sacerdotes “*Pastore Dabo Vobis*” – (PDV / João Paulo II, 1992);
- Instrução O Presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial – (Congregação para o Clero, 2002);
- Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros – (Congregação para o Clero, 2013);
- Instrução *Ad Resurgendum cum Christo* a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação – (Congregação para a Doutrina da Fé, 2016);
- O Dom da Vocação Presbiteral – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (Congregação para o Clero, 2016);
- Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil – (Documentos da CNBB 93, 2010);
- Rito da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral – (Congregação para o Culto Divino, 1972);
- Celebração Exequial após o Velório – (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 1978);
- Nossa Páscoa: Subsídios para a Celebração da Esperança – (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2015 – 8ª impressão);
- Missal Romano – (Congregação para o Culto Divino, 2011, 15. ed.).

O Concílio Vaticano II produziu dezesseis documentos, abrangendo diversas situações da Igreja, dos quais dois, os primeiros da lista acima, estão mais diretamente relacionados ao objetivo deste trabalho. Após o Concílio, foram produzidos outros documentos relativos à formação dos padres, à assistência aos enfermos e atuação em velório, alguns desses produzidos no Brasil.

É importante ressaltar a dimensão pastoral do Concílio, ou seja, decisões que dizem respeito diretamente à *práxis* da Igreja. Aliás, o Concílio foi pensado e convocado pelo Papa João XXIII, tendo claramente uma finalidade pastoral. Já na assembleia de abertura, o Pontífice recorda que não se possuía a intenção de

repetir algumas discussões doutrinárias sobre o ensinamento já presente na história da Igreja, desde os tempos antigos. Havia, portanto, uma clara preocupação de que aquilo que é próprio da fé cristã pudesse ir ao encontro das necessidades do momento. A dimensão pastoral permeia, portanto, os trabalhos conciliares, com a proposta de formulações mais claras, assimiláveis, conforme encontramos na introdução geral do Compêndio do Vaticano II (CV II):

Na expressão e formulação: seja apresentada de modo acessível, assimilável, em linguagem clara, simples, suscetível de ser recebida e compreendida pelos homens de nosso tempo, adaptada à mentalidade moderna. Isto exclui ou obriga a corrigir enunciados demasiadamente abstratos. (CV II, p.10).

No Concílio, foi aprovado o Decreto *Presbyterorum Ordinis* (PO) sobre o ministério e a vida dos presbíteros, que reflete sobre o presbiterato na missão da Igreja, sobre os presbíteros no mundo, as tarefas e a vida dos ministros. Encontramos, nesse documento, o alerta para que os padres não se mantenham alheios à existência humana e às condições de vida, como se só precisassem tratar das coisas divinas. Há uma clara preocupação com o anúncio da mensagem cristã, os sacramentos, o cuidado para com as pessoas, individual e coletivamente, na comunidade. Há outros assuntos tratados nesse documento, mas esses citados estariam relacionados ao propósito deste trabalho, por sinalizar uma preocupação mais objetiva com os aspectos da existência humana.

Também do Concílio, temos o Decreto *Optatam Totius* (OT) sobre a formação sacerdotal. Trata-se de um importante documento utilizado na preparação daqueles a quem serão confiados os seminários de formação de padres. É um documento imprescindível para os formadores em qualquer país. Exatamente por se referir a uma formação humana em diversas culturas, etnias e povos, o documento esclarece, logo no início, a necessidade de adaptação, no sentido de que cada país possa adotar um método peculiar estabelecido pela Conferência Episcopal. Entre assuntos como a organização dos seminários, a formação espiritual, os estudos eclesiais, o documento refere-se à formação pastoral e ao aperfeiçoamento da formação, após o currículo dos estudos. De acordo com o interesse aqui proposto, destacamos:

Já que os estudantes devem aprender não apenas teórica, mas também praticamente a arte de exercer o apostolado e de agir com

responsabilidade própria e em trabalho de equipe, sejam iniciados na prática pastoral já durante o currículo dos estudos e também durante as férias, com oportunos exercícios. (OT, n. 21);

E igualmente: “*Devendo a formação sacerdotal prosseguir e aperfeiçoar-se também depois de completado o currículo dos estudos nos seminários, devido, sobretudo, às condições da sociedade moderna...*”. (OT, n. 22).

Terminado o Concílio, em 1965, no pontificado do Papa Paulo VI, o próximo documento a tratar diretamente dos padres foi promulgado no pontificado do Papa João Paulo II, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastore Dabo Vobis* (PDV, 1992), sobre a formação dos sacerdotes, pensando nos desafios à formação dos padres no final do segundo milênio. Esse documento mostra a clara preocupação da Igreja com a vida, o ministério e a formação dos padres, com o surgimento de novos candidatos e a seriedade com que deve ser tratada essa opção de vida. Esse documento expõe a necessidade de consolidar a formação teológica e espiritual dos futuros padres, mas não insiste muito na *práxis*, propriamente dita, embora faça alguma referência à atuação dos padres:

Exige-se, portanto, o estudo de uma verdadeira e autêntica disciplina teológica: a Teologia Pastoral ou Prática, que é uma reflexão científica sobre a Igreja no seu edificar-se no cotidiano. (...) A pastoral não é apenas uma arte nem um complexo de exortações, de experiências ou de métodos.... (PDV, n. 57).

Publicada pela Congregação para o Clero, a Instrução “O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial”, não é um documento direcionado especificamente para os candidatos ao sacerdócio e sim para os ministros ordenados. Esse documento traz reflexões profundas sobre o ministério sacerdotal na relação com a paróquia, respectivamente em duas partes. No que diz respeito à paróquia, lugar onde o padre tem contato intenso com as pessoas da comunidade, faz-se referência a várias funções, mas nada especificamente sobre a atuação em situação de morte, apenas aponta como sendo dever do pároco administrar o Viático<sup>2</sup> e a Unção dos Enfermos, mas não dá instruções claras de como enfrentar essa situação.

---

<sup>2</sup>Viático é uma palavra de origem latina que quer dizer via, caminho. Na compreensão do cristianismo, refere-se ao caminho para o céu e, sendo a Eucaristia o mais importante sacramento da Igreja, viático refere-se à última refeição dada ao moribundo que está prestes a realizar sua derradeira viagem.

Outro documento publicado pela Congregação para o Clero é o “Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros”, que, assim como o documento anteriormente citado, não se dirige especificamente à formação de candidatos, mas sim aos padres. Nesse documento, encontram-se instruções sobre a vida de oração, a catequese, o sacramento da eucaristia e da reconciliação e sobre a formação contínua. Aqui se propõe a organização de uma formação permanente e sistemática dos conteúdos, mas sem detalhar temas ou assuntos específicos nesse processo de constante formação. Mais uma vez, aos padres não são oferecidas orientações diretas para algumas situações importantes, como lidar com a enfermidade grave e a morte.

Dois novos documentos oficiais foram publicados recentemente. O primeiro, em agosto de 2016, foi a Instrução *Ad Resurgendum cum Christo* (RC) a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação – (Congregação para a Doutrina da Fé, 2016). Essa Instrução expõe as razões doutrinárias e pastorais sobre a sepultura dos corpos e a cremação e, neste último caso, fala sobre a conservação das cinzas. São apresentadas as razões teológicas da fé cristã católica para preferir a sepultura dos falecidos à cremação. Entretanto, a Igreja não se opõe à cremação e oferece as orientações específicas para esse procedimento. Antes de tudo, que seja respeitado o desejo expresso pela própria pessoa, quanto ao que será feito após a sua morte.

A Igreja defende que a sepultura nos cemitérios ou outros lugares sagrados corresponde ao devido respeito pelos corpos dos falecidos, favorece a memória e a oração pelos defuntos, da parte de seus familiares e da comunidade cristã, bem como favorece a conservação da comunhão entre os vivos e os mortos e opõe-se à tendência de esconder ou privatizar o acontecimento da morte e o seu significado para os cristãos.

Sobre a cremação, a Instrução afirma:

Onde por razões de tipo higiênico, econômico ou social se escolhe a cremação; escolha que não deve ser contrária à vontade explícita ou razoavelmente presumível do fiel defunto, a Igreja não vê razões doutrinárias para impedir tal práxis; uma vez que a cremação do cadáver não toca o espírito e não impede a onipotência divina de ressuscitar o corpo. (RC n. 4).

A orientação é que a celebração das Exéquias acompanhe a cremação, seguindo as respectivas indicações litúrgicas e pastorais. As cinzas devem ser conservadas em lugar sagrado, que pode ser cemitério, igreja ou local especialmente dedicado a isso, determinado pela autoridade eclesiástica.

A conservação das cinzas num lugar sagrado pode contribuir para que não se corra o risco de afastar os defuntos da oração e da recordação dos parentes e da comunidade cristã. Por outro lado, deste modo, se evita a possibilidade de esquecimento ou falta de respeito que podem acontecer, sobretudo depois de passar a primeira geração, ou então cair em práticas inconvenientes ou supersticiosas. (RC n. 5).

O segundo documento foi publicado em dezembro de 2016, pela Congregação para o Clero, com o título “O Dom da Vocação Presbiteral - *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*” (RFIS) e faz referência direta a documentos anteriores sobre o mesmo assunto, dos quais destacamos a “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastore Dabo Vobis*”, cujas considerações já apresentamos. Esse documento mais recente foi elaborado em várias etapas, sendo a primeira versão, provisória, preparada em 2014. Depois o documento foi enviado a especialistas que apresentaram propostas e sugestões. Em seguida, foi encaminhado a muitas Conferências Episcopais, permitindo a participação de diversos países nos quais ele deveria ser aplicado. Ao final de 2015, nos dias 19 e 20 de novembro, a Congregação para o Clero realizou um Congresso Internacional, lembrando os cinquenta anos dos dois primeiros documentos aqui citados, o Decreto *Presbyterorum Ordinis* e o Decreto *Optatam Totius* (Concílio Vaticano II, 1965), no qual foram elaboradas contribuições à reflexão sobre o tema da formação dos padres e, assim, foi redigido o texto final. O documento insiste num processo de formação integral e progressiva dos religiosos, inicial e permanente, e sugere que as Conferências Episcopais possam preparar, com base nesse texto original, um documento próprio que considere as experiências particulares pertencentes a cada território, caso isso seja oportuno e útil.

Ao tratar da etapa pastoral na formação, há uma clara preocupação com o acompanhamento dos novos padres, devendo-se evitar que eles sejam expostos sozinhos a situações muito delicadas ou impactantes. Para isso, aos novos padres é proporcionado um acompanhamento pessoal que os ajude a sustentar suas qualidades para que possam lidar melhor com os desafios pastorais (RFIS, n. 83).

Alguns colegas do meu tempo de formação nunca haviam acompanhado uma pessoa muito próxima numa Unidade de Terapia Intensiva, ou conduzido algum ato num velório. Após a ordenação sacerdotal, eles tiveram suas primeiras experiências de contato direto com a situação de morte. Para isso, contaram com o auxílio de outro sacerdote mais experiente. Entretanto, o fato de um sacerdote ter muitos anos de experiência nas suas funções não significa que consiga lidar facilmente com a situação de morte.

A atitude de acompanhamento da Igreja em relação aos padres recém-ordenados assemelha-se ao trabalho de supervisão proposto aos psicólogos em início de carreira. O documento considera também que, mesmo depois de alguns anos de experiências, é possível que novos desafios possam atingir a vida do padre, entre os quais cita a experiência da própria fraqueza, o desafio da cultura contemporânea, entre outros. No atendimento de uma situação de morte na diversidade cultural dos dias de hoje, é possível que o padre tenha uma forte experiência dos seus limites e fraqueza, dependendo das circunstâncias de cada caso. O documento expõe que a dimensão formativa pastoral seja sensível às situações delicadas do povo que ele acompanha:

Desenvolverá seu ministério num estilo de sincero acolhimento e de vigilante acompanhamento de todas as situações, também daquelas mais complexas, mostrando a beleza e as exigências da verdade evangélica, sem cair na obsessão legalista e rigorista. (RFIS, n. 120).

O documento deixa clara a necessidade de uma sólida formação pastoral e afirma que, sempre que for necessário, se possa contar com as contribuições das ciências humanas, especialmente da psicologia, pedagogia e sociologia (RFIS, n. 120). Mais adiante, ao referir-se à organização dos estudos, cita a possibilidade de uma preparação específica, aprofundada em cursos ou institutos especializados. Tais estudos são considerados importantes para *aquisição de instrumentos e noções que possam servir de apoio a determinadas atividades ministeriais* (RFIS, n. 185), como é o caso da questão abordada nesta pesquisa.

Em relação à psicologia, o documento ressalta a sua importância no processo formativo e deixa claro que, para se recorrer a um especialista em ciências psicológicas, é necessário que a pessoa interessada se manifeste, com um consentimento prévio, livre, bem informado e escrito. Essa referência à psicologia

está diretamente ligada ao acompanhamento daqueles que se preparam para a vida presbiteral, acentuando uma preocupação com possíveis psicopatologias. É bastante significativo que se considere a importância da psicologia e, embora não esteja aqui relacionada ao propósito desta pesquisa, abre uma lacuna para pensarmos em outros temas que possam aproximar a religião da ciência.

Ainda sobre documentos que orientam a formação dos padres, apresentamos algumas referências das “Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil”. Como podemos ver, este é específico para nossa realidade nacional, faz parte da série Documentos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) n. 93, publicado em 2010. Esse documento é extremamente relevante para a formação dos padres, por trazer as reflexões dos documentos pontifícios anteriores para a realidade brasileira. Sobre a formação pastoral, ele refere-se à realização de experiências pastorais em contato com pessoas em situação de sofrimento. Esse documento explicita orientações sobre o currículo do processo formativo. Inclui, na grade do curso de Filosofia, a disciplina de Psicologia, mas não especifica o conteúdo. Já o currículo dos estudos teológicos coloca a área da Teologia Pastoral como terceira em número de horas/aula, perdendo apenas para as áreas de Sagrada Escritura (480 horas/aula) e Teologia Sistemática (480 horas/aula). Também aqui não se faz especificação de conteúdo, mas seria na área da Teologia Pastoral que caberiam orientações práticas direcionadas à situação de morte.

Esse documento considera as dificuldades de diálogo e atuação dos padres nos tempos atuais. Refere-se aos desafios sociais contemporâneos e mostra preocupação com uma formação qualificada, indicando a necessidade de especialização:

A vida e o ministério do presbítero exigem atualização no campo da filosofia e teologia, como também em outros campos do saber. O mundo da ciência e da técnica exige do presbítero uma verdadeira especialização que no seu rigor possa discernir a presença do Verbo, ajudar o homem moderno no confronto com as realidades que o desafiam e nelas dar testemunho do Evangelho. (CNBB 93, n. 379).

Ao percorrer esses documentos da Igreja Católica que tratam da formação dos padres, seja durante o tempo dos estudos da graduação, seja no processo de formação permanente, após a ordenação, percebemos poucas referências

específicas à situação de morte, propriamente dita. É compreensível que uma grade curricular não consiga abarcar todas as situações que farão parte do cotidiano do padre, mas algumas indicações se fazem necessárias, principalmente quando existem dificuldades no momento da atuação. Para abordar situações mais específicas, é costume da Igreja organizar subsídios, como acontece com alguns ritos específicos. No caso deste trabalho, veremos agora como são abordados os ritos relativos à atuação dos padres na situação de morte, destacando o rito da Unção dos Enfermos, das Exéquias e da Celebração da Esperança.

### 2.3.1 O RITO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS

O “Rito da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral” (UE) que utilizamos foi elaborado pela Congregação para o Culto Divino, em 1972, e inicia-se expondo a fundamentação bíblica e a tradição da Igreja, com relação à assistência aos doentes e à organização da doutrina desse sacramento, sendo mencionada a “Constituição *Sacrosanctum Concilium*” sobre a Sagrada Liturgia (SC), 1965. No início desse costume, compreendia-se que o sacramento deveria ser ministrado, sobretudo, àqueles que pareciam estar às portas da morte. Por isso era chamado de sacramento dos agonizantes ou Extrema-Unção. Somente a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja declarou que seria mais acertado chamar de Unção dos Enfermos, uma vez que não é um sacramento apenas para os que estão morrendo (UE, p. 10; SC):

A “Extrema Unção”, que também e melhor pode ser chamada “Unção dos Enfermos”, não é um Sacramento só daqueles que estão nas vascas da morte. Portanto, tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença ou idade avançada. (SC n. 73).

Pelo sacramento, o enfermo é recomendado a Cristo, seja na perspectiva da recuperação da saúde, seja na perspectiva de falecimento. Apesar disso, minha experiência pessoal mostra que os pedidos para Unção dos Enfermos continuam, em maioria, relacionados a situações de perigo de morte iminente. O Rito da Unção, ao expor as pessoas que devem receber esse sacramento, refere-se àqueles que

serão submetidos a uma operação cirúrgica, quando essa intervenção é provocada por uma doença grave. Muitas vezes, no entanto, a procura dá-se após a intervenção cirúrgica, principalmente quando ocorre complicação. É importante lembrar que se trata de um sacramento ministrado aos vivos, portanto a condição da pessoa que recebe pode ser gravíssima, mas não será ministrado o sacramento se já tiver ocorrido o falecimento.

Eventualmente, a Unção dos Enfermos será ministrada a uma pessoa morta, se houver dúvida em relação à morte, o que pode acontecer, por exemplo, quando o atendimento se dá no domicílio. O Rito prevê que, nas famílias cristãs, haja instrução para que as pessoas, quando em situação de enfermidade grave, possam elas mesmas solicitar a unção e, caso o doente esteja privado dos sentidos, àqueles que o assistem sejam instruídos sobre o sacramento, considerando que esse seria um pedido do próprio doente, se ele pudesse se expressar.

O enfermo poderá receber apenas a unção ou também outros sacramentos nesse momento, a depender da situação. Em caso de doença repentina, por exemplo, que coloque em risco a vida do enfermo, pode-se realizar o Rito Contínuo, pelo qual a pessoa recebe os sacramentos da Penitência, da Unção e da Eucaristia, sob forma de viático. Recomenda-se que a pessoa que vai receber esse sacramento, se possível, possa conversar com o padre e, se for o caso, busque aliviar-se de alguma culpa. Quando há confissão, a unção é realizada em seguida, com óleo preparado para esse fim; serão unguidas a frente e as mãos do enfermo. Depois, caso o enfermo esteja em condições de receber alimento, poder-se-á oferecer o viático, como último alimento, aquele de quem se prepara para uma longa viagem.

A orientação da Igreja é que, não apenas o padre, mas também os membros da comunidade visitem os enfermos, busquem confortá-los e assisti-los em suas necessidades, considerando os vários aspectos de fragilidade que envolve o adoecimento humano, conforme encontramos no Catecismo da Igreja Católica (CIC, p. 412):

A enfermidade pode levar a pessoa à angústia, a fechar-se sobre si mesma e, às vezes, ao desespero e à revolta contra Deus. Mas também pode tornar a pessoa mais madura, ajudá-la a discernir em sua vida o que não é essencial, para voltar-se àquilo que é essencial. Não raro, a doença provoca uma busca de Deus.

Entretanto, especificamente, o sacramento da Unção dos Enfermos é ministrado somente pelos padres e bispos, a quem compete, além de ministrá-lo, despertar a esperança no coração do doente e daqueles que o acompanham, reanimando a fé cristã e expressando um maternal carinho (UE n. 35). É preciso ainda estar atento ao cansaço do enfermo e às variações do seu estado físico, segundo o dia e a hora, podendo, se for o caso, abreviar a celebração. O rito orienta também que o afeto e o auxílio da comunidade sejam levados ao enfermo antes e depois da unção, um compromisso que o padre pode e deve compartilhar com os demais membros da comunidade religiosa. O Rito da Unção tem o significado religioso de “apagar” as faltas do doente, proporcionar alívio e conforto à sua alma, despertar a confiança na misericórdia de Deus para que ele possa enfrentar os sofrimentos da enfermidade.

### **2.3.2 O RITO DAS EXÉQUIAS**

De acordo com o Dicionário Online de Português<sup>3</sup>, “exéquias” é uma palavra de origem latina e significa as cerimônias prestadas aos mortos, as orações, com as quais a comunidade cristã acompanha e homenageia seus mortos. O ritual de exéquias é uma expressão da esperança profunda da Igreja de que os cristãos incorporados a Cristo, pelo sacramento do Batismo, passem com ele da morte para a vida eterna. O “Ritual de Exéquias”, da Congregação para o Culto Divino, foi literalmente traduzido no Brasil, em 1971. A versão atual contém acréscimos elaborados depois de algumas pesquisas e foi publicada pela primeira vez em 2003, sendo que, agora, encontra-se na sua 8ª impressão, com o título “NOSSA PÁSCOA: Subsídios para a celebração da esperança” (NP). Esse texto apresenta três modalidades para o velório, celebrações para a encomendação e o sepultamento e cremação. Com o Rito das Exéquias, a Igreja realça a presença do Cristo Ressuscitado no momento de dor e sofrimento na experiência de separação causada pela morte de um ente querido, para levar, às pessoas enlutadas, conforto, esperança, bem como a presença amiga, a fraternidade e a solidariedade da

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/exequias/>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

comunidade religiosa. Em muitos casos, são formadas equipes que acompanham a família enlutada.

Sobre o significado, a Igreja compreende que, pela celebração do Batismo, a pessoa morre, é sepultada e ressuscitada com Cristo, ou seja, participa do mistério pascal e essa participação renova-se em cada celebração sacramental. O texto desse documento diz: “O que acontece tantas vezes sacramentalmente, a fé cristã assegura que acontece existencialmente na morte do cristão. Segundo esta fé, com sua morte, a pessoa deixa este corpo para morar com o Senhor.” (NP, 2015, p. 7).

As exéquias visam exprimir o caráter pascal da morte cristã e anunciam à comunidade reunida a vida eterna, ao mesmo tempo em que expressam o caráter provisório da nossa vida. (CIC n. 1684-1685). Além do aspecto teológico, o rito orienta que tudo deve ser feito com muita benevolência, ou seja, que aquele que conduz esteja atento aos sentimentos dos que participam das exéquias. O comportamento, portanto, do padre ou outra pessoa que conduz esse momento torna-se importante, inclusive porque não é fácil aos enlutados, mobilizados pelos sofrimentos da perda, compreenderem o pensamento teológico cristão que relaciona a morte à vida eterna, a partir da fé na morte e ressurreição de Jesus Cristo. Até mesmo os próprios cristãos costumam ficar aflitos diante da crua realidade de finitude escancarada na morte.

Pela afirmação da teologia cristã, a superação definitiva da morte dá-se apenas no tempo escatológico, relativo ao futuro absoluto. Estamos, portanto, diante de uma afirmação de fé que comporta certa ambiguidade: “*Esta ambiguidade de ‘já e ainda não’, tão fortemente evidenciada na morte de um cristão, celebra-se nas exéquias*” (NP, p. 9). A dimensão pascal caracterizava fortemente as exéquias, mas depois essa dimensão foi, aos poucos, deixada de lado e o aspecto trágico e amedrontador da morte sobressaiu-se até o século passado, quando, a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja procurou resgatar a índole pascal da morte cristã (SC n. 81).

O subsídio atual contém quatro capítulos. O primeiro com três modalidades sobre o velório, o segundo trata da encomendação, o terceiro do sepultamento e o quarto da encomendação no crematório. Contém ainda apêndices com leituras

bíblicas e cantos religiosos apropriados à situação. É importante dizer que esse texto traz em destaque o rito próprio para exéquias de crianças.

No funeral cristão católico, o Rito das Exéquias pode conter quatro momentos. O primeiro refere-se ao acolhimento da comunidade, uma breve saudação aos familiares e demais pessoas presentes, com palavras de “consolação”. No segundo, é feita uma leitura bíblica, cujo texto tenha estreita ligação com a compreensão de morte e ressurreição e deve ser previamente escolhido. O terceiro refere-se à Eucaristia e acontece apenas quando o rito se dá numa celebração eucarística, em que os fiéis participam da comunhão. O quarto e último momento é chamado de “encomendação a Deus”, expressa o último adeus antes de o corpo ser sepultado ou cremado. Em geral, em minha experiência pessoal, realizam-se apenas três momentos, sem a celebração da missa. Enfatizam-se os momentos da acolhida, da leitura bíblica e da encomendação. Pode, ainda, ser acrescida a bênção da sepultura, mas essa parte é menos frequente.

Importante dizer que o texto atual supõe que o ministro de exéquias seja um leigo ou leiga da comunidade religiosa, devidamente preparado(a), não necessariamente o padre. O texto contém uma sequência de gestos, palavras e outras orientações apresentadas de forma cuidadosa e respeitosa, convenientes à situação. Trata-se de um esquema bem definido daquilo que deve ser feito, quer seja presidido pelo padre, quer por outra pessoa. Em ambos os casos, não são celebrações longas, acontecem dentro de um tempo suficiente para que as pessoas envolvidas possam se apropriar dos sentimentos de uma despedida, tornando possível expressá-los, bem como realizar homenagens ao falecido, sendo importante enfatizar a esperança na ressurreição que é o que marca particularmente o aspecto religioso da celebração. Geralmente, esta tem uma curta duração, mas é importante que não se busque abreviar mais o rito, a menos que haja razões que justifiquem essa atitude.

### 2.3.3 A CELEBRAÇÃO DA ESPERANÇA

Além da “Unção dos Enfermos” e do “Ritual das Exéquias”, é comum o pedido para que o padre celebre uma missa pela alma do falecido. Nesses casos, o rito não difere do de outras missas, apenas as orações que são apropriadas à intenção da celebração, bem como é conveniente que o padre dirija aos familiares enlutados palavras de conforto, solidariedade e, principalmente, de esperança da vida eterna, conforme já apresentado nos ritos anteriores.

A celebração da missa é o centro de toda a vida cristã, nela recorda-se o sacrifício, a morte e a ressurreição de Jesus. Pela fé, os cristãos não apenas assistem a uma liturgia, mas participam dos mistérios celebrados. No momento principal da celebração, os fiéis acreditam que os dons oferecidos tornam-se Corpo e Sangue de Cristo, de acordo com a narrativa bíblica da última refeição de Jesus com seus apóstolos. As orações que se seguem a esse momento fazem referência aos cristãos vivos e também aos falecidos, podendo se dizer claramente os nomes dos defuntos, para enfatizar aqueles pelos quais se celebra a missa. A cena ritual repete-se em cada celebração eucarística e os fiéis recebem os alimentos sagrados, participando dos mistérios da morte e ressurreição de Jesus. Sobre a missa pelos defuntos, o Missal Romano (MR) afirma:

A Igreja oferece o sacrifício eucarístico da Páscoa de Cristo pelos defuntos, a fim de que, pela comunhão de todos os membros de Cristo entre si, o que obtém para uns e o socorro espiritual traga aos outros a consolação da esperança. (MR n. 335).

A celebração pelos defuntos pode acontecer em diversos momentos em referência à morte, desde o velório. Pode ser nas exéquias, no sétimo dia, no trigésimo dia, ao se completar um ano do falecimento, quando se passa a celebrar anualmente. O mais comum, conforme tenho acompanhado nos últimos vinte anos, é a celebração de Sétimo Dia, que tem uma estreita relação com a narrativa bíblica da criação, a qual fala do descanso no sétimo dia. Muitas pessoas que não conseguem comparecer ao velório, que geralmente conta com um curto tempo de preparação, participam da missa do sétimo dia. É como se essa celebração separasse os difíceis dias de intenso sofrimento mais próximos da data da morte, para, então, os cristãos retomarem devagar a atenção para outros aspectos da vida.

Não se pode, no entanto, afirmar que os dias posteriores ao falecimento são estáticos, tampouco que após o sétimo dia o sofrimento diminui. É preciso ter claro que estamos em um dos momentos intensos do processo de luto, que é individual e cuja elaboração envolve muitos fatores e não pode ser determinada com previsão temporal.

É importante ressaltar que as celebrações podem ajudar as pessoas quando se encontram numa situação de morte, mas é fundamental o modo como cada momento é conduzido. Aquele que preside deve expressar acolhida e respeito, estar atento para que os gestos não sejam mecânicos, sem vida, as palavras sejam convenientes, bem como o tom de voz. Que se observe e respeite o que as pessoas querem expressar. Sem essas considerações sobre os ritos, corre-se o risco de esvaziar todo o significado religioso da celebração.

Encerrando este capítulo, vimos que os documentos da Igreja que orientam a formação dos padres não abordam diretamente a morte, não trazem orientações pastorais específicas para tal situação. Numa busca cuidadosa, encontramos, no entanto, lacunas, a partir das quais o assunto pode ser abordado e essas devem ser preenchidas, sendo aqui sugerida a inserção de psicólogos e teólogos na produção de conhecimentos e desenvolvimento de possibilidades interventivas. Sobre a morte, encontramos com mais facilidade os rituais, conforme destacamos aqui três que podem ser relacionados a três diferentes momentos da situação de morte: antes dela – Unção dos Enfermos; quando ela acontece e antes do sepultamento ou cremação – velório e Rito das Exéquias; e após o sepultamento ou cremação – Celebração da Missa em memória do Fiel Defunto. Desses, certamente a celebração das exéquias parece ocupar o ponto mais alto da situação e é importante saber que, entre os três, exatamente esse rito pode ser celebrado por um leigo ou leiga da comunidade, sem excluir o padre, que é, geralmente, o primeiro a ser convocado.

### 3 MÉTODO

Acreditamos que a apresentação dos capítulos teóricos possibilitou um pouso mais sólido no complexo terreno científico que abrange a psicologia, a situação de morte e a religião, em particular o cristianismo católico.

O que não era visto com simplicidade no início desta pesquisa foi confirmado no processo de elaboração da fundamentação teórica em torno de temas tão delicados e necessitados de investigação. A percepção da complexidade e das dificuldades para discutir psicologia, morte e religião prolonga-se nas próximas páginas, com a apresentação do método, análise e discussão deste estudo.

O mapeamento bibliográfico foi construído a partir da realização de uma revisão sistemática da literatura, por se tratar, segundo Creswell (2010), de uma forma de realizar pesquisa científica identificando a compreensão sobre uma realidade específica. A revisão da literatura possibilita a ampliação de estudos já realizados, identificação de lacunas existentes e é importante que apresente contribuições à comunidade. Além disso, trata-se de um trabalho que cumpre alguns propósitos, como compartilhar estudos intimamente ligados àquele que está sendo pesquisado e relacionar o estudo em questão ao diálogo maior e contínuo na literatura. Ainda segundo esse autor, a revisão da literatura proporciona uma estrutura para estabelecer a importância do estudo e também uma referência para comparação de resultados. Neste estudo, a comparação de resultados deu-se entre o mapeamento no campo da psicologia e o levantamento nos documentos da Igreja.

A questão sobre a qual nos debruçamos nesta pesquisa diz respeito à produção de conhecimento em psicologia que envolve a situação de morte e religião, mais especificamente, as práticas cristãs católicas e a atuação dos padres. Com referências tão abrangentes, fez-se necessário que a revisão da literatura adotasse alguns critérios no processo de busca. Vale a pena recordar que não existe uma única forma de conduzir uma revisão da literatura (CRESWELL, 2010). No campo de interesse específico desta investigação, encontramos alguns autores que sinalizam elementos sobre os temas abordados que, ao serem articulados, colaboraram com a escolha do método, definido como revisão sistemática e crítica

da literatura. A seguir apresentamos a organização dos procedimentos para a coleta de dados.

### 3.1 Procedimentos para coleta de dados

Um trabalho de revisão da literatura pode intencionalmente apenas mapear um assunto, identificar as formas como ele pode ser abordado e apresentar outras características mais. Mas, conforme já dissemos acima, a revisão da literatura pode ter várias maneiras. Os objetivos pretendidos influenciam nos critérios adotados no procedimento de coleta. Nesta investigação, a proposta de revisão da literatura é acompanhada do interesse em realizar uma crítica sobre o material coletado, apontando avanços e também aspectos importantes, porém pouco explorados até então.

A partir dessas considerações, este estudo definiu os critérios que nortearam o processo de busca e revisão. Esses critérios dizem respeito à definição de onde foram realizadas as buscas às palavras-chave que possibilitam o cruzamento entre assuntos, idioma em que foi escrito o trabalho, local de realização e publicação das pesquisas, autores, período de publicação dos trabalhos e avaliação Qualis/CAPES dos periódicos.

De acordo com essas decisões, os procedimentos iniciaram-se pela definição do local de publicação do material. As buscas dirigiram-se aos artigos disponíveis na plataforma *on-line* da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-Psi), integrada a outras fontes, como a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). As palavras-chave, inicialmente, foram “psicologia”, “religião”, “espiritualidade”, “luto” e “morte”. Essas expressões, no entanto, não se mostraram suficientes para atingir os objetivos pretendidos, o que resultou na necessidade de uma ampliação de palavras na realização das buscas, conforme apresentaremos mais à frente. Decidiu-se por artigos escritos originalmente em português, referentes a pesquisas realizadas e publicadas no Brasil. Quanto aos autores, o interesse foi de localizar pesquisadores psicólogos, portanto, os artigos deveriam ter pelo menos um psicólogo entre os autores.

No que se refere ao critério temporal, ficou definido que seriam selecionados os artigos publicados no período de 2011 a 2016. Sobre esse critério, apresentaremos um importante achado que enfatiza a definição do critério temporal. Por último, foi considerada a avaliação Qualis/CAPES dos periódicos nos quais os artigos foram publicados, cuja classificação deveria se enquadrar entre os níveis A1, A2, B1 e B2. Foi constatado, durante os procedimentos de busca e seleção, que alguns artigos atendiam aos critérios estabelecidos, por adotarem as palavras-chave, porém, no aprofundamento das buscas pela leitura dos resumos, ficou claro que esses artigos não articulavam o tema da morte/luto com o tema da religião/espiritualidade. Sobre isso, retomaremos na análise dos resultados.

Conforme acenamos acima, a definição do critério temporal ganhou mais força a partir de alguns artigos localizados. Trata-se de três artigos sobre revisão da literatura, produção científica e apreciação crítica. Esses três artigos reportam-se a períodos distintos, entre os anos de 1956 e 2012. São eles: “Produção científica na área da Psicologia referente à morte”, relativo ao período de 2002 a 2012 (FARAJ *et al.*, 2013); “Morte, família e a compreensão fenomenológica: revisão sistemática da literatura”, referente ao período de 1997 a 2009 (BARBOSA *et al.*, 2011) e “Psicologia da Religião no Brasil: A Produção em Periódicos e Livros”, compreendendo o período de 1956 a 2005 (PAIVA *et al.*, 2009). Esses artigos trouxeram contribuição ao presente estudo, principalmente no que diz respeito a uma revisão mais atualizada, uma vez que são artigos publicados em torno de 2010.

Ao iniciar o processo de coleta de dados na BVS-Psi, realizou-se o seguinte percurso: Bases Bibliográficas, Index Psi Periódicos Técnico-Científicos, sem definir ainda o período das publicações, com a opção “pesquisa por formulário avançado” e “OR”, que amplia o escopo da pesquisa, captando “qualquer” uma das três palavras informadas, sem necessariamente haver uma relação entre elas. Nessa primeira tentativa, foram obtidos os seguintes resultados:

- Psicologia OR morte OR religião = 25.415 referências;
- Psicologia OR morte OR espiritualidade = 25.348 referências;
- Psicologia OR luto OR religião = 25.137 referências;

– Psicologia OR luto OR espiritualidade = 25.063 referências.

Mantendo o mesmo procedimento, porém alterando apenas de “OR” para “AND”, que restringe o escopo da pesquisa, para os quatro agrupamentos das três palavras, foram encontradas apenas sete referências. Isso mostra a importância de atentarmos para a forma de conjugar as palavras no momento de inseri-las na base *on-line*. Quando isoladas, as palavras são largamente usadas, mas quando relacionadas diretamente, a busca resulta num número pouco relevante para o primeiro passo de uma pesquisa desta natureza. Esses resultados conduziram a uma reformulação do processo de busca e à inclusão de outras palavras que estejam relacionadas aos temas definidos. Pois, conforme apresentamos abaixo, uma busca muito rígida conduz a resultados extremos.

– Psicologia AND morte AND religião = 6 referências;

– Psicologia AND morte AND espiritualidade = 1 referência;

– Psicologia AND luto AND religião = 0 referência;

– Psicologia AND luto AND espiritualidade = 0 referência.

Constatada essa disparidade nos resultados das primeiras buscas, o percurso foi refeito com outras possibilidades de agrupamento e acréscimo de mais descritores. As tabelas 1 e 2 mostram os passos da reorganização dos descritores que passaram por um desdobramento e os resultados a partir dessa alteração. No anexo 1, encontra-se a forma de inclusão dos descritores, bem como o resultado da busca, exatamente como apresentado na plataforma *on-line* da BVS-Psi. Note-se que, na segunda tentativa indicada acima, há dois agrupamentos de descritores que apresentam resultados: “Psicologia AND morte AND religião” e “Psicologia AND morte AND espiritualidade”. As sete referências encontradas nesses agrupamentos foram consideradas na tabela 2.

A inclusão de novas palavras e o desdobramento dos descritores considerou expressões que estão estreitamente ligadas aos interesses deste estudo: catolicismo, padre, ritual, Igreja Católica, sacerdote e presbítero. Essas novas expressões foram associadas às anteriores: psicologia, morte, luto, religião e

espiritualidade. A partir disso, organizou-se um desdobramento na associação dos descritores, conforme apresenta a tabela 1.

**Tabela 01: DESDOBRAMENTOS NA ASSOCIAÇÃO DOS DESCRITORES PARA BUSCAS ON-LINE NO CAMPO DA PSICOLOGIA, EM TORNO DAS EXPRESSÕES “PSICOLOGIA”, “MORTE”, “LUTO”, “RELIGIÃO” E “ESPIRITUALIDADE” E OUTRAS.**

1	Psicologia x Morte	1.1	Psicologia x Morte x Religião
		1.2	Psicologia x Morte x Espiritualidade
		1.3	Psicologia x Morte x Catolicismo
		1.4	Psicologia x Morte x Ritual
		1.5	Psicologia x Morte x Padres
2	Psicologia x Luto	2.1	Psicologia x Luto x Religião
		2.2	Psicologia x Luto x Espiritualidade
		2.3	Psicologia x Luto x Catolicismo
		2.4	Psicologia x Luto x Ritual
		2.5	Psicologia x Luto x Padres
	Psicologia x Religião		
	Psicologia x Espiritualidade		
	Psicologia x Catolicismo	5.1	Psicologia x Igreja Católica
	Psicologia x Ritos	6.1	Psicologia x Ritual
	Psicologia x Padres	7.1	Psicologia x Presbíteros
		7.2	Psicologia x Sacerdotes

A partir dessa reorganização, foram aplicados os demais critérios de busca e seleção de artigos, por etapas. A seguir, apresentamos os resultados obtidos e o passo posterior foi definir categorias para análise desses resultados.

Quanto aos dados que se referem à orientação aos padres, recordamos o que foi apresentado no capítulo 3 deste estudo. Realizamos um levantamento junto aos documentos da Igreja Católica. Os dados obtidos foram analisados também de acordo com a definição de categorias e encontram-se ao final desta seção.

De acordo com os objetivos propostos nesta investigação, os dados analisados, em ambos os terrenos, o da psicologia e o da Igreja Católica, passaram por um processo de articulação, na perspectiva de identificar elementos que se entrelaçam para subsidiar tanto a atuação de psicólogos quanto a atuação de padres.

#### 4 RESULTADO E ANÁLISE

O acréscimo de novas expressões que se relacionam ao interesse desta pesquisa e o desdobramento na associação dos descritores resultou numa coleta de 422 artigos, publicados no Brasil. Na sequência, expomos a coletânea dos 422 artigos, distribuída de acordo com a inserção de novas expressões e os novos agrupamentos (tabela 2).

Tabela 02: **RESULTADO DAS BUSCAS ON-LINE NA PLATAFORMA BVS-Psi, A PARTIR DO DESDOBRAMENTO DE DESCRITORES, DE ARTIGOS PUBLICADOS NO BRASIL.**

	<b>Palavras-chave / Descritores</b>	<b>Artigos</b>	<b>Data da Coleta</b>
1	Psicologia x Morte	107	24/10/2016
2	Psicologia x Luto	25	24/10/2016
3	Psicologia x Morte x Religião	6*	24/10/2016
4	Psicologia x Morte x Espiritualidade	1*	24/10/2016
5	Psicologia x Religião	167	24/10/2016
6	Psicologia x Espiritualidade	33	24/10/2016
7	Psicologia x Rituais	3	24/10/2016
8	Psicologia x Padres	67	24/10/2016
9	Psicologia x Catolicismo	8	24/10/2016
10	Psicologia x Igreja Católica	5	24/10/2016
11	Psicologia x Morte x Catolicismo	0	24/10/2016
12	Psicologia x Morte x Rituais	0	24/10/2016
13	Psicologia x Morte x Padre	0	24/10/2016
14	Psicologia x Luto x Religião	0	24/10/2016
15	Psicologia x Luto x Espiritualidade	0	24/10/2016
16	Psicologia x Luto x Catolicismo	0	24/10/2016
17	Psicologia x Luto x Rituais	0	24/10/2016
18	Psicologia x Luto x Padres	0	24/10/2016
19	Psicologia x Ritual	0	24/10/2016
20	Psicologia x Presbítero	0	24/10/2016
21	Psicologia x Sacerdote	0	24/10/2016
	<b>TOTAL DE REFERÊNCIAS</b>	<b>422</b>	<b>24/10/2016</b>

\* Esses artigos são os mesmos coletados na primeira tentativa de busca, antes do desdobramento dos descritores.

Com esses resultados de coleta, destacamos algumas observações que fazem parte de uma análise prévia dos resultados, antes da aplicação dos demais critérios de seleção:

- a) Ao ser associada à “psicologia”, a expressão “morte” é mais usada do que a expressão “luto”, conforme se observa nos agrupamentos binomiais psicologia x morte = 107 artigos, psicologia x luto = 25 artigos;
- b) Ao ser associada à “psicologia”, a expressão “religião” é mais usada do que a expressão “espiritualidade”. Psicologia x religião = 167 artigos, Psicologia e espiritualidade = 33 artigos;
- c) São poucos os artigos que associam diretamente as três expressões: psicologia x morte x religião = 6, psicologia x morte x espiritualidade = 1, psicologia x luto x religião = 0, psicologia x luto x espiritualidade = 0;
- d) Chama a atenção um número significativo de artigos que associam as expressões “psicologia” x “padres” = 67;
- e) Embora seja um número baixo, também chama a atenção artigos que fazem as seguintes associações: “psicologia” x “catolicismo” = 8 artigos e “psicologia” e “Igreja Católica” = 5 artigos;
- f) Ressaltando o propósito desta investigação, observa-se que nesta busca não foram localizados artigos com os agrupamentos: “psicologia x morte x padre”, “psicologia x luto x padre”, “psicologia x morte x catolicismo” e “psicologia x luto x catolicismo”.

Em seguida, apresentamos como se deu o processo de seleção dos artigos coletados, a definição das categorias de análise e análise dos artigos finais selecionados.

#### **4.1 Seleção dos artigos coletados**

Após a definição do local das buscas e os ajustes no uso de palavras-chave e agrupamento de descritores, seguimos com o processo de seleção, a partir do critério temporal, que se refere aos artigos publicados entre 2011 e 2016. Esse curto período adotado para as buscas considerou, conforme já apresentamos, as

pesquisas referenciadas acima de Faraj *et al* (2013), Barbosa *et al* (2011) e Paiva *et al* (2009). Os resultados obtidos com a aplicação do critério temporal são apresentados na tabela 3, a seguir:

Tabela 03: **PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS NA ÁREA DA PSICOLOGIA, SOBRE MORTE, LUTO, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE, RITUAIS, IGREJA CATÓLICA, CATOLICISMO E PADRES, PUBLICADOS NO PERÍODO DE 2011 A 2016.**

	<b>Descritores</b>	<b>Quantidade de artigos</b>	<b>Período de 2011 a 2016</b>
1	Psicologia x Morte	107	40
2	Psicologia x Luto	25	8
3	Psicologia x Morte x Religião	6	1
4	Psicologia x Morte x Espiritualidade	1	Fora período
5	Psicologia x Religião	167	39
6	Psicologia x Espiritualidade	33	19
7	Psicologia x Rituais	3	Fora período
8	Psicologia x Padres	67	41
9	Psicologia x Catolicismo	8	Fora período
10	Psicologia x Igreja Católica	5	1

Com a aplicação do critério temporal, três agrupamentos foram descartados: “Psicologia x Morte x Espiritualidade”, “Psicologia x Rituais” e “Psicologia x Catolicismo”.

O passo seguinte foi identificar se os artigos localizados apresentavam uma relação entre as temáticas da morte/luto com a religião/espiritualidade, na área da psicologia. Esse processo deu-se pela leitura dos resumos apresentados nos respectivos artigos. Em seguida, aplicou-se o critério de classificação Qualis/CAPES dos periódicos, nos quais os artigos foram publicados. Esse critério objetivou identificar os artigos publicados apenas em periódicos A1, A2, B1 e B2. O resultado foi de apenas 6 artigos selecionados. Na tabela 4, são apresentados esses seis artigos, com título, identificação dos autores, periódicos, classificação Qualis/CAPES e ano da publicação. Com a finalização do processo de seleção de material, de acordo com os critérios estabelecidos, foram definidas as categorias de análise às quais os seis artigos foram submetidos.

Entretanto, considerando o número elevado de alguns artigos, mesmo fora do critério de classificação Qualis/CAPES dos periódicos, decidiu-se que estes não deveriam ser sumariamente desprezados, mas observados com mais atenção e comentados.

Tabela 04: ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS A1, A2 E B2, QUE ENTRELAÇAM AS TEMÁTICAS DA MORTE/LUTO E RELIGIÃO/ESPIRITUALIDADE NA ÁREA DA PSICOLOGIA, NO BRASIL, NO PERÍODO DE 2011 A 2016.

<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano</b>	<b>Qualis</b>	<b>Autor(es)</b>
A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso.	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental São Paulo/SP	2014	A2	– Rocha, Z.
Enfrentamento da morte fetal pela enfermagem na abordagem disposicional e na Teoria Motivacional do <i>Coping</i> .	Estudos de Psicologia Campinas/SP	2015	A1	– Cravinho, C.R.M – Cunha, A.C.
Redes da vida: Uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte	Kairós Gerontologia São Paulo/SP	2012	B2	– Magalhães, G.P. – Gonçalves, G. R. – Sawaguchi, G. – Taba, S. – Faria, D.L.
A importância do acompanhamento psicológico no processo de aceitação da morte	Estudos e Pesquisas em Psicologia  Rio de Janeiro/RJ	2013	A2	– Melo, A.F.V – Zeni, L.L. – Costa, C.L. – Fava, A.S.
A morte na visão do sertanejo nordestino em tratamento oncológico	Estudos em Psicologia Natal/RN	2012	A2	– Vera, L. – Moreira, V.

<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano</b>	<b>Qualis</b>	<b>Autor(es)</b>
A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica	Psicologia em Estudo Maringá/PR	2014	A1	– Freitas, J.L. – Michel, L.H.

No período de 2011 a 2016, foram selecionados 40 artigos, que cruzavam “Psicologia x Morte”; após a leitura dos resumos, os que faziam referência à religião e atendiam ao critério de periódicos Qualis/CAPES de B2 a A1 foram apenas cinco artigos. Nesse mesmo período, foram encontrados 8 artigos que cruzavam “Psicologia x Luto”. Adotando o mesmo procedimento acima citado, restou apenas um artigo. Observa-se que, entre os seis artigos selecionados, nenhum foi publicado em periódico classificado como B1.

Com o encerramento do processo de seleção, os artigos foram analisados de acordo com as categorias definidas, cujos procedimentos seguem apresentados.

## **4.2 Procedimentos para análise dos resultados**

A partir do processo de coleta de dados, seleção e também leitura do material selecionado, foram definidas três categorias de análise a serem aplicadas nos seis artigos: 1) Características de Identificação; 2) Características Metodológicas e 3) Características de Conteúdo. A seguir, cada uma dessas categorias é apresentada.

### **4.2.1 Características de Identificação**

A categoria de análise referente às características de identificação foi dividida em cinco subcategorias específicas: autores, local das pesquisas, instituição dos

autores, periódico, fluxo das publicações. O conjunto dessas categorias possibilitou uma visão mais completa sobre a identificação das pesquisas selecionadas.

#### 4.2.1.1 Autores

A análise dos autores permite identificar os estudos realizados por psicólogos em parceria com outros profissionais. Isso evidencia a importância do trabalho multidisciplinar, além de indicar quais profissionais aliam-se aos psicólogos no interesse pelo tema da morte e da religião.

Tabela 05: **IDENTIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS AUTORES POR ARTIGO**

<b>AUTOR</b>	<b>ARTIGOS</b>
Apenas Psicólogo	4
Psicólogo e Estudante de Psicologia	1
Psicólogo, Médico e Médico Psiquiatra	1

Apenas um dos artigos selecionados foi produzido por psicólogos em parceria com outros profissionais de área da saúde, sendo um médico psiquiatra e outro médico com experiência em cirurgia de cabeça e pescoço, bem como atuação em situações de câncer relativas à sua experiência. Um artigo foi produzido por um estudante de psicologia, participante do programa de iniciação científica, em parceria com uma doutora em psicologia. Os demais foram produzidos somente por psicólogos, com mestrado e doutorado em andamento ou concluído. Um dos artigos foi produzido por um único autor que, além do doutorado em psicologia, tem mestrado em filosofia e em teologia. Observa-se que nenhum artigo foi produzido por psicólogo em parceria com algum autor com formação na área da religião. No total, identificamos 16 autores, entre psicólogos, estudante de psicologia, médicos, mestrandos e doutorandos que produziram artigos nos últimos seis anos na área da psicologia articulando o tema da morte/luto com a religião/espiritualidade.

#### 4.2.1.2 Local de realização da pesquisa

Considerando o objetivo de mapear a produção da psicologia em território nacional e, apesar da pequena quantidade de artigos selecionados, a identificação do local de realização da pesquisa mostra que foram realizadas duas no Nordeste, uma na Região Sul e três na Região Sudeste, tendo São Paulo como maior referência nas pesquisas selecionadas, conforme apresenta a tabela 06.

Tabela 06: **LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

<b>LOCAL</b>	<b>ARTIGO</b>
Recife (PE)	1
Rio de Janeiro (RJ) e Serra (ES)	1
São Paulo (SP)	2
Fortaleza (CE)	1
Curitiba (PR)	1

Observamos a ausência de artigos nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil. Esse dado chama a atenção, se levarmos em conta a significativa existência de comunidades indígenas na região Norte, o que pode despertar o interesse pela forma como eles lidam com a situação de morte, dentro de sua cultura e religiosidade específicas, permeadas pela riqueza de crenças diretamente relacionadas com a natureza. Além disso, as duas regiões, Norte e Centro-Oeste, estão geograficamente posicionadas na fronteira com outros países. Isso facilita a presença de imigrantes que trazem consigo uma diversidade cultural e religiosa, que se mistura à nossa cultura e influencia a visão de mundo e, possivelmente, as maneiras de enfrentamento da morte. Essa observação não despreza o fato de que também os países vizinhos foram fortemente influenciados pelo cristianismo no processo de colonização. Mesmo assim, esses países conservam elementos culturais e religiosos bastante originais, como por exemplo, os da cultura Inca.

#### 4.2.1.3 Instituição à qual pertencem os pesquisadores

Nesta categoria, foram identificadas as instituições dos autores das pesquisas selecionadas, se são públicas ou privadas, o que acena para o incentivo à pesquisa nesses dois tipos de instituição, dentro da área de interesse delimitada neste trabalho.

Tabela 07: **INSTITUIÇÃO DOS PESQUISADORES**

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>AUTORES</b>
Universidade Católica de Pernambuco	1
Universidade Federal do Espírito Santo	2
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	5
Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual - SP	2
Fundação Antônio Prudente – Hospital A.C. Camargo - SP	2
Universidade Estadual do Rio de Janeiro	1
Universidade de Fortaleza	1
Universidade Federal do Paraná	2

De acordo com a tabela 7, os artigos foram produzidos por pesquisadores pertencentes a oito instituições, sendo que a maioria deles está vinculada a universidades públicas, duas universidades federais com quatro pesquisadores e três instituições estaduais, com cinco pesquisadores. Sete pesquisadores estão vinculados a três instituições particulares. Pode-se levantar o questionamento sobre o incentivo à pesquisa científica nas universidades particulares, em comparação com as públicas. Além de pensar sobre o incentivo à pesquisa, também podemos pensar na qualidade da produção, de acordo com a avaliação Qualis/CAPES. Ainda sobre a instituição à qual pertencem os autores, chamou a atenção, uma vez que esta pesquisa faz referência ao catolicismo, o fato de que, entre as três instituições

particulares destacadas, duas possuem identificação religiosa, são universidades católicas. Entretanto, observa-se que os trabalhos apresentados pelos pesquisadores das universidades católicas, selecionados nesta pesquisa, não fazem referência específica ao catolicismo.

#### 4.2.1.4 Periódicos nos quais os artigos foram publicados

A análise dos periódicos de acordo com a classificação Qualis/CAPES fornece informações sobre a qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. A qualidade do artigo dá-se a partir da qualidade do veículo de divulgação, o periódico científico.

Tabela 08: CLASSIFICAÇÃO QUALIS/CAPES DOS PERIÓDICOS

PERIÓDICO	ISSN	QUALIS	ORIGEM	ARTIGOS	ANO
Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	1415-4714	A2	São Paulo/SP	1	2014
Estudos de Psicologia	0103-166X	A1	Campinas/SP	1	2015
Kairós Gerontologia	2176-901X	B2	São Paulo/SP	1	2012
Estudos e Pesquisas em Psicologia	1808-4281	A2	Rio de Janeiro/RJ	1	2013
Estudos de Psicologia	1678-4669	A2	Natal/RN	1	2012
Psicologia em Estudo	1807-0329	A1	Maringá/PR	1	2014

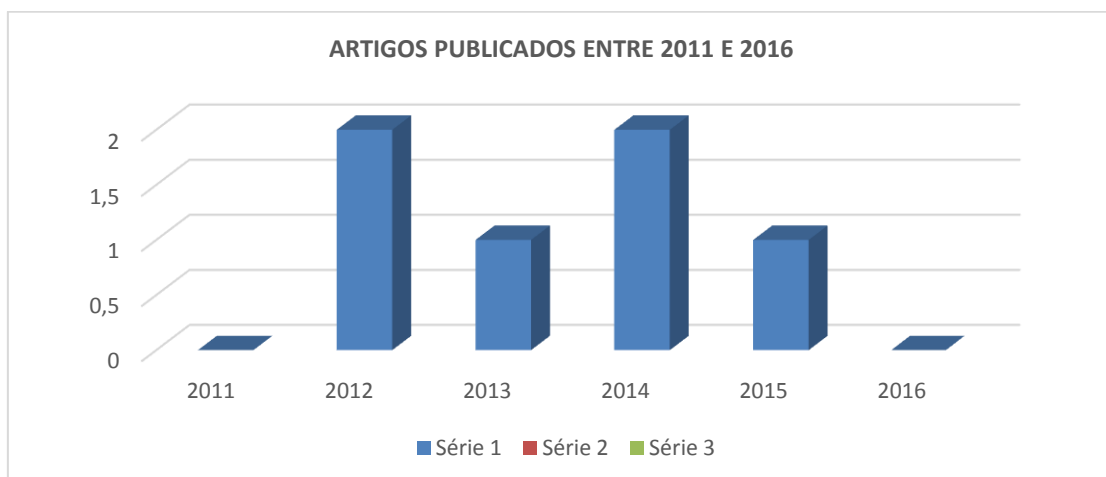
Todos os artigos foram publicados em diferentes periódicos, ou seja, nenhum periódico conta com mais de uma publicação entre os artigos selecionados. Dois desses periódicos estão classificados pela avaliação Qualis/CAPES como A1, três

como A2 e um como B2. Apesar de serem poucos os artigos selecionados, percebe-se com clareza que a maioria deles encontra-se nos níveis superiores de qualidade, ou seja, de seis, cinco artigos encontram-se publicados em periódicos cuja estratificação de qualidade está nos dois níveis mais elevados da escala, A1 e A2.

#### 4.2.1.5 Fluxo das publicações por ano

A análise por ano indica a frequência com que os pesquisadores se debruçam sobre o tema. Há períodos em que alguns assuntos despertam mais interesse, podendo sofrer uma queda em tempos posteriores, bem como uma retomada mais adiante. A frequência de publicações pode ser aumentada de acordo com a indicação de lacunas que despertam novos interessados em diferentes aspectos de um mesmo tema. Sobre o número de publicações por ano, é preciso considerar ainda fatores sociais, econômicos, culturais e outros que podem influenciar o incentivo ou a perda de interesse por um determinado assunto. Por exemplo, Paiva *et al.* (2009), em sua pesquisa sobre a produção a respeito da Psicologia da Religião no Brasil, no período de cinquenta anos, associa o decréscimo de artigos na década de 1970 à situação política do País, que atraiu os pesquisadores mais para a reflexão em torno dos problemas sociais e políticos do Brasil, do que pela temática da religião. Sobre o fluxo anual das publicações selecionadas nesta investigação, temos uma visão objetiva a partir da figura 1.

Figura 01:



No período estipulado para esta pesquisa, que corresponde a seis anos consecutivos, dentro dos critérios de seleção de artigos, não houve publicação nos anos de 2011 e 2016. Em 2013 e 2015, houve apenas uma publicação em cada ano e, em 2012 e 2014, foram publicados dois artigos em cada ano.

Chama a atenção a ausência de publicações em 2016, porém deve-se considerar o movimento do CRP-SP, sexta região, que organizou uma sequência de seminários temáticos sobre psicologia e religião. A preocupação do CRP-SP com a profissão resultou numa importante publicação ao final de 2016.

Trata-se de três volumes, nos quais constam mais de 90 artigos, como resultado dos seminários criados em 2015, sobre psicologia, laicidade e as relações com a religião e a espiritualidade. Os artigos estão organizados por sessões temáticas, a saber: O volume 1 é composto de duas partes: parte 1 sobre psicologia, laicidade e políticas públicas e parte 2 sobre psicologia, religião e direitos humanos; o volume 2 trata da fronteira da psicologia com os saberes tradicionais: práticas e técnicas. No terceiro volume, encontramos artigos sobre psicologia, espiritualidade e epistemologias não hegemônicas. Embora essa publicação do CRP-SP não se enquadre nos critérios de busca e seleção proposto neste estudo, devemos considerar que se trata de um trabalho de grande valor para o desenvolvimento das pesquisas que se relacionam com a religião/espiritualidade e também com a laicidade no Brasil, no campo da psicologia, inclusive porque os autores desses artigos pertencem a instituições de vários estados do território nacional. Ainda assim, nenhum dos artigos publicados nesses volumes apresenta, pelo título, uma articulação da psicologia com a religião e a morte. Esse dado pode ser um indicativo de que entre os psicólogos que se interessam pelo tema da morte/luto, há necessidade de maior consideração em relação à religião/espiritualidade. Ainda nessa perspectiva, podemos pensar que, entre os psicólogos que trabalham com o tema da religião/espiritualidade, não há muitas evidências de que se interessam pelo tema da morte/luto.

#### 4.2.2 Características metodológicas

Esta categoria de análise apresenta os tipos de pesquisas. Os parâmetros para identificação dos artigos selecionados levaram em consideração os métodos qualitativo, quantitativo, misto, pesquisa teórico-conceitual, bem como o método de coleta de dados, se foram utilizadas entrevistas, questionários, testes, observação ou outros instrumentos (Tabela 9).

Tabela 09: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

<b>METODOLOGIA</b>	<b>INSTRUMENTOS</b>	<b>ARTIGOS</b>
Pesquisa Teórico-Conceitual		2
Quantitativa	“Inventário COPE” e Entrevista <i>Coping</i> Motivacional	1
Qualitativa	Entrevista Fenomenológica	2
	Caso Clínico	1

A análise das características metodológicas expõe como o tema da morte/luto relacionado à religião/espiritualidade vem sendo tratado por psicólogos. Nota-se uma ocorrência maior, entre os artigos selecionados, de pesquisas qualitativas. Duas das pesquisas selecionadas são teórico-conceituais. Apenas uma das pesquisas utilizou o método quantitativo, com aplicação do “Inventário COPE” e do “Roteiro de Entrevista *Coping* Motivacional”. Entre as três pesquisas qualitativas, uma foi de caso clínico e duas utilizaram “Entrevista Fenomenológica”.

### 4.2.3 Características de conteúdo

A análise pela categoria de características de conteúdo permite perceber a intenção do pesquisador na elaboração do material e a exposição de fatores importantes para o estudo de uma determinada área. Há artigos que indicam possibilidades de intervenção, outros aprofundam a reflexão sobre um determinado aspecto. Há os que querem comprovar hipóteses sobre uma determinada situação, bem como há artigos que focam nos profissionais, enquanto outros se voltam para os pacientes. Há, na verdade, diversificadas possibilidades que se referem à organização do conteúdo, de acordo com os objetivos pretendidos. Na tabela 10, é apresentada a análise de conteúdo.

Tabela 10: **ANÁLISE DO CONTEÚDO: RELAÇÃO ENTRE MORTE/LUTO E RELIGIÃO/ESPIRITUALIDADE E A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL PSICÓLOGO**

ARTIGO	CONTEÚDO
<b>A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso</b>	Apresenta uma reflexão teórico-conceitual sobre alguns processos e <b>componentes psíquicos de natureza perversa, que estão na base dos ideais dos fundamentalistas religiosos</b> , na perspectiva da metapsicologia. São considerados os conceitos de “ <b>narcisismo de morte</b> ” e “ <b>pulsão de morte</b> ”, entre outros. O artigo oferece uma contribuição para compreender o comportamento dos fundamentalistas religiosos, mas não aponta indicações para uma intervenção direta na clínica psicológica. O conteúdo apresenta relevância para o campo da psicologia social, filosofia, sociologia, teologia, antropologia e outros.
<b>Redes de vida: uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte</b>	Apresenta uma abordagem sobre as fases do envelhecimento e a morte, dentro do processo de individuação, a partir da amplificação simbólica de imagens dessa etapa da vida, de acordo com a Psicologia Analítica. São apresentadas as <b>faces da morte nas culturas, inclusive em diferentes denominações religiosas</b> . Embora se trate de um artigo teórico-conceitual, o conteúdo oferece contribuições para quem atua na abordagem da Psicologia Analítica e domina alguns conceitos específicos dessa prática. Torna-se, assim, importante, principalmente, quando a demanda do atendimento clínico estiver relacionada ao envelhecimento e à morte.

ARTIGO	CONTEÚDO
<p><b>Enfrentamento da morte fetal pela enfermagem na abordagem disposicional e na Teoria Motivacional do <i>Coping</i></b></p>	<p>A pesquisa utilizou o “Inventário COPE” e uma “Entrevista de <i>Coping</i> Motivacional” em profissionais de enfermagem, com o objetivo de estudar o <i>coping</i> da morte fetal. Entre as estratégias de enfrentamento da morte fetal, os profissionais de enfermagem recorrem à religiosidade. Pelo “inventário COPE”, a pesquisa aponta a <b>religiosidade como estratégia de enfrentamento da morte mais utilizada entre os entrevistados</b>. As pesquisadoras associam esse dado ao fato de <b>quase 90% dos entrevistados terem declarado possuir uma religião</b>. Segundo as autoras, a <b>religiosidade pode estar relacionada à função de busca de apoio social, ajuda instrumental, conselho, conforto e apoio espiritual</b>.</p>
<p><b>A importância do acompanhamento psicológico no processo de aceitação da morte</b></p>	<p>O artigo apresenta uma discussão sobre a morte e o morrer, seus significados e diferenças culturais e a atuação do profissional psicólogo junto aos pacientes e seus familiares, no processo de aceitação da morte. Foram utilizados dois casos clínicos para ilustrar a pesquisa. <b>A referência à religião/espiritualidade aparece de forma discreta no relato dos casos</b>. O artigo é composto de um conteúdo muito rico para a atuação do profissional psicólogo junto ao paciente e à família, afirma que <b>o sofrimento causado pela proximidade da morte pode ser aumentado ou diminuído por fatores psicológicos, sociológicos, culturais e espirituais, mas não explora a dimensão espiritual ou religiosa na aceitação da morte</b>.</p>
<p><b>A morte na visão do sertanejo nordestino em tratamento oncológico</b></p>	<p>A pesquisa objetivou compreender os sentidos atribuídos à morte pelo sertanejo nordestino em tratamento de câncer. <b>Foram realizadas entrevistas fenomenológicas com sete pacientes. A fé é apontada como a principal forma de enfrentamento da morte pelos sertanejos</b>. A pesquisa refere-se a um conforto dado pela sensação de que a morte faz parte de um caminho já traçado por Deus. <b>Há uma clara afirmação sobre a importância dos rituais funerários, destacando a atitude da comunidade em relação à pessoa que está prestes a morrer, como importante para o processo de elaboração do luto e motivo de encontro e convivência familiar</b>.</p>

ARTIGO	CONTEÚDO
<p><b>A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica</b></p>	<p>A pesquisa apresenta uma reflexão sobre a vivência do luto materno na contemporaneidade. Aponta dez elementos constituintes da vivência do luto materno, entre os quais está a espiritualidade. <b>Foi utilizado o método fenomenológico de entrevista</b> com três mães participantes de um grupo de apoio ao luto. <b>A importância da espiritualidade é afirmada a partir do discurso das mães, destacando três aspectos: 1) ajuda para aceitar a morte dos filhos, 2) Ajuda para ressignificar a relação com eles e 3) É um elemento de amparo para continuar a vida.</b></p>

Neste estudo, a análise do conteúdo considerou a forma como a religião/espiritualidade foi abordada na relação com a morte/luto. Observamos que uma das pesquisas teórico-conceituais trabalhou conceitos da metapsicologia freudiana e a perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. Esse artigo apresenta uma articulação entre psicologia e religião. O tema da morte aparece por meio dos conceitos de “pulsão de morte” e “narcisismo de morte”.

Trata-se de um artigo que apresenta uma importante reflexão a respeito do sacrifício do próprio Eu, por parte dos fundamentalistas religiosos. Ao discutir o narcisismo de morte em relação ao fundamentalismo religioso, o autor refere-se a um fechamento do sujeito no seu próprio eu ou no grupo ao qual pertence, sem abertura para o mundo e com renúncia do desejo de viver.

Ao contrário do desejo de renunciar à própria vida, como acontece no fundamentalismo religioso, conforme apresentado no artigo, o interesse da presente investigação dá-se em torno de investigar possíveis articulações entre psicologia e religião, junto à pessoa que vivencia intenso sofrimento, quando enfrenta uma enfermidade grave e percebe a proximidade da morte. Assim sendo, embora o artigo sobre fundamentalismo religioso atenda aos critérios de seleção desta pesquisa, o contexto relacional entre morte e religião é diferente da nossa proposta de investigação.

Encontramos uma situação diferente na outra pesquisa teórico-conceitual, que trabalha a questão da finitude no desenvolvimento humano, destacando a maturidade e o encerramento do ciclo vital. A partir de conceitos adotados na

Psicologia Analítica, o trabalho aborda as fases do envelhecimento e da morte, dentro do Processo de Individuação, por meio da amplificação simbólica de imagens. Diferente da pesquisa anterior, esse artigo, ao apresentar uma reflexão sobre o envelhecimento e a morte, contribui com a atuação do psicólogo, que utiliza a abordagem da Psicologia Analítica, quando do atendimento de um paciente, cuja demanda está relacionada ao envelhecimento e à morte. Esse artigo faz referência a diversas culturas e religiões para abordar o fim da vida. Há uma riqueza no conteúdo desse artigo, porém não houve a intenção de aprofundar a relação entre velhice, morte e religião numa denominação religiosa específica. São apresentadas as imagens relacionadas à morte nas diferentes religiões.

Três dos artigos selecionados utilizaram instrumentos na investigação e apresentam resultados que comprovam a importância da religião e da espiritualidade em situação de morte. Eles apontam a religião/espiritualidade como elemento importante para a ressignificação da relação com a pessoa falecida, aceitação da morte e resiliência, e melhores condições de elaboração do luto. Esses artigos destacam a religião/espiritualidade como fator positivo para o paciente, mas não exploram formas de incluir a religião/espiritualidade na área de estudo e atuação da psicologia clínica.

Um estudo apresenta a importância do acompanhamento psicológico junto ao paciente hospitalizado e seus familiares, no processo de aceitação da morte. Esse estudo destaca a necessidade de acolher o sofrimento do paciente terminal e da família, faz referência à religião, mas essa dimensão não é explorada no processo.

Apresentamos, na tabela 10, um resumo dos conteúdos abordados, de acordo com essa última categoria de análise, porém não se trata exatamente do resumo exposto na publicação dos referidos artigos. A apresentação dos resumos dos artigos selecionados, na forma que eles aparecem nas publicações, encontra-se no anexo 2. A apresentação de conteúdo contém alguns grifos que destacam nos artigos a articulação entre a situação de morte e a religião/espiritualidade, sendo que um deles, o primeiro da tabela, restringe-se mais especificamente à formulação teórico-conceitual, conforme objetivo do autor.

Destacam-se entre os seis artigos selecionados, cinco que fazem referência à psicologia e religião/espiritualidade, em situação de morte, na perspectiva da

Psicologia Clínica, que consideram o sofrimento antes, durante e depois da morte, por parte da pessoa que está morrendo ou daqueles que a acompanham. Desses, apenas três evidenciam a importância da religião em situação de morte. Esses artigos apresentam, em seus conteúdos, a relevância da religião/espiritualidade na situação de morte, seja pela busca de significados, apoio social, apoio espiritual, seja pela vivência da espiritualidade e, ainda, pelas práticas rituais.

### **4.3 Observações sobre os artigos fora do critério Qualis/CAPES**

Conforme já nos referimos, o processo de busca e seleção localizou um número significativo de artigos que, embora estejam dentro do critério temporal, não se encaixam no critério Qualis/CAPES. Esses artigos não foram sumariamente desprezados, mas consideramos importante tecer algumas observações sobre eles.

Com os descritores Psicologia x Religião, no período de 2011 a 2016, foram selecionados 39 artigos. Ao cruzar esses com a temática da morte/luto, restaram 2 artigos, que foram publicados em periódicos Qualis/CAPES “C”. Os demais artigos do agrupamento “psicologia x religião” tratam dessa relação a partir de diversos assuntos, como: álcool, drogas, vivência da sexualidade, plantão psicológico, reuniões mediúnicas, judaísmo, experiências fora do corpo, saúde mental, câncer de mama, arte e religião e outros. O ponto de convergência entre psicologia e religião não tem relação com a morte/luto. A análise do entrelaçamento de assuntos deu-se pela leitura dos resumos.

Com os descritores Psicologia X Espiritualidade, dentro do período de 2011 a 2016, foram selecionados 19 artigos, porém, nenhum desses entrelaça a espiritualidade com a temática da morte/luto. A análise deu-se a partir da leitura dos resumos.

Com descritores Psicologia x Padres, dentro do período de 2011 a 2016, foram selecionados 41, porém a utilização da expressão “padre” ou “padres” não corresponde à figura religiosa de interesse deste estudo. Essa expressão foi incluída nos descritores dos artigos selecionados devido à tradução espanhola de “pais” ou “pai”, uma vez que os respectivos resumos são apresentados em três idiomas:

português, inglês e espanhol. Portanto, esses artigos foram descartados por não corresponderem aos objetivos da pesquisa.

Com os descritores Psicologia x Morte x Religião, foram selecionados 6 artigos, apenas 3 publicados no período de 2011 a 2016, sendo que um desses já está incluído na primeira seleção (Tabela 4) e os outros dois não estão dentro dos critérios definidos nesta pesquisa sobre a avaliação Qualis/CAPES.

Com os descritores Psicologia x Igreja Católica, foram selecionados 5 artigos, apenas 1 publicado no período de 2011 a 2016, mas o conteúdo não entrelaça com a temática da morte/luto.

#### **4.4 Análise do levantamento sobre a orientação da Igreja aos padres quanto à situação de morte.**

O levantamento realizado nos documentos da Igreja adotou o critério das produções que estão diretamente relacionadas à formação dos padres e/ou que se referem à situação de morte, a qual, neste estudo, compreende três momentos: o estado grave de doente terminal, o momento do velório e os dias que se seguem ao sepultamento ou cremação. Foram consideradas apenas publicações oficiais da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) de abrangência universal e os documentos produzidos pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

É importante esclarecer que os critérios de seleção das publicações da Igreja foi estipulado considerando que seguramente os documentos oficialmente publicados são referências em todos os países nos quais a Igreja Católica se faz presente. As publicações avulsas, fora do que é oficialmente determinado pela Igreja não necessariamente são utilizadas no processo formativo ou como orientação aos padres. Fazem parte dessas publicações avulsas os livros, artigos científicos e periódicos impressos e *on-line*. É possível que, nesse campo mais abrangente, uma revisão da literatura encontre material de grande valor, o que parece ser uma proposta viável, principalmente no contexto da teologia cristã católica, que tem organizada a estrutura dos três momentos que fazem parte da situação de morte. Não consideramos, portanto, necessária essa ampliação neste estudo, de acordo

com o que foi apontado nos objetivos e também porque o desenvolvimento desta pesquisa dá-se no campo da psicologia clínica.

É importante esclarecer que esta análise completa e amplia o que já foi apresentado no capítulo 3 deste estudo sobre a orientação aos padres e situação de morte. A análise que se segue é uma síntese, com acréscimos, suficiente para que se possa perceber a forma como a situação de morte é abordada nos documentos da ICAR, no que se refere à formação dos padres.

A partir dessas considerações, a análise dos documentos da ICAR/CNBB será apresentada de acordo com três categorias: 1) Classificação dos documentos – tipo e abrangência; 2) Características de conteúdo – assuntos destacados; 3) Síntese das publicações. Essas categorias são apresentadas nas tabelas 11 e 12 e figura 2.

#### **4.4.1 Classificação dos documentos – tipo e abrangência**

A primeira etapa da análise refere-se à classificação dos documentos quanto ao seu tipo e sua abrangência. O primeiro aspecto, tipo do documento, diz respeito a duas denominações adotadas neste estudo: instrução teórica e instrução ritual. Instrução teórica compreende os documentos que apresentam reflexões, formulações teológicas e pastorais da ICAR/CNBB, sem necessariamente oferecer orientações práticas para atuação dos padres. Há, porém, documentos que apresentam formulações teóricas acompanhadas de orientações práticas. Os documentos classificados como instrução ritual apresentam diretrizes que norteiam a prática dos padres. Nesses documentos, também aparecem formulações teológicas e pastorais, mas sua característica mais evidente é orientar, pela realização de um ritual, a ação do padre num contexto específico. Uma instrução ritual apresenta textos bíblicos selecionados de acordo com a situação, indicação de atitudes e gestos, bem como os paramentos a serem usados em cada caso. Cada um desses itens tem um significado dentro da compreensão teológica da ICAR. No que se refere à abrangência, os documentos foram classificados como documentos

produzidos pela CNBB e aplicados no Brasil e documentos da ICAR, que se dirigem a todas as comunidades católicas em qualquer país.

Considerando esses critérios, foram selecionados 12 documentos, desde 1965, ano em que encerrou o Concílio Vaticano II, até 2016. Esses documentos foram organizados, primeiro, pela abrangência, que começou com os universais, seguidos dos nacionais. Dentro da organização por abrangência, os documentos são apresentados em ordem cronológica de publicação (Tabela 11).

Tabela 11: **CLASSIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS DA ICAR/CNBB SOBRE A ORIENTAÇÃO AOS PADRES – TIPO E ABRANGÊNCIA**

Nº	DOCUMENTO	ANO	CLASSIFICAÇÃO/TIPO	ABRANGÊNCIA
01	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>	1965	Instrução teórica	ICAR
02	Decreto <i>Optatum Totius</i>	1965	Instrução teórica	ICAR
03	Rito da União dos Enfermos e sua Assistência Pastoral	1972	Instrução ritual	ICAR
04	Exortação Apostólica <i>Pastore Dabo Vobis</i>	1992	Instrução teórica	ICAR
05	Instrução O Presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial	2002	Instrução teórica	ICAR
06	Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros	2013	Instrução teórica	ICAR
07	Missal Romano	2011	Instrução ritual	ICAR
08	Instrução <i>Ad Resurgendum cum Christo</i>	2016	Instrução teórica e prática	ICAR
09	O Dom da Vocação Sacerdotal – <i>Ratio Fundamentalibus Institutionis Sacerdotalis</i>	2016	Instrução teórica	ICAR

<b>Nº</b>	<b>DOCUMENTO</b>	<b>ANO</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO/TIPO</b>	<b>ABRANGÊNCIA</b>
10	Celebração Exequial após o Velório.	1978	Instrução ritual	CNBB
11	Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil.	2010	Instrução teórica	CNBB
12	Nossa Páscoa: Subsídios para a Celebração da Esperança.	2015	Instrução ritual	CNBB

Conforme apresenta a tabela 11, nove dos doze documentos selecionados são de abrangência universal, o que nos leva a crer que são documentos conhecidos e utilizados em todas as casas de formação, não importando o país. Os outros três documentos são de abrangência nacional, produzidos pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, portanto, podemos deduzir que se trata de documentos que fazem parte tanto do processo de formação dos candidatos ao sacerdócio, quanto das orientações indicadas para a atuação dos padres, principalmente em nosso país. Entretanto, vale a pena esclarecer que o material produzido num país pode ser adotado em outros países, o que depende das autoridades eclesiais de cada nação.

Dos nove documentos da ICAR, três são classificados como instrução ritual ou teórica e prática. Esses documentos referem-se aos três momentos da situação de morte: o momento que a antecede – unção do doente; o momento em que a morte acontece, compreendendo a notícia do óbito e as vinte e quatro horas que se seguem ao falecimento – velório; e o momento após a morte, que corresponde aos sete dias a contar do falecimento, quando o costume cristão católico orienta que se celebre a Missa de Sétimo Dia. Dos três documentos brasileiros, dois são instruções rituais sobre o mesmo assunto, velório e exéquias. Entre essas publicações, há um espaço de tempo de quase quarenta anos, sendo que o mais recente foi produzido na atual década. O outro documento é uma instrução teórica.

Observa-se, portanto, no que se refere à atuação dos padres, que a ICAR oferece instruções rituais que acompanham pontualmente os três momentos da situação de morte. Quanto aos documentos classificados como instrução teórica,

tanto os de abrangência universal (ICAR) quanto os nacionais (CNBB), são direcionados à formação dos padres e vida ministerial, porém não apresentam reflexões específicas sobre a situação de morte.

#### 4.4.2 Características de conteúdo – assuntos destacados

Com a categoria sobre as características do conteúdo, são apresentados os principais assuntos destacados em cada documento, de acordo com o levantamento realizado, considerando o interesse deste estudo. A organização desses assuntos por documento permite uma visão ampla e objetiva de cada um. Devemos lembrar que, durante o processo de levantamento de dados realizado no capítulo 3, alguns elementos já foram observados. Na tabela 12, são apresentados os assuntos destacados no conteúdo, com o acréscimo de evidenciar os aspectos identificados nos documentos que se relacionam aos objetivos desta pesquisa. Para isso, utilizamos alguns grifos nas duas colunas da tabela.

Tabela 12: **CARACTERÍSTICAS DO CONTEÚDO DOS DOCUMENTOS – ICAR/CNBB**

<b>DOCUMENTO</b>	<b>CONTEÚDO – ASSUNTOS DESTACADOS</b>
Decreto <i>Presbyterorum Ordinys</i>	O presbiterato na missão da Igreja.
Decreto <i>Optatam Totius</i>	Formação pastoral e aperfeiçoamento dos estudos.
<b>Rito da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral</b>	<b>Explica o sacramento e oferece orientações práticas.</b>
Exortação Apostólica <i>Pastore Dabo Vobis</i>	Consolidar a formação teológica.
<b>Instrução O Presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial</b>	<b>Aponta o dever do padre para administrar o Viático e a Unção dos Enfermos.</b>

<b>DOCUMENTO</b>	<b>CONTEÚDO – ASSUNTOS DESTACADOS</b>
Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros	Propõe a organização de uma formação permanente e sistemática.
<b>Missal Romano</b>	<b>Apresenta instruções e orientações rituais.</b>
<b>Instrução <i>Ad Resurgendum cum Christo</i></b>	<b>Expressa o pensamento cristão sobre a sepultura e cremação e oferece orientação.</b>
O Dom da Vocação Sacerdotal – <i>Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis</i>	Sugere que na formação tenha contribuições da psicologia e outras ciências.
<b>Celebração Exequial Após o Velório.</b>	<b>Faz referência ao velório em casa, vigília e exéquias de crianças.</b>
Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil	Faz referência aos currículos de Filosofia e Teologia e aponta a necessidade de especialização na contemporaneidade.
<b>Nossa Páscoa: Subsídios para a Celebração da Esperança.</b>	<b>Apresenta três modalidades sobre o velório, encomendação, sepultamento e cremação.</b>

Em maioria, as publicações apresentam formulações doutrinárias sobre a teologia cristã católica e a Igreja, numa perspectiva reflexiva e preocupada com a formação intelectual. Alguns desses documentos inserem indicações práticas, mas de forma discreta. A situação de morte aparece mais claramente nos documentos classificados como instrução ritual, exceto o documento “Instrução O Presbítero, pastor e guia da comunidade eclesial”. Entre os documentos classificados nesta pesquisa como instrução teórica, esse é o único que indica diretamente o dever do padre com relação à administração do Viático e da Unção dos Enfermos.

Observa-se que os documentos que falam da situação de morte tratam do assunto de maneira pontual, ou seja, cada documento aborda um dos três momentos. Nota-se a ausência de um documento, cujo conteúdo relacione os três momentos e possibilite uma compreensão mais integrada da situação específica que compreende o processo de morrer, a morte e os dias que a sucedem.

Outro detalhe a ser observado refere-se à ausência de esclarecimentos objetivos sobre as condições psíquicas das pessoas envolvidas nessa situação. Os conteúdos práticos que orientam os rituais não fazem referência direta à atenção a ser dada ao estado emocional das pessoas quando estão próximas da morte ou aos familiares que as acompanham. É importante considerar que a ausência de orientação que contemple claramente a condição psíquica das pessoas envolvidas na situação de morte pode dificultar a atitude do padre, quando solicitado a atender demandas dessa natureza. Além disso, é preciso que se considere que há pessoas que apresentam sérias dificuldades para lidar com a situação de morte, entre as quais se deve incluir também alguns padres. Nesse sentido, destaca-se a importância dos ritos, cujo conteúdo é apresentado de forma objetiva, o que é fundamental para auxiliar a atuação do padre e nortear suas atitudes junto às pessoas envolvidas. A existência de um rito, considerando a pessoa do padre, é imprescindível principalmente para aqueles que sentem mais dificuldades diante dessa situação. No entanto, o mero cumprimento de uma sequência ritual corre o risco de gerar desconforto nas pessoas, por não explorar o seu significado. Além disso, as pessoas podem sentir falta de uma atuação mais humanizada e atenciosa para com o sofrimento do doente e/ou falecido e seus respectivos familiares.

Há, portanto, pelo menos dois aspectos a serem considerados nesta análise sobre os assuntos tratados, no que diz respeito à instrução ritual. Por um lado, a instrução ritual é o que ampara o padre que se encontra emocionalmente despreparado para esses momentos relativos à situação de morte, principalmente os recém-ordenados. Por outro lado, a falta de orientações claras não possibilita ao padre conhecer melhor suas próprias habilidades e limitações para essa situação específica, o que só é descoberto quando o sacerdote está em pleno exercício de sua atividade ministerial. Acrescento aqui, apenas para ilustrar, que fez parte de minha experiência pessoal ter pouca orientação para agir em situação de morte e descobrir mecanismo de atuação durante o exercício ministerial. É importante

lembrar que o reconhecimento das limitações e habilidades é o que possibilita uma atuação mais adequada para qualquer profissional e não é diferente na missão do padre.

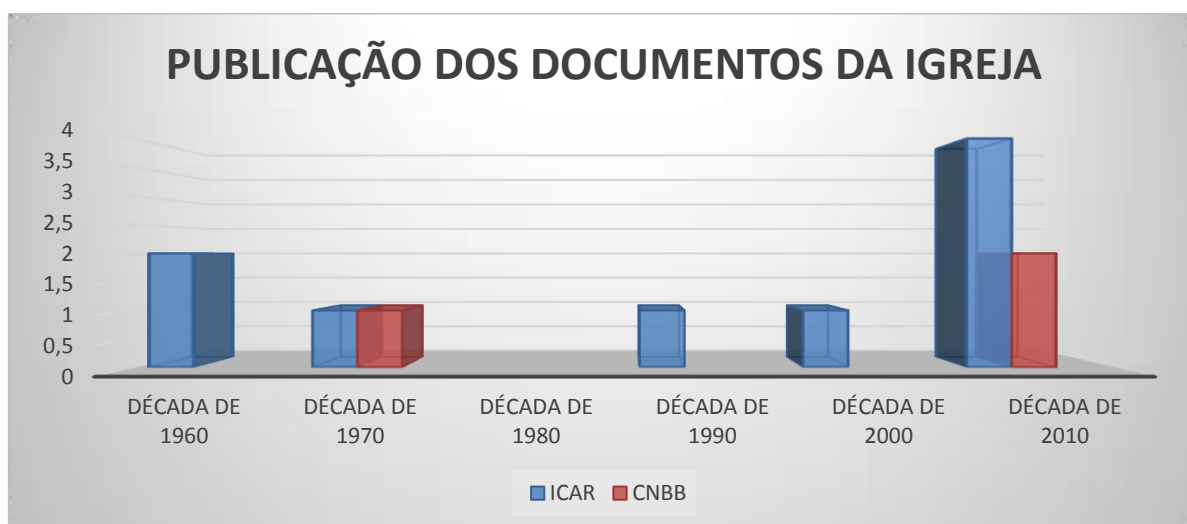
Sobre os assuntos tratados nos documentos, observa-se ainda que em todas as publicações selecionadas neste estudo, especialmente as classificadas como instrução teórica, tanto em âmbito universal quanto nacional, há predominância de assuntos variados sobre a formação dos padres, com clara preocupação para com o desenvolvimento intelectual, a compreensão sobre a doutrina da Igreja, sendo que as publicações mais recentes enfatizam a importância de se considerar a dimensão humana dos padres, para além do papel do religioso. Alia-se a essa preocupação a necessidade do estudo multidisciplinar e a importância da psicologia.

#### **4.4.3 Síntese das publicações da Igreja – ICAR e CNBB**

É compreensível que uma instituição com mais de dois mil anos e presente em diversas culturas e línguas não realize renovações com tanta frequência, pois sua ação relaciona-se à vida em geral e às pessoas em todas as suas dimensões na relação com o sagrado. Assim, compreendemos que o último concílio da Igreja Católica ocorreu há mais de cinquenta anos. Entretanto, a parceria com as diversas áreas do conhecimento possibilita que as inovações possam ocorrer em sintonia com as mudanças de época.

Com esta pesquisa, observa-se o percurso da Igreja no que se refere a publicações relacionadas à formação dos padres e à orientação que lhes é oferecida para lidar com a situação de morte.

Figura 02: **SÍNTESE DAS PUBLICAÇÕES DOS DOCUMENTOS DA ICAR E DA CNBB, DAS PUBLICAÇÕES POR ANO**



De acordo com o gráfico acima, o Concílio Vaticano II, encerrado em 1965, deu o impulso à formação dos padres, com a publicação de dois documentos. Na década de 1970, surgiram os documentos práticos sobre dois rituais. Nessa década, foi publicado o primeiro documento oficial sobre a assistência aos enfermos, em âmbito universal e também o primeiro sobre a assistência em situação de velório, em âmbito nacional, após o Concílio. Nota-se a ausência de publicações relativas aos assuntos tratados nesta pesquisa na década de 1980. Talvez essa ausência esteja relacionada ao fato de que no final da década de 1970, ou seja, no ano de 1978, a Igreja teve três papas e ocorreram dois conclaves. Com o falecimento do Papa Paulo VI, foi eleito o Papa João Paulo I, que veio a falecer poucos dias após a eleição e substituído pelo Papa João Paulo II. Nos anos seguintes, a Igreja empreendeu esforços para definir melhor a compreensão do Magistério Católico, uma vez que algumas tendências teológicas ganhavam força naquele momento histórico. Na América Latina, a Teologia da Libertação, com forte defesa dos mais pobres e oposição aos governos militares, principalmente no Brasil, tornou-se uma preocupação para a Igreja Romana. Não se pode desprezar a importância que esses fatos tiveram para a Igreja Católica. Nas décadas de 1990 e 2000, foram publicadas apenas duas instruções teóricas, uma em cada década e em âmbito universal. Na década atual, foram publicados seis documentos: quatro em âmbito universal (ICAR) e dois em âmbito nacional (CNBB). Dos quatro em âmbito universal, temos duas instruções teóricas, uma instrução para a prática ritual e uma

instrução teórica e prática. Este último, publicado em 2016, tem grande importância de acordo com os objetivos deste trabalho, pois orienta especificamente sobre a opção pela cremação entre as pessoas católicas e os procedimentos relativos às cinzas dos falecidos. Os de âmbito nacional são uma instrução teórica relativa à formação dos presbíteros e uma instrução para a prática ritual, esta relacionada à celebração de exéquias.

De acordo com a figura 2, percebe-se com clareza que, desde o Concílio Vaticano II, a década atual foi a que mais produziu documentos que se referem ao interesse desta pesquisa. Nos documentos voltados para a prática, encontramos uma significativa atualização das orientações aos padres, principalmente para lidar com os momentos após a morte. Essa atualização deu-se não apenas em âmbito universal, mas também nas publicações brasileiras.

No que se refere às instruções teóricas, os documentos da ICAR e da CNBB seguem a mesma tendência de atualização, porém o que chama mais a atenção são as indicações para que a teologia possa se aproximar mais de outros conhecimentos, com referências claras à psicologia. Quanto à situação de morte, não foram localizadas nesses documentos abordagens explícitas. Isso revela que o assunto ainda não é visto com a atenção que merece dentro do processo de formação dos padres. No entanto, não se pode desprezar a importância que a Igreja dá aos ritos que acompanham os três momentos da situação de morte e a relevância que isso tem na atuação dos padres católicos, bem como para as pessoas pertencentes a essa parcela de cristãos em nosso país. Principalmente quando os padres sabem acolher e posicionar-se em sintonia com o sofrimento das pessoas que os procuram para esse atendimento específico, encontramos relatos de extrema valorização da religião em meio à experiência de profundo sofrimento. Sobre esse benefício que a religião proporciona às pessoas, quando de uma situação de morte, pode-se pensar numa investigação específica, com características empíricas, o que pode ser empreendido tanto no campo da teologia, quanto no campo da psicologia.

Certamente muitos outros aspectos, além dos que acabamos de apresentar, podem surgir a partir dos dados levantados. Acreditamos, entretanto, que o material analisado já possibilita uma importante discussão de acordo com os objetivos desta pesquisa.

## 5 DISCUSSÃO

O processo de análise dos artigos selecionados e dos documentos da Igreja colocou em evidência alguns pontos importantes que surgiram ainda na elaboração do projeto desta pesquisa. Esses pontos auxiliaram na definição dos objetivos deste trabalho, que se propôs a realizar uma revisão sistemática da produção em psicologia no Brasil que articulasse o tema da morte com o da religião, mais especificamente o cristianismo católico, no período de 2011 a 2016. Foram localizados alguns artigos que articulam psicologia com religião e outros que fazem a articulação entre psicologia e morte. Se considerarmos essas vertentes específicas nas pesquisas em psicologia, podemos dizer que há um considerável interesse pelo tema da morte e da religião, de forma distinta.

Do total de 422 artigos localizados na plataforma da BVS-Psi, com os descritores definidos para coleta, 149 foram publicados nos últimos seis anos, ou seja, mais de 35%. Entre esses artigos, destacam-se os que fazem as seguintes articulações: “psicologia x morte” = 40, “psicologia x luto” = 8, “psicologia x morte x religião” = 1, “psicologia x religião” = 39, “psicologia x espiritualidade” = 19, uma vez que, conforme já explicado na análise do material coletado, os artigos localizados com os descritores “psicologia x padres” (41) e “psicologia x Igreja Católica” (1) não atendem ao interesse da presente pesquisa. Portanto, os artigos destacados correspondem a 25% das publicações, no período de 2011 a 2016, ou seja, uma média de 17 artigos publicados ao ano, no campo da psicologia, que fazem articulação com os temas da morte, luto, religião e espiritualidade.

Consideramos importante retomar brevemente um esclarecimento feito no início deste trabalho, quando da apresentação dos objetivos. Referimo-nos à adoção das expressões “situação de morte” e “orientação aos padres”. Tanto nos capítulos teóricos quanto nas buscas em psicologia, para abranger a situação de morte, foram usadas as palavras morte e luto, que na análise foram agrupadas para formar “morte/luto”, sendo explorados os significados da expressão conjugada. No que se refere às orientações aos padres, a “situação de morte” possibilita uma abrangência que torna mais perceptível a atuação dos religiosos, que não se dá apenas no momento da morte, mas começa antes do falecimento e se estende aos dias

próximos após o óbito. Sobre psicologia e religião, foi acrescida a palavra espiritualidade com a intenção de alcançar melhores resultados nas buscas. Sabemos que religião é diferente de espiritualidade. Essas palavras foram usadas separadas nos capítulos teóricos e também como descritores nas buscas. Porém, referem-se a duas realidades muito próximas na construção e validação do conhecimento científico. Assim, optamos por agrupar as palavras e utilizar religião/espiritualidade no processo de análise.

Feitas essas considerações, observamos que a produção da psicologia no Brasil, no que se refere à morte/luto muito se apoia nos trabalhos dos autores já referenciados no início deste estudo, especialmente, Ariès, Kübler-Ross, Parkes, Franco e Kovács. Esses autores aparecem em pelo menos um dos seis artigos selecionados. As ideias deles são de grande relevância para quem tem interesse em estudar morte e luto em psicologia, com o ganho de novos pesquisadores que estão surgindo nessa área.

Embora remeta ao sofrimento, a morte pode ser enfrentada de forma mais natural e até esperada, como algo próximo e familiar, conforme apontam os estudos feitos por Ariès (2001). Não que não houvesse dor e sofrimento na morte esperada, mas o costume de realizar um ritual possibilitava a elaboração da despedida. Ariès, no entanto, apresenta em seu estudo que as atitudes diante da morte passaram por mudanças e faz referência à cena que acontece na realidade atual, principalmente porque muitas mortes ocorrem nos hospitais e sem ritos de despedida. Entre os artigos selecionados nesta pesquisa, encontram-se trabalhos que demonstram as dificuldades do enfermo, parentes e profissionais para lidar com a morte. Um dos artigos expõe a importância do acompanhamento psicológico no processo de aceitação diante dela. Outro aborda as formas de seu enfrentamento pela equipe de enfermagem. Esses artigos evidenciam as dificuldades contemporâneas de se relacionar com a morte, bem como a necessidade de que o tema seja mais pesquisado.

A certeza da morte, para quem vivencia um longo processo de enfermidade grave, apresenta desafios doloridos a serem enfrentados. Trata-se de uma situação extremamente sofrida para que o enfermo a enfrente sozinho e, portanto, faz-se necessária a ajuda de pessoas que o acompanhem, além dos cuidados médicos que lhes são oferecidos. Como lembra Kübler-Ross (2008), é preciso dar voz aos que

estão morrendo, abrir espaço para que manifestem suas angústias e falem sobre seus pensamentos nesse momento tão especial. Mas não é apenas o doente que precisa de apoio, também familiares e profissionais de saúde podem precisar de ajuda. Nesse espaço que se abre para falar da morte, a religião pode ter um papel muito significativo. O fim da vida pode ser o início de uma grande experiência de espiritualidade para os que estão envolvidos na situação de morte. Os que ficam podem ter grande dificuldade de lidar com a perda dos entes queridos e algumas pessoas correm o risco de adoecimento psíquico. Entre as possibilidades de ajuda às pessoas enlutadas, podemos considerar a religião, cujo suporte pode ser de grande importância, conforme aponta Parkes (1998).

Apesar dessas considerações observadas tanto nos autores quanto nos artigos, nenhum dos artigos que fazem articulação entre psicologia x morte/luto, tratou especificamente ou com profundidade o tema da religião/espiritualidade. Ainda assim, identificamos uma articulação, não de forma direta, entre morte e religião, nas pesquisas em psicologia. Essa articulação revela-se mais frequente nos artigos sobre morte/luto. Os artigos sobre religião/espiritualidade não fazem referência à morte como um assunto que articulasse os conhecimentos da psicologia com os da religião/espiritualidade. Entre os temas que convergem o interesse dessas duas áreas do conhecimento, podemos citar a preocupação com a saúde mental, ou seja, foram localizados artigos que articulam a psicologia com a religião para abordar, entre outros, o adoecimento psíquico. Especificamente sobre o cristianismo católico, não foram encontrados artigos que apresentassem uma articulação direta.

Há, portanto, na produção de artigos em psicologia, necessidade de trabalhos que se proponham a articular o tema da morte/luto com o tema da religião/espiritualidade. No que se refere ao cristianismo católico, mesmo considerando a importância do catolicismo na religiosidade do povo brasileiro e também os rituais católicos apropriados para a situação de morte, identificamos um quadro de total ausência de trabalhos em psicologia. Existe, portanto, uma lacuna sobre isso nas pesquisas, conforme observamos nas buscas realizadas neste estudo. Emerge, assim, um questionamento sobre as pesquisas em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade e o interesse pela mais tradicional expressão

religiosa no Brasil. Mas essa questão é, certamente, indicação para outra investigação.

Apesar dessa ausência, destacamos importantes possibilidades de colaboração que a psicologia oferece aos padres para que possam melhorar seu desempenho, quando solicitados a atender em situação de morte.

O conhecimento esclarecido das angústias do paciente terminal, de seus familiares e também de profissionais de saúde, prepara o padre para um atendimento mais humanizado, que possa ir além de uma breve realização do ritual. Ao se dirigir a um doente em estado grave, é imprescindível a atenção não apenas ao doente, pois muitas vezes seus familiares estão ávidos para falar de seus sentimentos e necessitados de alguém que os escute, de forma acolhedora. O mesmo acontece quando ocorre a solicitação para que o religioso compareça a um velório. Não se trata de dizer algumas palavras e aspergir um corpo, mas colocar-se inteiramente presente desde a chegada ao velório até o momento da partida, inclusive com disponibilidade para aqueles que expressam menos controle dos sentimentos e comportamentos. Considerar o estresse próprio da situação de morte possibilita ao padre uma condição melhor para lidar com as diversas manifestações comportamentais durante o atendimento, ainda que a revolta seja o sentimento mais forte a ser expresso. A respeito da atenção que o padre deve dar aos que estão morrendo, lembro-me de uma psicóloga que pediu acompanhamento espiritual quando soube que teria pouco tempo de vida e não podia falar sobre o assunto com os filhos, pois eles não suportavam falar da proximidade da morte. Ela queria falar das suas angústias e pensamentos religiosos em relação à morte.

Atender pessoas gravemente enfermas e familiares enlutados não é uma tarefa fácil para os padres. Em contato com colegas, percebi no relato de alguns a dificuldade nas experiências que tiveram em situação de morte. Sabemos que se trata de um atendimento carregado de emoções e pessoas podem externar isso na presença do padre. É possível que o religioso sinta-se muito impactado diante dessas manifestações de sofrimento, enquanto está atendendo. Porém, não podemos descartar a possibilidade de que a dificuldade para lidar com pessoas em estado terminal e com a morte esteja no padre e não na situação. Afinal, nem sempre no atendimento ao paciente terminal ou no velório ocorrem intensas manifestações de sofrimento, existem situações nas quais, mesmo considerando o

sofrimento, se percebe certa tranquilidade nas pessoas envolvidas e, mesmo assim, o religioso pode sentir dificuldade para atender.

Em muitas situações, as pessoas sentem necessidade de falar sobre os acontecimentos, o sofrimento, as perdas e outras coisas, às vezes apresentam dúvidas sobre as questões religiosas, querem ouvir uma palavra de conforto e esperança. Em geral, as pessoas com forte vínculo com o enfermo não conseguem se colocar em posição de acolhida para os que estão morrendo, porque para elas também é muito sofrido acompanhar a situação e ainda ocupar o lugar da escuta. Com frequência, o padre é convocado a ocupar esse lugar, tanto para acolher o enfermo, quanto para acolher os familiares.

Faz parte dos deveres do religioso atender aos pedidos em situação de morte, estando ou não preparados para a situação. Além disso, não podemos esquecer que um pedido aparentemente simples pode esconder uma demanda complexa.

É preciso considerar, na formação dos padres, que as pesquisas sobre morte/luto em psicologia apresentam uma inegável colaboração para o exercício das atividades religiosas. Certamente, quem procura um religioso quer uma oração e mais um pouco, uma conversa, atenção, acolhida. Embora os documentos teóricos selecionados nesta pesquisa, relativos à formação dos padres, não tratem objetivamente da situação de morte, há, nesses documentos, indicações para que se recorra às contribuições das ciências humanas (RFIS), entre as quais se inclui com grande peso a psicologia.

No processo de formação dos padres, vem ocorrendo uma crescente preocupação com variados desafios da contemporaneidade, conforme identificado nos documentos selecionados. Devemos ter claro que também a forma como lidamos com a morte nos dias atuais merece atenção específica e para que os religiosos se sintam mais preparados para enfrentar a situação de morte, não se pode descartar as contribuições que a psicologia oferece por meio do desenvolvimento de pesquisas e técnicas. Com o devido respeito aos limites de cada área, observamos neste trabalho a inegável importância e necessidade de que a produção científica da psicologia, quanto à situação de morte, esteja mais

presente na formação dos futuros padres e nas orientações àqueles que estão em pleno exercício ministerial.

É importante que os padres, quando solicitados a atender em situação de morte, considerem que a pessoa que está enferma ou enlutada pode querer se expressar sobre a situação. Entre os sentimentos mobilizados, encontram-se o desespero, a revolta e a raiva e talvez isso seja direcionado ao padre, por ser um representante do sagrado. A pessoa pode sentir-se abandonada por Deus e expressa isso na relação com o padre. Muitas vezes, entretanto, passado o momento mais agudo de estresse, a pessoa pode ter uma relação mais tranquila com a religião e com o religioso. É importante agir de forma serena, prestar bastante atenção ao que as pessoas falam. Os padres não devem evitar que o enfermo ou o enlutado manifestem sua dor, pois o sofrimento precisa ser externado, é preciso se dispor a ouvir e acolher.

É importante que o padre abra espaço para que, caso necessitem e/ou queiram, as pessoas possam procurá-lo novamente. Quando as pessoas se encontram em grande sofrimento, é possível que se sintam solitárias, é importante que o padre mostre que elas não estão sozinhas e que podem contar com a comunidade no enfrentamento da situação.

O que apresentamos sobre as percepções e colaborações da psicologia para a formação e atuação dos padres não significa que os religiosos estejam desprovidos de orientação para o atendimento em situação de morte. Deve-se considerar as orientações da Igreja Católica, de acordo com a análise dos documentos selecionados. Entre esses, os considerados instrução teórica não tratam da morte, porém os documentos considerados instrução ritual, que podem ser ou não utilizados no processo de formação, fazem referência direta à morte e ao morrer.

A discussão acima objetivou destacar a importância das contribuições da psicologia para a atuação dos religiosos, sinalizando que o tema da morte seja inserido com mais atenção no processo de formação e orientação aos padres, não apenas na compreensão teológica, mas também na perspectiva pastoral. Ao selecionar e analisar alguns documentos da Igreja Católica, identificamos que a morte é abordada de forma objetiva e pontual nas instruções rituais que são

largamente usadas pelos padres. Em sua estrutura própria, o cristianismo católico sempre considerou uma atuação próxima à situação de morte. No terceiro capítulo deste trabalho, quando apresentamos o levantamento realizado nos documentos da Igreja Católica e também na apresentação da análise, identificamos a existência de um material muito rico.

As instruções rituais apresentam orientações muito específicas para que os padres não se sintam desprotegidos e possam atuar em situação de morte, em três momentos bem definidos.

Quando alguém está gravemente enfermo, o *Rito da Unção dos Enfermos* pode trazer conforto espiritual, quer para a pessoa, quer para os familiares. A presença de um padre ou dos membros da comunidade junto a uma família que enfrenta uma enfermidade grave ou está de luto costuma ser importante nesse momento de fragilidade. Devemos considerar que a enfermidade grave afeta não apenas o doente, mas todo o ciclo familiar (SEBASTIANI, 2016). Além daquilo que a medicina e as equipes de saúde podem oferecer, inclusive no que se refere à humanização, o atendimento religioso para as famílias costuma ser recomendado. No caso das pessoas católicas, a presença de um padre que possa conduzir o *Rito da Unção dos Enfermos* pode trazer grande conforto à pessoa doente e também aos seus familiares. O ritual religioso é o que concretiza, aos olhos dos participantes, o desejo da presença do Sagrado nesse momento de extrema fragilidade humana. A crença no amparo divino pode auxiliar as pessoas no enfrentamento da situação e também na preparação para a morte. A presença do padre e a realização do ritual têm grande peso para as famílias católicas.

Muitas vezes as pessoas que recebem a unção se recuperam, outras vezes chegam a óbito. Quando ocorre o falecimento, as famílias católicas, em meio a todos os procedimentos burocráticos e necessários, solicitam a presença de um padre no velório para conduzir uma celebração. Se não for missa, a celebração pode ser conduzida por um membro da comunidade, homem ou mulher.

Geralmente, no Brasil, no velório ocorre a celebração do *Rito das Exéquias*. Nesse rito, acontece a “encomendação” que significa a entrega da pessoa a Deus. As orações são recitadas como despedida e expressam a confiança de que a pessoa falecida vai ao encontro de Deus e é por Ele acolhida. De acordo com a fé

cristã católica, não existe uma aniquilação no sentido absoluto. Embora o corpo seja sepultado ou cremado, permanece a crença de uma existência eterna. A dimensão da espiritualidade torna-se mais forte a partir desse momento. A certeza de ruptura na relação concreta conduz a outra forma de se relacionar com o falecido. No momento da celebração das Exéquias, as orações são de despedida e de entrega do ente querido a Deus, as pessoas podem expressar seus sentimentos e suas homenagens ao falecido. O ritual tem o forte significado de legitimar a entrega do humano ao divino, bem como expressa a confiança na acolhida de Deus.

Entre os artigos selecionados, encontramos referências aos rituais fúnebres e à importância deles para os familiares e para a comunidade de fé. O significado atribuído ao *Ritual das Exéquias* pode ajudar a aceitar a morte, independentemente de ter sido realizado o *Rito da Unção dos Enfermos*, e, como consequência, pode contribuir com o processo de elaboração do luto.

Entre as instruções rituais relativas à situação de morte, conforme falamos acima sobre três momentos bem definidos, o último momento abordado nesta pesquisa refere-se à celebração que acontece sete dias após a morte.

As famílias católicas costumam solicitar que seja celebrada a *Missa de Sétimo Dia* pelo falecido. Nessa celebração, as pessoas costumam estar mais calmas, pois o estresse vivido com intensidade desde o momento do falecimento até o momento do sepultamento ou cremação encontra-se, geralmente, em outro nível. Nessa celebração, o sentido da entrega continua presente, a morte do falecido é associada à morte de Cristo para os cristãos católicos, como um sacrifício oferecido a Deus. Essa associação tem um significado profundo, pois se estende também à fé na ressurreição de Cristo e na ressurreição dos mortos. Ainda bastante emotivas, as pessoas participam de uma celebração ritual, em que o sacrifício se faz presente e necessário para fortalecer a espiritualidade das pessoas religiosas. Literalmente, na celebração da *Missa de Sétimo Dia*, as pessoas podem receber o alimento sagrado que estreita a relação entre o ser humano e Deus, em homenagem ao falecido.

A celebração do sétimo dia é também uma oportunidade de reunir pessoas, parentes e amigos que não puderam comparecer ao velório. A missa torna-se lugar de encontro, de manifestação da solidariedade, do apoio mútuo e ponto de partida para uma reunião fraterna na casa do falecido ou de um dos parentes ou mesmo em

outro espaço. É frequente a realização de um grande encontro de pessoas enlutadas, a partir da *Missa de Sétimo Dia*. Os familiares e outras pessoas próximas, nesse encontro, conversam sobre os fatos, a morte e variados assuntos. O clima pode ser de intensa tristeza, mas também pode ser suave, permeado de lembranças boas e até engraçadas. O dia da *Missa de Sétimo Dia* é como o fechamento de uma etapa que se iniciou quando a morte anunciou sua proximidade. É possível que os familiares fiquem ansiosos antes da celebração, mas quando há o encontro após a missa, o estado emocional talvez esteja mais tranquilo. Outros momentos ainda podem acontecer, como as visitas e orações nos túmulos, as missas de trigésimo dia e de um ano de falecimento. Embora o cristianismo católico apresente muitas formas de homenagear os falecidos e lidar com a morte, a *Missa de Sétimo Dia* ocupa um lugar especial, mesmo nos casos em que não ocorreu a celebração da *Unção dos Enfermos* nem o *Rito das Exéquias*.

Os rituais realizados nesses três momentos da situação de morte são de grande importância para os católicos. Há casos em que esses rituais acontecem sequencialmente, há casos em que nem todos acontecem. A realização de um, de dois ou de todos os rituais pode proporcionar aos enlutados a sensação de que o falecido recebeu o que deveriam fazer por ele. É mais do que a sensação de dever cumprido, é realizar a experiência de religar. A morte apresenta-se como separação, a religião oferece a experiência de religação. Em muitas ocasiões de atendimento, como padre, pude observar que os doentes se ligam a Deus, os mortos se ligam a Deus e os enlutados se ligam a Deus, quer seja por acreditarem no encontro do falecido com o Sagrado, quer seja para pedir força e continuar a vida.

O desejo de ligar-se ao sagrado, quando se trata da situação de morte, se expressa na religião cristã católica com a realização desses rituais. Se os padres estiverem munidos das reflexões da psicologia para essa situação e souberem somar os conhecimentos psicológicos às orientações que possuem nas instruções rituais, certamente oferecerão um atendimento melhor àqueles que os procuram. Mas também psicólogos que atendem pessoas enlutadas, quando de um processo de psicoterapia com um paciente cristão católico, podem considerar a importância e o significado da prática religiosa como ferramenta na elaboração do luto.

É certo que existem explicações teológicas para cada um desses momentos nos documentos da Igreja, entretanto o objetivo deste estudo foi destacar a

importância que eles têm para a atuação dos padres e para os praticantes do catolicismo no Brasil, quando vivenciam a situação de morte. A realização de pesquisas que possam aprofundar o significado teológico dos rituais parece ser uma proposta viável para estudiosos tanto da área da teologia quanto da psicologia.

Observamos, na realização deste trabalho, que psicólogos que se interessam pelo tema da morte podem realizar uma articulação com o tema da religião. No caso desta pesquisa, são apontados elementos tanto da psicologia quanto do cristianismo católico que podem ser articulados e subsidiar ambas as atuações, dos padres e dos psicólogos.

Ao realizar um atendimento em situação de morte, é preciso que o padre esteja atento à demanda. Muitas vezes, o religioso é solicitado às pressas, mas nem sempre. Em todo caso, é importante preparar-se para um tempo maior que o da realização do ritual. Aproximar-se do enfermo e/ou dos familiares, dispor-se a uma breve escuta. Oferecer acolhida, atenção e valorizar aquilo que está sendo manifestado. É importante que o padre tenha claro que seu papel não inclui a solução de um problema, por mais que o próprio enfermo ou algum familiar mais impactado faça perguntas diretas sobre a intervenção divina.

Convém observar o comportamento das pessoas antes de tomar atitudes, chegar ao local, apresentar-se e deixar que as pessoas se manifestem. Tanto nos velórios quanto nas celebrações de sétimo dia, o conhecimento sobre as circunstâncias da morte também é importante. Algumas situações são muito impactantes e dificultam mais a aceitação, como as mortes trágicas, violentas, suicídios e perda de filhos. Embora seja o condutor de um ritual, é necessário saber que, nesses momentos, o padre não deve prolongar discursos, é preciso ouvir mais do que falar. Além disso, a presença em si já é uma manifestação de respeito e solidariedade, enquanto o uso de palavras não adequadas ao momento pode causar desconforto.

Ao se dispor ao atendimento, o padre pode propor que a família se reúna e expresse seus sentimentos, conforme apresenta a pesquisa sobre acompanhamento psicológico e aceitação da morte. O momento pode ser encerrado com uma oração. Quando se trata de enlutados, dúvidas sobre o porquê da situação e o destino dos mortos podem aumentar o sofrimento das pessoas; é importante que o padre saiba

acolher as questões e apresentar ideias claras e suaves que tentem amenizar a dor dos que o procuram. Com o tempo, o religioso é capaz de perceber se o enlutado está com dificuldade de retomar suas atividades e, caso esteja, convém auxiliar a pessoa na busca de ajuda específica, como a psicoterapia para enlutados. Porém, mesmo havendo encaminhamento, o padre não deve negar-se a oferecer apoio espiritual, ele deve ter o cuidado de não causar no enlutado a sensação de estar sendo abandonado. Há pessoas que podem necessitar de ajuda especializada de um psicólogo, mesmo que continuem o atendimento com o religioso.

Entre os artigos selecionados, há também referência à participação da comunidade junto à pessoa que está prestes a morrer. Para o atendimento em velório e de famílias enlutadas, é importante que o padre não se sinta na obrigação de assumir sozinho essas tarefas. A comunidade religiosa pode ser envolvida na situação, antes mesmo que a morte aconteça. O religioso pode ajudar na construção de uma rede de apoio e evitar que o doente terminal e seus familiares fiquem isolados no sofrimento. Para isso, é preciso saber escolher pessoas que tenham condições de lidar com a situação, com discrição, paciência e dedicação. O envolvimento de pessoas da comunidade religiosa na situação de morte pode acompanhar a atuação do padre e converter-se numa significativa rede de apoio para as famílias fragilizadas.

Se o padre tiver oportunidade, é possível que ajude conversar com as pessoas sobre os ritos que são realizados e esclareça os significados que o cristianismo católico atribui a cada um deles. Para isso, é importante a utilização de linguagem acessível que torne compreensível e/ou aceitável o que está na crença religiosa. Dessa forma, a prática religiosa torna-se mais significativa e pode ajudar na aceitação da situação. Manter-se informado sobre as reflexões da psicologia e articular isso com a prática religiosa pode ser uma importante ferramenta que auxilie os padres no atendimento em situações de morte. Porém, é fundamental que o padre tenha claro os limites da sua atuação, o atendimento religioso não pode ser confundido com o atendimento psicológico. O encontro que se dá no atendimento religioso pode considerar as reflexões da psicologia, mas deve estar centrado na essência da prática religiosa, que é o crescimento e fortalecimento espiritual.

No que se refere à articulação da psicologia com a religião, conforme apresentado no segundo capítulo desta pesquisa, o trabalho da Psicologia Clínica

não deve abandonar as informações apresentadas pelas pessoas, quando de um processo de psicoterapia, no que tange às práticas religiosas. Savio e Bruscajin (2008) referem-se a entender a religião e a espiritualidade como aspectos importantes da experiência humana, sendo que “*para muitas pessoas, a religião é parte integrante de suas vidas e experiências cotidianas*” (p. 22). A partir desse pensamento mais generalizado, podemos falar de uma religião e de uma situação específicas. Em se tratando do catolicismo, verificou-se a organização de uma sequência ritual que pode acompanhar a situação de morte. A sequência ritual refere-se à acolhida no momento de sofrimento, à confiança na divindade, à organização da despedida, ao apoio social da comunidade, ao suporte espiritual e à possibilidade de ressignificar o acontecimento, conforme apontam os artigos analisados neste trabalho e o levantamento realizado junto aos documentos da Igreja Católica.

É certo que a relação entre psicologia e religião ainda precisa ser muito discutida para que se possam evitar equívocos na formulação de pensamentos e práticas. De fato, não se pode tratar essa relação sem critérios. É preciso conhecer melhor os campos distintos e os limites, para que se possa agir com propriedade e respeitar as questões éticas que perpassam essa relação. Não obstante essa situação que expõe certa dificuldade relacional, encontramos alguns autores que se referem à proximidade entre ciências e religião/espiritualidade, conforme apontam Valle (2005), Savio e Bruscajin (2008) e Koenig (2012), entre outros. As dificuldades, portanto, para tratar da relação entre psicologia e religião/espiritualidade, em situação de morte/luto, levam-nos a pensar que estamos numa época em que somos desafiados a construir novas pontes.

Quando um psicólogo se propõe a atender uma pessoa que pratica regularmente o cristianismo católico, deve ter claro que a religião expressa uma determinada compreensão do sentido da vida (ANCONA-LOPEZ, 2008). O enfermo ou o familiar que pede a presença de um padre, diante da proximidade da morte, busca estreitar sua relação com Deus porque sente que suas forças não estão sendo suficientes para enfrentar o momento. Savio e Bruscajin (2008) falam que a preocupação com a condição humana era assumida pela religião, antes mesmo do nascimento da psicologia. Logo, as pessoas que preservam a religião encontram elementos que podem ser importantes para o enfrentamento da morte. O

atendimento psicológico pode abrir espaço para que a pessoa expresse seus sentimentos de esperança e confiança e perceba que não está sozinha. Isso é fundamental para que consiga enfrentar a situação de enfermidade e/ou a perda de um ente querido.

Ainda que na contemporaneidade haja uma tentativa de afastar a morte, a verdade é que não podemos escondê-la. Morin (2015) critica o costume de maquiar o morto com uma máscara de vivo e a ausência de rituais nos velórios e enterros. Atitudes que tentam abreviar o momento da despedida e esconder a cara da morte nem sempre trazem alívio para as pessoas enlutadas. A realização das exéquias abre às pessoas a possibilidade de expressar seus sentimentos mais doloridos diante da morte. A manifestação da dor pode ocorrer ao mesmo tempo em que as orações são recitadas. A participação nas exéquias pode ser um assunto tratado na psicoterapia com os enlutados.

É possível que as pessoas enlutadas precisem de ajuda para perceber os significados dos rituais. Além daquilo que é determinado pela religião, as pessoas podem falar dos significados que elas mesmas formularam com a realização dos rituais próprios da situação de morte. A relação do doente terminal e seus familiares com Deus, bem como a das pessoas enlutadas, pode revelar elementos muito significativos para a aceitação e enfrentamento da morte. Principalmente no caso de pessoas mais solitárias cuja rede de apoio é fraca e a religião pode ser uma ferramenta importante no processo de restauração e retomada do curso da vida.

Entre os seis artigos analisados neste trabalho, três apontam diretamente a importância da religião na situação de morte. Além desses três, um artigo faz referência à religião em situação de morte, mas não explora essa dimensão no acompanhamento psicológico.

Observamos que, ao mesmo tempo em que foi localizada nas pesquisas a importância da religião/espiritualidade, identificamos que no cristianismo católico são apresentados três momentos específicos nos quais se realizam rituais relacionados à morte. Esses três momentos não são os únicos do catolicismo, pois há outros que não foram explorados, mas foram referenciados.

Apesar dos limites desta pesquisa, observo, em minha experiência como religioso, que no luto das pessoas envolvidas nas comunidades católicas, a

experiência religiosa acompanha e oferece amparo para o contato intenso com a perda e também para o distanciamento gradual. Na comunidade, o dia da morte pode ser lembrado a cada mês, bem como o dia do nascimento e o dia do casamento. A recordação do falecido também acontece no dia das mães ou dos pais, e em outras celebrações como Páscoa e Natal. Os membros da comunidade religiosa costumam estar atentos às pessoas enlutadas em datas importantes e podem oferecer acolhida. O enlutado pode sentir-se acolhido tanto para expressar suas memórias e sentimentos, quanto para desenvolver atividades comunitárias. É possível que na experiência religiosa se realizem os movimentos descritos pelo Modelo do Processo Dual na elaboração do luto. Na comunidade cristã católica, o falecido não é esquecido, ao contrário, a dinâmica própria do catolicismo permite a lembrança e a menção clara aos falecidos, de acordo com as manifestações dos enlutados.

As pessoas que participam ativamente da comunidade religiosa realizam o duplo e livre movimento de voltar-se para a perda e de ocupar-se dos compromissos comunitários. Aos poucos, a dedicação às atividades torna-se mais frequente do que o tempo dedicado à memória do falecido, conforme tenho observado, principalmente, em viúvas. Porém são necessárias pesquisas que possam confirmar ou não a reprodução do Processo do Modelo Dual na elaboração do luto, quando se trata de membros ativos das comunidades cristãs católicas.

Este trabalho identificou a importância da religião/espiritualidade na vivência do luto e no enfrentamento da morte (CRAVINHO; CUNHA, 2015; FREITAS; MICHEL, 2014; VERAS; MOREIRA, 2012). Os rituais validam a crença religiosa de que Deus acolhe os mortos e enfatizam a pertença à comunidade de fé que pode se converter numa significativa rede de apoio.

Com o que apresentamos, nota-se que a crença religiosa do paciente pode ser explorada no trabalho dos psicólogos, principalmente quando são manifestadas pelos próprios pacientes. Trata-se de uma possibilidade de articulação entre psicologia e religião tanto na clínica psicológica quanto na investigação científica. Se um paciente expõe a importância das suas práticas religiosas, surge um aspecto, o da religião/espiritualidade, que pode ser utilizado na compreensão do funcionamento psíquico da pessoa e, conseqüentemente, nos recursos de que ela dispõe para o enfrentamento da situação.

Os rituais organizados pela Igreja Católica podem ser de grande valor na vivência de uma situação de morte. As pessoas envolvidas nessa situação, e que solicitam o atendimento religioso, podem falar do seu sofrimento a partir dos ritos realizados e atribuir significados de grande importância para lidar com a perda. A pessoa que se refere à sua dor por meio da crença religiosa utiliza a fé como recurso para ter contato com a realidade de sofrimento na qual se encontra.

Apesar de apresentarmos possibilidades de relação entre psicologia e religião, em situação de morte, temos a clareza de que o trabalho da psicologia não precisa da religião para desenvolver seus conhecimentos e técnicas. No entanto, com cautela, respeito e cuidados éticos, podemos pensar em formas de articulação que conjuguem a vivência do cristianismo católico com os conhecimentos e práticas clínicas da psicologia, principalmente quando os participantes das pesquisas e os que estão em psicoterapia, expressam suas convicções religiosas.

Certamente, no meio acadêmico, há um considerável número de pessoas que optam por não se identificar com uma denominação religiosa específica e afirmam seu ateísmo. Ainda assim, em psicologia não tem como deixar de escutar a voz dos pacientes. Mesmo sendo ateu, o psicólogo não deve menosprezar aquilo que o paciente está apresentando quando faz referência à religião. É verdade que todas as religiões apresentam seus limites e falhas, porém é preciso considerar os benefícios que a religião ofereceu e oferece a muitas pessoas. O psicólogo que fixa o olhar apenas nos erros das religiões corre o risco de não enxergar, nos elementos que dela brotam, a oportunidade de beneficiar o paciente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos à finalização do que foi proposto nesta investigação, percebemos que há uma grande lacuna ainda a ser explorada no que se refere à formação e orientação aos padres para que possam lidar melhor com a situação de morte. O que a Igreja Católica apresenta nas instruções rituais é de fundamental importância para o exercício ministerial dos religiosos. Por mais difícil que possa ser para um padre atender em situação de morte, a existência de um ritual é imprescindível para conduzi-lo na ação.

Entretanto, com este estudo, observamos que a morte pode ser vista com mais atenção e cuidado por parte dos religiosos, por se tratar de uma situação rodeada de profundo sofrimento. Os avanços da medicina podem até prolongar a vida, mas também podem prolongar o sofrimento de uma vida que não tem muitas condições de recuperação. Para lidar com a morte na contemporaneidade, é preciso conhecer o que as investigações científicas produzem, as novas propostas e técnicas da psicologia são de grande valor para a atuação dos padres. Ao conhecê-las, os religiosos podem evitar a sensação de constrangimento e decepção naqueles que os procuram.

Da mesma forma que os padres podem se aproximar dos conhecimentos da psicologia e considerá-los nos seus atendimentos em situação de morte, também aos psicólogos que pesquisam e atuam em situações de morte e luto, é importante conhecer melhor o papel da religião sobre o assunto. Todas as religiões, de alguma forma, fazem referência à morte e às crenças após a morte.

No Brasil, a tradição cristã católica tem um peso considerável na vida de muitas pessoas que vivem as práticas religiosas. Na dificuldade de lidar com a morte, essas pessoas têm a possibilidade de recorrer à clínica psicológica e à religião, que podem responder com cuidados compartilhados. Embora haja um limite entre o trabalho da psicologia e o trabalho da religião, com o devido respeito e cuidado ético, a articulação entre ambas pode se converter numa potencial ajuda às pessoas que estão vivenciando uma situação de morte. Nessa situação, acreditamos numa via de mão dupla entre psicologia e religião. Consideramos a possibilidade de ressignificar a relação com a morte e com as pessoas falecidas, a

partir da experiência religiosa. Também consideramos que a experiência religiosa pode mudar o olhar para a morte, na perspectiva de algo que dá sentido à vida.

É claro que os limites da investigação científica nos obrigam a reconhecer que este trabalho é um dos olhares possíveis para tratar da relação entre psicologia e religião, no que se refere à situação de morte. Certamente existem muitos outros olhares possíveis de investigações futuras.

Para a psicologia da religião ou estudiosos que articulam psicologia com religião e espiritualidade, observamos que a morte e o luto não estão entre os temas mais pesquisados. Neste estudo, identificamos uma lacuna sobre a morte e o luto nas pesquisas que articulam a psicologia com a religião e espiritualidade. O mesmo acontece nas pesquisas em psicologia que articulam o tema da morte e luto, cuja referência à religião e à espiritualidade é pouco explorada. Mesmo entre os artigos selecionados nesta investigação, cuja referência à morte, luto, religião e espiritualidade é presente, não há aprofundamento da relação entre morte/luto e religião/espiritualidade.

Salles (2014) afirma que cada pessoa tem seus sistemas de valores e crenças, que muitas vezes não exercem influência na juventude ou na maturidade, mas ganham poder no período terminal da vida. Para esse autor “nossa atitude perante a morte é sempre herança de nossa cultura e religião” (SALLES, 2014, p. 400). Ao tratar dessa questão do ponto de vista da bioética, esse autor defende que os profissionais de saúde adotem atitude de compreensão em relação à crença dos pacientes, pois essa atitude revela o interesse humano do profissional por aquele que está sob seus cuidados. Esse autor apresenta breves perspectivas sobre a morte e o morrer no Budismo, Espiritismo, Religiões de Matriz Africana e no Catolicismo e evidencia o cuidado, a compaixão e a misericórdia na situação de fase terminal da vida.

Entretanto, não apenas aqueles que estão morrendo, mas também os enlutados podem encontrar na vivência da religiosidade uma força que potencializa o enfrentamento da situação. Esse dado pode ser considerado tanto no processo de psicoterapia quanto nas pesquisas sobre morte e luto.

Acreditamos estar pisando num terreno pouco explorado e com temas muito delicados. Muitas pessoas não gostam de falar de morte, de luto, de religião ou de

espiritualidade, principalmente no meio acadêmico. Entretanto, trata-se de temas que estão entrelaçados à vida humana e que podem causar, além da dor e sofrimento, alívio e condições para seguir com a vida.

Tavares (2016) realizou um trabalho com 26 participantes, sendo 13 com luto normal e 13 com luto complicado. Essa pesquisa aponta que entre as estratégias de enfrentamento que se relacionam de forma significativa com a resiliência está a religião e aponta a necessidade de realizar estudos que analisem de forma mais profunda o papel da religião no luto. A religião é mencionada nessa pesquisa como a principal estratégia de enfrentamento para pessoas com luto normal e a segunda para os casos de luto complicado na população mexicana, onde foi realizada.

Neste momento, sentimos que o fechamento deste processo de investigação, na verdade, abre espaço para outras possibilidades. Todo o referencial teórico que conseguimos organizar neste estudo pode ainda ser explorado com um trabalho empírico. Temos clara consciência de que nenhum trabalho dá conta de finalizar uma investigação, mas se converte em etapas que aos poucos se juntam e consolidam o conhecimento científico sobre determinado assunto. Nesse sentido, vale recordar que há muito tempo a psicologia vem se ocupando com a morte, o luto, a religião e a espiritualidade e, no entanto, a convergência entre esses temas nas pesquisas não se revela muito frequente, pelo menos, de acordo com o que está disponível da plataforma da BVS-Psi.

Assim, é possível que este trabalho esteja na base de futuras investigações que possam realizar articulações mais específicas, como morte e religião, morte e espiritualidade, luto e religião e luto e espiritualidade, considerando a diversidade religiosa do povo brasileiro. Por enquanto, esperamos apenas que as reflexões aqui produzidas sejam, de algum modo, úteis à atuação de padres que precisam estar familiarizados com todo o esforço da psicologia para compreender melhor a morte e o morrer e desenvolver técnicas capazes de proporcionar tranquilidade, equilíbrio, redução de sentimento de tristeza, de angústia e maiores possibilidades de enfrentamento. Por outro lado, esperamos que a psicologia aproxime-se de uma compreensão mais clara da forma como a Igreja Católica compreende a morte e o morrer e organiza rituais específicos para lidar com essa situação.

Certamente, para muitas pessoas, a crença religiosa é fundamental para a vida e também quando estão diante da morte. Acreditamos que o acolhimento da religiosidade do paciente na clínica psicológica, em situação de morte, pode trazer significativos benefícios àqueles que buscam e acreditam na psicoterapia. Entretanto, devemos considerar que nem sempre a forma como o paciente vive suas crenças religiosas/espirituais pode conduzir a uma elaboração saudável no processo de aceitação da morte e elaboração do luto. Em ambos os casos, a atitude respeitosa e acolhedora do psicólogo é fundamental para que possa oferecer um real benefício ao paciente.

## REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

ANCONA LOPEZ, Marília. A espiritualidade dos psicólogos. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2008. 2ª ed.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2001.

BARBOSA, Caroline Garpelli *et al.* Morte, família e a compreensão fenomenológica: revisão sistemática da literatura. **Psicologia em Revista**, v. 17. n. 3, p. 363-377, 2011.

BASSANI, Marlise A. Espiritualidade e Meio Ambiente: Apontamentos de Uma Psicóloga Ambiental. In: ANCONA-LOPEZ, Marília e BASSANI, Marlise A. (Orgs). **O Espaço sagrado: espiritualidade e meio ambiente**. 1.ed. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2009.

\_\_\_\_\_. **Revisão bibliográfica**. São Paulo: PUC/SP. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. (Mimeo). 2015

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BLANK, Renold. **Escatologia da Pessoa: Vida, Morte e Ressurreição** (Escatologia I). 7. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

BENKO, Antonius. Um Ensaio de Exame Psicológico de Seminaristas. **Revista de Psicologia Normal e Patológica**, 2, p. 423-453, 1956.

BOWLBY, John. **Perda: Tristeza e Depressão**. Tradução: Valtensir Dutra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil**. Documentos da CNBB - 93. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros**. Documentos da Igreja - 12. Brasília: Edições CNBB, 2013.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Optatam Totius**. Decreto promulgado pelo Papa Paulo VI, em 1965. Tradução: Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1981.

CORRÊA, Diogo Arnaldo. **A concepção de Religiosidade na Obra de Viktor Emil Frankl**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP, 2013.

CRAVINHO, Camila Ramos Medalane; CUNHA, Ana Cristina Barros da. Enfrentamento da morte fetal pela enfermagem na abordagem disposicional e na Teoria Motivacional do *Coping*. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 2, abr-jun, 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. Tradução: Magda França Lopes; Revisão Técnica: Dirceu da Silva. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DUARTE, André. **Vidas em Risco: Crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. São Paulo: Grupo Editora Nacional / Forense Universitária, 2010.

FARAJ, Suane Pastoriza *et al.* Produção científica na área da psicologia referente à temática da morte. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 441-461, dez. 2013.

FRANCO, Maria Helena Pereira (Org.). **Formação e Rompimento de Vínculos – O Dilema das perdas na Atualidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. A complexidade dos cuidados paliativos e a morte na contemporaneidade. In: KAMERS, Michele; MARCON, Heloisa H. e MORETTO, Maria Livia Tourinho (Orgs.). **Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde**. São Paulo: Escuta, 2016.

FREITAS, Joanneliese Lucas de; MICHEL, Luís Henrique Fuck. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, abr-jun, 2014.

FUKUMITSU, Karina Okajima. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, 2014. p. 270-275. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0270.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

IBGE: Dados Estatísticos do Censo 2010, sobre religião. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/default\\_caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm)>. Acesso em: set. 2016.

KOENIG, Harold G. **Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. Tradução: Iuri Abreu. Porto Alegre: L & PN, 2012.

KOVÁCS, Maria Júlia. Espiritualidade e psicologia – Cuidados compartilhados. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, 31(2), abr./jun. 2007, p. 246-255. Disponível em: <[http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/53/12\\_Espiritualidade.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/53/12_Espiritualidade.pdf)>. Acesso em: 28/11/2016.

\_\_\_\_\_. Curso de Psicologia da Morte: Educação para a morte em ação. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, v. 36, n. 91, p. 400-417, jul./dez. 2016.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. Tradução: Paulo Menezes. 9. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MAGALHÃES, Gilzete Passos *et al.* Redes da vida: uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 4, agosto, 2012.

MELO, Adriana Fernandes Vieira de *et al.* A importância do acompanhamento psicológico no processo de aceitação de morte. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, abr. 2013.

MORIN, Edgar. **A Via para o Futuro da Humanidade**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Marisa Perassi Bosco. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

NEUBERN, M.S. Três Obstáculos Epistemológicos para o Reconhecimento da Subjetividade na Psicologia Clínica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n.1, 2001, p. 241-252. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0102-797220010001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-797220010001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: abr. 2015.

PAIVA, Geraldo José de (Org.). **Entre a Necessidade e o Desejo** – Diálogos da Psicologia com a Religião. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

PAIVA, Geraldo José de *et al.* Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 3, p. 441-446, 2009.

PARGAMENT, Kenneth I. **Spiritually Integrated Psychotherapy** – Understanding and Addressing the Sacred. New York: The Guilford Press, 2007.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: Estudos sobre a perda na vida adulta. Tradução: Maria Helena Franco Bromberg. São Paulo: Summus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Amor e Perda** – As Raízes do Luto e suas Complicações. Tradução: Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 2009.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, Bilê T. **Os dois nascimentos do homem**: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

ROCHA, Zeferino. A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 17, n. 3, supl. 1, set. 2014.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

SALLES, Álvaro Ângelo. Bioética e processo de religiosidade entre os pacientes com doenças terminais no Brasil. **Revista Bioética** (*on-line*), 2014, Vol. 22, n. 3, p. 397-406. ISSN 1983-8042. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361533266002>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

SAVIO, Adriana; BRUSCAGIN, Claudia. A Religiosidade na Prática Clínica: Construindo Diálogos com o Cliente Religioso. In: SAVIO, Adriana (*et al.*). **Religiosidade e Psicoterapia**. São Paulo: Roca, 2008.

SEBASTIANI, R.W.; DI BIAGGI, Therezinha Maria. Os desafios e as possibilidades da atuação do psicólogo na Unidade de terapia Intensiva. In: KAMERS, Michele, MARCON, Heloisa Helena e MORETTO, Maria Lívia Tourinho (Orgs.). **Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde**. São Paulo: Escuta, 2016.

SILVINO, Alexandre Magno Dias. Epistemologia positivista: qual a sua influência hoje? **Psicologia: Ciência e Profissão**, Vol. 27, n. 2, Brasília, jun-2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932007000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000200009)>.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk. **The Dual Process Modelo of Coping with Bereavement: Rationale and Description**. In: *Death Studies*, 23:3, 197-224, nov. 1999. Disponível em: <<http://tandfonline.com/loi/udst20>>. Acessado em jan.2017.

TAVARES, Patricia Eugenia Ornelas. Estrategias de Afrontamiento y Resiliencia em Cuidadores Primarios com duelo. In: **Psicologia y Salud**, v. 26, n. 2, Mexico, Julio-diciembre de 2016, p. 177-184.

VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2008.

VERAS, Lana; MOREIRA, Virginia. A morte na visão do sertanejo nordestino em tratamento oncológico. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.17, n. 2, maio-ago. 2012.

VERGOTE, A. Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In: PAIVA, Geraldo José de (Org.). **Entre a necessidade e o desejo – diálogos da psicologia com a religião**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 9-24.

ZILLES, Urbano. **Religiões, Crenças e Crençices**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

## ANEXO 1

### Demonstrativo da coleta de dados na Plataforma BVS-Psi

Os dados foram coletados na BVS-Psi, Base da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia/Bases Bibliográficas/Index Psi Periódicos Técnico-Científicos que reúne a literatura em Psicologia publicada em revistas. O procedimento da coleta foi realizado conforme a seguir:

#### 1. Palavras-chave: **Psicologia e morte** – 107 artigos

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **psicologia AND morte**  
 Referências encontradas : **107** [\[refinar\]](#)

#### 2. Palavras-chave: **Psicologia e luto** – 25 artigos

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **Psicologia AND luto**  
 Referências encontradas : **25** [\[refinar\]](#)  
 Mostrando: **1 .. 25** no formato [**Detalhado**]

#### 3. Palavras-chave: **Psicologia x morte x religião** – 6 artigos

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **Psicologia AND morte AND religião**  
 Referências encontradas : **6** [\[refinar\]](#)  
 Mostrando: **1 .. 6** no formato [**Detalhado**]

#### 4. Palavras-chave: **Psicologia x morte x espiritualidade** – 1 artigo

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **Psicologia AND morte AND espiritualidade**  
 Referências encontradas : **1** [\[refinar\]](#)  
 Mostrando: **1 .. 1** no formato [**Detalhado**]

### 5. Palavras-chave: **Psicologia x religião** – 167 artigos\*

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **Psicologia AND religião**  
 Referências encontradas : **167** [\[refinar\]](#)  
 Mostrando: **1 .. 40** no formato [**Detalhado**]

### 6. Palavras-chave: **Psicologia x espiritualidade** – 33 artigos

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **Psicologia AND espiritualidade**  
 Referências encontradas : **33** [\[refinar\]](#)  
 Mostrando: **1 .. 33** no formato [**Detalhado**]

### 7. Palavras-chave: **Psicologia x catolicismo** – 8 artigos

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **Psicologia AND catolicismo**  
 Referências encontradas : **8** [\[refinar\]](#)  
 Mostrando: **1 .. 8** no formato [**Detalhado**]

### 8. Palavras-chave: **Psicologia x rituais** – 03 artigos

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **Psicologia AND rituais**  
 Referências encontradas : **3** [\[refinar\]](#)  
 Mostrando: **1 .. 3** no formato [**Detalhado**]

### 9. Palavras-chave: **Psicologia x padres** – 67 artigos\*

Base de dados : **INDEXPSI**  
 Pesquisa : **Psicologia AND padres**  
 Referências encontradas : **67** [\[refinar\]](#)  
 Mostrando: **1 .. 40** no formato [**Detalhado**]

**10. Palavras-chave: Psicologia x catolicismo – 8 artigos**

Base de dados : **INDEXPSI**  
Pesquisa : **Psicologia AND catolicismo**  
Referências encontradas : **8** [[refinar](#)]  
Mostrando: **1 .. 8** no formato [[Detalhado](#)]

**11. Palavras-chave: Psicologia x Igreja Católica – 5 artigos\***

Base de dados : **INDEXPSI**  
Pesquisa : **Psicologia AND Igreja AND Católica**  
Referências encontradas : **5** [[refinar](#)]  
Mostrando: **1 .. 5** no formato [[Detalhado](#)]

**12. Palavras-chave: Psicologia x morte x catolicismo – Nenhum artigo**

Base de dados : **INDEXPSI**  
Pesquisa : **Psicologia AND morte AND catolicismo**  
Referências encontradas : **0**

**13. Palavras-chave: Psicologia x morte x ritual –Nenhum artigo**

Base de dados : **INDEXPSI**  
Pesquisa : **Psicologia AND morte AND ritual**  
Referências encontradas : **0**

**14. Palavras-chave: Psicologia x morte x padres – Nenhum artigo**

Base de dados : **INDEXPSI**  
Pesquisa : **Psicologia AND morte AND padre**  
Referências encontradas : **0**

15. Palavras-chave: **Psicologia x luto x religião** – Nenhum artigo

Base de dados : **INDEXPSI**

Pesquisa : **Psicologia AND luto AND religião**

Referências  
encontradas : **0**

16. Palavras-chave: **Psicologia x luto x espiritualidade** – Nenhum artigo

Base de dados : **INDEXPSI**

Pesquisa : **Psicologia AND luto AND espiritualidade**

Referências  
encontradas : **0**

17. Palavras-chave: **Psicologia x luto x catolicismo** – Nenhum artigo

Base de dados : **INDEXPSI**

Pesquisa : **Psicologia AND luto AND catolicismo**

Referências  
encontradas : **0**

18. Palavras-chave: **Psicologia x luto x ritual** – Nenhum artigo

Base de dados : **INDEXPSI**

Pesquisa : **Psicologia AND luto AND ritual**

Referências  
encontradas : **0**

19. Palavras-chave: **Psicologia x luto x padre** – Nenhum artigo

Base de dados : **INDEXPSI**

Pesquisa : **Psicologia AND luto AND padre**

Referências  
encontradas : **0**

20. Palavras-chave: **Psicologia x ritual** - Nenhum artigo

Base de dados : **INDEXPSI**

Pesquisa : **Psicologia AND ritual**

Referências  
encontradas : **0**

encontradas :

## 21. Palavras-chave: **Psicologia x presbíteros** – Nenhum artigo

Base de dados : **INDEXPSI**

Pesquisa : **Psicologia AND presbíteros**

Referências encontradas : **0**

## 22. Palavras-chave: **Psicologia x sacerdote** – Nenhum artigo

Base de dados : **INDEXPSI**

Pesquisa : **Psicologia AND sacerdote**

Referências encontradas : **0**

\* A coleta foi realizada em dois momentos específicos. O primeiro foi em 24/10/2016. Alguns meses depois foi realizada uma nova busca em 23/01/2017, que resultou num acréscimo de artigos com alguns descritores, conforme abaixo. Esse acréscimo, no entanto, não influenciou a seleção dos artigos, de acordo com os critérios estipulados.

	<b>Descritores</b>	<b>24/10/2016</b>	<b>23/01/2017</b>
1	Psicologia x Morte	107	111
2	Psicologia x Religião	167	172
3	Psicologia x Padres	67	77
4	Psicologia x Igreja Católica	05	06

## ANEXO 2

### Resumos dos artigos selecionados

#### RESUMO 01:

“A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso.”

ROCHA, Zeferino.

O objetivo do artigo é refletir, na perspectiva da metapsicologia freudiana, sobre alguns processos e componentes psíquicos de natureza perversa, que estão na base dos ideais dos fundamentalistas religiosos. Neste contexto, consideraremos o conceito de “narcisismo de morte” (ou “narcisismo negativo”) e sua articulação com a pulsão de morte, como também a distinção entre o Eu Ideal e Ideal do Eu para melhor compreender o modelo das “idealizações”, pelas quais os fundamentalistas religiosos sacrificam seu próprio Eu, em nome de um Eu Ideal que não é senão a projeção de suas ambições narcísicas infantis.

Palavras-chave: Fundamentalismo Religioso; Perversão; Narcisismo; Eu Ideal e Ideal do Eu.

## RESUMO 02:

“Enfrentamento da morte fetal pela enfermagem na abordagem disposicional e na Teoria Motivacional do *Coping*.”

CRAVINHO, Camila Ramos Medalane  
CUNHA, Ana Cristina Barros da

O enfrentamento (*coping*) tem sido entendido como uma ação autorregulatória de ajuste ao desequilíbrio provocado pelo estressor, sempre com função adaptativa, ainda que a estratégia de enfrentamento não seja resolutiva. Duas abordagens têm esta definição em comum - a Abordagem Disposicional e a Teoria Motivacional do *Coping*. Visando a estudar o *coping* da morte fetal, 36 profissionais de enfermagem de dois hospitais públicos responderam, individualmente, o Inventário COPE com 60 itens e uma Entrevista de *Coping* Motivacional, com 12 categorias de *coping*. Esses profissionais lidam com a morte fetal utilizando preferencialmente as seguintes estratégias de enfrentamento: Negociação, Busca de Informação, Autoconfiança e Busca de Suporte (Entrevista), e pela Religiosidade, Reinterpretação positiva e Planejamento (COPE). Discute-se a possibilidade de estudar o *coping* com base em enfoque multiteórico, a fim de ampliar a compreensão do processo de enfrentamento de condições adversas, como a morte fetal.

Palavras-chave: *Coping*; Autorregulação; Equipe de Enfermagem.

## RESUMO 03:

“Redes da vida: uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte.”

*MAGALHÃES, Gilzete Passos*  
*GONÇALVES, Giselli Renata*  
*SAWAGUCHI, Glaucia*  
*TABA, Sheila*  
*FARIA, Durval Luiz de*

O presente trabalho se propõe a abordar as fases do envelhecimento e morte dentro do processo de individuação a partir da amplificação simbólica de imagens destas etapas da vida à luz da Psicologia Analítica. Com o objetivo de relacionar tais imagens às etapas do desenvolvimento humano, notadamente às fases de fim da maturidade e encerramento do ciclo vital, realizou-se um estudo imagético e bibliográfico do envelhecimento e da morte a partir do referencial teórico da Psicologia Analítica e dos autores pós-junguianos. Para tanto, foi realizada a amplificação simbólica de imagens oriundas das artes plásticas, literatura, religião e mitologia. Os resultados do estudo indicam que as imagens relacionadas à morte guardam relação com o processo de individuação, sinalizando a necessidade de que este tema – que constitui um tabu na sociedade contemporânea – seja vivenciado de forma criativa e significativa.

Palavras-chave: Processo de Individuação; Envelhecimento; Morte; Psicologia Analítica; Amplificação Simbólica.

## RESUMO 04:

“A importância do acompanhamento psicológico no processo de aceitação de morte.”

*MELO, Adriana Fernandes Vieira de  
ZENI, Luciana Lima  
COSTA, Célia Lúcia da  
FAVA, Antônio Sérgio*

Poucos eventos na vida são capazes de isolar alguém como a progressão de uma doença potencialmente fatal. O sofrimento causado pela proximidade da morte pode ser diminuído ou aumentado por fatores psicológicos, sociológicos, culturais e espirituais. Adquirir a consciência e aceitação que a morte está próxima poderá tornar tal processo mais humano. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir a morte e o morrer, seus significados e diferenças culturais, a atuação do profissional de psicologia junto aos pacientes e seus familiares no processo de aceitação de morte. Para ilustrar as dificuldades vividas neste processo e todas as angústias suscitadas neste período, são apresentados dois casos clínicos. As observações, reflexões, intervenções e o acolhimento oferecidos no processo terapêutico podem ajudar significativamente e, de alguma forma, as pessoas podem entender, aceitar e adaptar-se à nova realidade, mas isso exige tempo.

Palavras-chave: Câncer; Assistência Psicológica; Paciente; Família; Morte.

## RESUMO 05:

“A morte na visão do sertanejo nordestino em tratamento oncológico.”

VERAS, Lana  
MOREIRA, Virginia

O estudo objetivou compreender como o sertanejo com câncer lida com a morte. Três temáticas foram entrelaçadas nesta pesquisa: a morte em seus aspectos históricos e psicológicos; a realidade histórico-cultural do homem do sertão nordestino brasileiro; e a pessoa com câncer em sociedade. Utilizou-se uma abordagem qualitativa e método fenomenológico, os instrumentos de coleta de dados foram: a observação participante e a entrevista fenomenológica. Concluiu-se que a população pesquisada percebe a morte com mais familiaridade, que as formas de enfrentamento perpassam pela fé, que a vivência do adoecimento é modulada por aspectos psicossociais e culturais e que os rituais funerários tradicionais estão sendo modificados diante de uma lógica de mercantilização da morte.

Palavras-chave: Morte; Psico-Oncologia; Psicologia Social; Fenomenologia.

## RESUMO 06:

“A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica.”

FREITAS, Joanneliese Lucas de  
MICHEL, Luís Henrique Fuck

O presente trabalho busca refletir sobre a vivência do luto materno na sociedade brasileira contemporânea, a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com três mães enlutadas. Utilizou-se o método fenomenológico de entrevistas, com uso de pergunta disparadora. A análise dos dados seguiu os quatro passos metodológicos de Giorgi. O relato das mães evidenciou diferentes temáticas, descritas por meio de dez elementos constituintes da vivência de luto materno, a saber: dor; perda de um modo de existir; espiritualidade; culpa; perda do sentido do mundo-da-vida; vontade de morrer; fragmentação dos laços afetivos; engajamento em projetos relacionados ao filho; perpetuação da memória do filho; estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto. Os resultados obtidos na pesquisa indicam que, embora o luto se modifique ao longo do tempo, a perda de um filho jamais é superada, sendo este sofrimento compreendido não mais como uma condição patológica, mas como especificidades a serem compreendidas.

Palavras-chave: Luto; Luto Materno; Psicologia Fenomenológica.

## ÍNDICE DE ASSUNTO

<b>INTRODUÇÃO, 1</b> .....	13
Trajetória Pessoal, 1.1 .....	16
Objetivos, 1.2 .....	21
Objetivo geral, 1.2.1 .....	25
Objetivos específicos, 1.2.2.....	25
<b>PSICOLOGIA, RELIGIÃO E SITUAÇÃO DE MORTE, 2</b> .....	26
Capítulo 1 – PSICOLOGIA E SITUAÇÃO DE MORTE, 2.1 .....	26
Capítulo 2 – A RELAÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA E A RELIGIÃO, 2.2 .....	38
Capítulo 3 – ORIENTAÇÃO AOS PADRES E SITUAÇÃO DE MORTE, 2.3 .....	52
O RITO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS, 2.3.1.....	62
O RITO DAS EXÉQUIAS, 2.3.2.....	64
A CELEBRAÇÃO DA ESPERANÇA, 2.3.3 .....	67
<b>MÉTODO, 3</b> .....	69
Procedimentos para coleta de dados, 3.1 .....	70
<b>RESULTADO E ANÁLISE, 4</b> .....	75
Seleção dos artigos coletados, 4.1.....	76
Procedimentos para análise dos resultados, 4.2 .....	79
Características de Identificação, 4.2.1 .....	79
Autores, 4.2.1.1.....	80
Local de realização da pesquisa, 4.2.1.2.....	81
Instituição à qual pertencem os pesquisadores, 4.2.1.3.....	82
Periódicos nos quais os artigos foram publicados, 4.2.1.4.....	83
Fluxo das publicações por ano, 4.2.1.5.....	84
Características metodológicas, 4.2.2.....	86
Características de conteúdo, 4.2.3.....	87
Observações sobre os artigos fora do critério Qualis/CAPES, 4.3 .....	91
Análise do levantamento sobre a orientação da Igreja aos padres quanto à situação de morte, 4.4.....	92
Classificação dos documentos – tipo e abrangência, 4.4.1.....	93
Características de conteúdo – assuntos destacados, 4.4.2.....	96
Síntese das publicações da Igreja – ICAR e CNBB, 4.4.3.....	99
<b>DISCUSSÃO, 5</b> .....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS, 6</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	121
<b>ANEXO 1 – Demonstrativo da coleta de dados na Plataforma BVS-Psi</b> .....	125
<b>ANEXO 2 – Resumos dos artigos selecionados</b> .....	130

*“Lembra-te, ó homem, que és pó e ao pó hás de tornar.”*

(Gn 3,19)